Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 778 Sexta-feira, 7 de Junho de 1985 Preço 40$00

Funcionários portugueses para a CEE: a corrida aos concursos começa dia 14

São cerca de 500 lugares, excepcionalmente bem remunerados, a ocupar na capital belga por via da adesão portuguesa à CEE. Os concursos interessam desde operários não qualificados (115 contos por mês) até ao posto de director-geral (850 contos) passando por dactilógrafos (200 contos). Imagine-se a «corrida» que tais ofertas de emprego vão suscitar... A partir de dia 14.

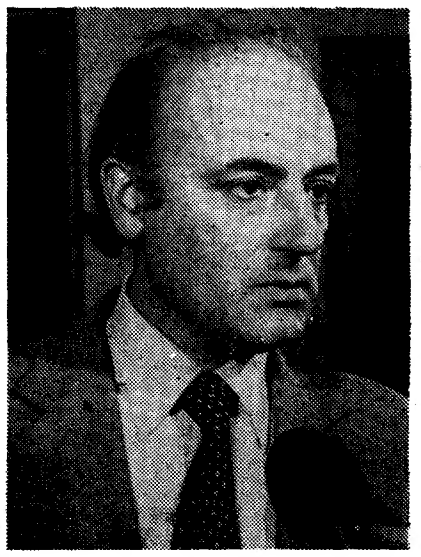
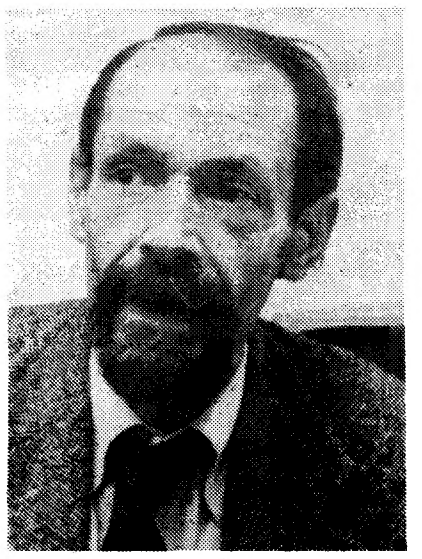
Pág. 15

Espera-se comunicação ao País na próxima semana

Soares não se demite sem acordo com Eanes

O Primeiro-Ministro só se demitirá do cargo depois de um acordo com o Presidente da República, A afirmação é do ministro de Estado Almeida Santos, numa entrevista em que afirma que Soares não se demitirá «até que ocorra uma clara convergência de pontos de vista sobre o que mais convém ao País entre ele e o Presidente da República. Entretanto, foi anunciado que Mário Soares prepara uma comunicação ao País, em princípio para o dia 14, enquanto Ramalho Eanes continua as consultas em Belém. Hoje de manhã foram recebidos os conselheiros de Estado de nomeação presidencial. Até ao meio dia já tinham estado com Ramalho Eanes, o prof. Figueiredo Dias e o eng. Nobre da Costa que abandonaram o palácio sem prestar quaisquer declarações.

Pág. 5

Magalhães Mota, Álvaro Cunhal, José Tengarrinha e Lopes Cardoso foram os quatro dirigentes partidários ontem ouvidos por Eanes

FP-25

Padre quer ser julgado sozinho

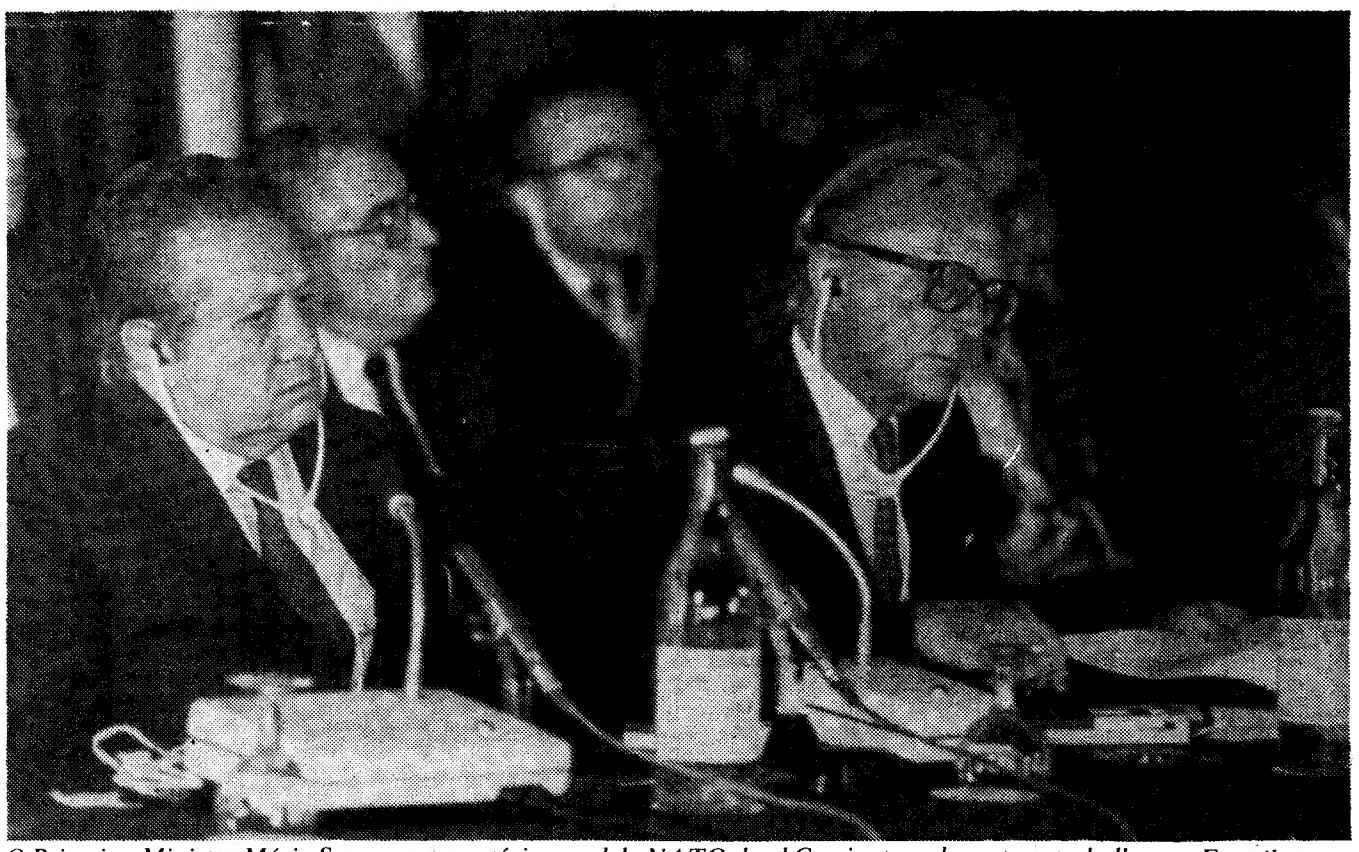
O padre Manuel Pereira Crespo, detido desde 20 de Junho do ano passado e um dos réus do caso «FP-25» deu instruções ao seu advogado para aquilatar da viabilidade de requerer julgamento em separado, segundo informa um comunicado distribuído à Imprensa pela Congregação de «Os Filhos da Caridade», de que aquele prelado é membro. No texto, historia-se todo o processo que levou à manutenção da prisão e apresentação a Juízo do padre Crespo, indicando-se ainda o movimento de solidariedade que se gerou em torno daquele padre operário num Encontro Nacional realizado em França.

Págs. 4 e 8

Polícias brasileiros mataram advogado do Porto?

Informações provenientes do Rio de Janeiro indicam que os autores da morte do advogado português Tavarela Veloso, assassinado no mês passado naquela cidade, seriam agentes da polícia local, já identificados. O móbil do crime teria sido o roubo de 400 mil dólares que o advogado se prepararia para fazer sair ilegalmente do Brasil. Segundo algumas fontes os seis polícias implicados estão detidos no Rio.

Pág. 11



O Primeiro-Ministro Mário Soares e o secretário-geral da NATO, lord Carrington, durante os trabalhos no Estoril

Terminou Conselho Ministerial

NATO aposta nas forças convencionais e ignora "guerra das estrelas"

Os Estados Unidos da América não conseguiram convencer a Europa a aceitar a «Guerra das Estrelas» do presidente Ronald Reagan. Terminados os trabalhos da reunião da Primavera, que trouxe ao Estoril os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países membros da NATO, concluiu-se que as nações europeias da Aliança Atlântica preferem os programas convencionais ao programa norte-americano do SDI. Num comunicado final distribuído esta manhã, os ministros da nato manifestam-se favoráveis a «um desanuviamento autêntico através de um diálogo construtivo e uma ampla cooperação com a União Soviética e os diferentes países da Europa do Leste, em todos os domínios». Todos se congratularam também com «as negociações de Genebra entre os EUA e a URSS».

Pág. 4

Os jovens que nós fomos

José Leitão

Não é novidade para ninguém que, devido à repressão e à censura fascistas em Portugal, nos anos 50, quem não militasse no único partido da oposição (clandestino, por razões evidentes!) tinha imensas dificuldades em encontrar livros sobre o socialismo científico, os primeiros a figurarem no index do regime. Neste aspecto, as condições eram — e de longe! — muito mais favoráveis, por exemplo, aos autóctones dos territórios sob o jugo do imperialismo francês. De facto, os nossos colegas oriundos desses países podiam, pelo menos em França, consultar, nas bibliotecas, as obras da sua predilecção ou, mesmo, adquiri-las nas livrarias.

É com profunda emoção que, este momento, evoco o sentimento de libertação que, em 1958/59 experimentei em Dacar-Senegal, então colónia francesa, quando, pela primeira vez na minha existência, observei, na livraria Renaissance Africaine, as obras dos teóricos do socialismo, entre outras. Durante esta minha primeira estadia no Senegal, pude conviver com operários senegaleses que já sabiam analisar, com segurança, a situação política do seu país e os problemas internacionais da época. Então, o general De Gaulle, presidente da França, proferira a frase célebre: «Si vous voulez l'indépendance, prenez-la avec toutes ses conséquences». No Senegal, porém, a vontade política do P.A.I. não conseguira impor-se à dos partidários do neocolonialismo. Nas restantes colónias africanas da França não empenhadas, como a Argélia, na luta armada, só a Guiné-Conacri ousara contrariar o respeitado General da França livre de outrora.

★

Então, por cá, deixara eu a política obscurantista no domínio cultural... Nas Universidades, de onde já tinham sido expulsos os intelectuais que desagradavam ao regime, só se escutava o discurso em sintonia com a ordem estabelecida. E era o mesmo bloqueio nas bibliotecas públicas! É claro que, em todas as Faculdades, continuaram a leccionar bons professores, mas raros eram já os não afectos ao regime ou que com ele tinham divergências de fundo. Quanto à Faculdade de Direito, por exemplo, queria lembar o nome do doutor Inocência Galvão Telles, que, além de bom professor, foi, também, um notável investigador e autor de livros que não perderam a actualidade.

Tal contexto constituiu um «handicap» para a formação política de muitos intelectuais cabo-verdianos da minha geração, cuja cultura geral acusava os preconceitos da ideologia colonial. Não se davam ao trabalho de investigar a verdade política lateralmente... Por exemplo, não compreendiam que em última análise era de natureza política (libertação nacional), e à semelhança das colónias «de indigenato», o problema de Cabo Verde. Contentavam-se, então, com o esquema tradicional dos «melhoramentos», ou seja, da política de fomento económico. Os mais exigentes reivindicavam o estatuto de ilhas adjacentes:...

A seguinte anedota ilustra bem a mentalidade desses intelectuais em formação... Certo dia, ao pretender um deles opor-se à ideia da independência política, argumentava em favor da sua tese invocando o miserável orçamento sempre deficitário de Cabo Verde. Ele seria o realista e eu um pobre utopista!

Pululam, ainda, por aí, os nossos velhos do Restelo que, mesmo depois do facto consumado, apregoam que Cabo Verde não tem condições para se manter independente ou inventando variantes dessa lenga-lenga. Nunca mais aprenderão a analisar objectivamente as situações connretas que surgem. Será por comodismo? Ou será por senilidade mental? Ou então por razões de classe?

★

Pretenderiam as cabeças coroadas fazer dos Pirenéus uma cortina de ferro. Por eles passaram, porém, livros, ideias e militantes revolucionários. Era, pois, vulnerável aquele contexto compacto de polícias e censores. Por isso, às nossas mãos ávidas puderam chegar alguns números da revista «Présence Africaine». De entre nós, alguns leram o «Discours do colonialismo», de Aimé Césaire, bem como o «Les étudiants noirs parlent» e outras obras de autores negro-africanos.

Gabriel Mariano e Manecas Duarte comentavam, para nós, com entusiasmo «Nations nègres e culture», de Cheik Anta Diop, enquanto Ovídio Martins nos revelava Paul Éluard e os seus primeiros poemas.

Das suas viagens a Paris, Fernando Mourão trazia livros, ideias e notícias exaltantes.

Anteriormente, à chegada a Lisboa do Gabriel Mariano e do José Araújo, mais precisamente em 1950/51, tinha sido a vários títulos benéfica a influência cultural que o autor do presente artigo sofrera, no Liceu D. João de Castro, daqueles seus colegas portugueses que mais tarde fundariam a revista «Anteu». E, no que tocava aos assuntos africanos, a influência decisiva para a sua evolução futura de um Amílcar Cabral e de um Mário de Pinto Andrade.

De assinalar, também, pelas lições assimiladas, o contacto que alguns de nós (lembro-me do José Santos) tiveram com Divacar Cocacar, que aqui aguardou por algum tempo o regresso à pátria, depois de ter cumprido em Cabo Verde a condenação por ter participado no seu país num dos «satyagrah». Como certos deportados políticos portugueses, aquele indiano não tinha sido encarcerado no Tarrafal.

★

Foi numa tal atmosfera de busca permanente de contactos e de pesquisa da verdade política nos seus vários aspectos que Fernando Mourão nos proporcionou encontros com dois intelectuais. Foi na segunda metade da década de 50 que travámos conhecimento com Léopold Shédar Senghor e Castro Soromenho. O primeiro, senegalês de cultura francesa, e o segundo, português com ascendente cabo-verdiano. Por motivações diferentes, ambos se dedicavam ao estudo da temática africana.

★

Com o poeta de «Femme Noire, Femme Nue», o encontro teve lugar na Casa dos Estudantes do Império, na Av. Duque d'Ávila, e presentes estiveram muitos estudantes africanos, entre os quais Gabriel Mariano, José Araújo e o autor deste artigo.

No dia anterior eu acompanhara o Mourão a uma breve visita àquele intelectual no Hotel Tivoli (no, então, velho edifício), onde se instalara a delegação francesa a uma conferência sobre as civilizações diferentes que decorria na capital portuguesa. Tendo, de seguida, transmitido ao Gabriel Mariano a notícia, logo nos reunimos para se decidir do livro a oferecer ao poeta.

Não foi por acaso que a escolha recaiu sobre o trabalho recém-publicado «Cabo Verde Visto por Gilberto Freyre», da autoria do dr. Baltasar Lopes da Silva. É que, a convite do Governo português, segundo se dizia, o conhecido sociólogo brasileiro fizera uma viagem pelas antigas possessões de Portugal. Disto resultara o seu livro «Aventura e Rotina», cujas considerações sobre as «coisas» de Cabo Verde, nomeadamente a língua cabo-erdiana e a cultura dos cabo-verdianos, foram alvo de críticas do arquipélago. Esperava-se mais e melhor de um cientista social da envergadura de Gilberto Freyre! E daí a resposta do filólogo cabo-verdiano tentando repor a verdade dos factos que o sociólogo brasileiro não compreendera.

Ao ser-lhe entregue o trabalho, Senghor referiu-se, em termos elogiosos, aos imigrantes cabo-verdianos no seu país, explicando-nos, em seguida, que em certas localidades do Senegal, a missa era dita em «vrioulo». Finalmente, perante todo o auditório, e a pedido deste, improvisou uma palestra sobre o ensino no Senegal e as novas perspectivas que, com a entrada em vigor da lei-quadro se abriam à luta política no Senegal.

Enfim, se a memória me é fiel, creio que era esta a ideia expressa na dedicatória subscrita pelo punhado de estudantes cabo-verdianos que aí estavam: «Ao grande poeta da negritude, ao partidário do entendimento entre os povos de diferentes raças». Nesse tempo pareceu-nos ser essa a mensagem implícita na obra poética de Senghor.

★

Castro Soromenho recebeu-nos em sua casa manifestando-nos uma simpatia que era mesmo sincera. Soubemos então que tinha ascendentes cabo-verdianos. Se me não engano, teria mesmo nascido na ilha do Fogo. Quis ele saber logo como iam as coisas em Cabo Verde. Falou-nos, depois, da França, referindo-se à viagem (ou viagens) que a esta país fizera. E, de repente, voltando-se para o Mourão, lembro-me bem deste pormenor, frisou que, em se passando os Pirenéus, desde logo, se sentia mergulhado numa atmosfera nova (política, acrescento eu!), concluindo com certa amargura na voz: !A Europa... começa aí!»

No final do encontro, ofereceu a cada um de nós um exemplar do seu romance «Viragem». De nada mais me lembro senão que estavam presentes, além do autor, é claro, deste artigo, o Fernando Mourão e o Manecas Duarte.

★

Foi, também, nessa época, que se prestou ao criador do «Chiquinho» (1), uma expressiva homenagem. Por sugestão do homenageado, o dr. Baltasar Lopes da Silva, elaborámos, no dia seguinte, o ideário do grupo que foi denominado «Nova Largada». Regra geral, as reuniões do grupo realizavam-se no meu quarto, na Rua Carlos Mardel. Araújo e eu morávamos no mesmo bairro e, por isso, depois das aulas, geralmente à tarde ou à noite, estávamos sempre juntos. O Gabriel morava, porém, em Campo de Ourique ou na Estrela. Quando o Manecas Duarte estava presente, ninguém faltava às reuniões no meu quarto. A elas assistiam, quando vinham de Mafra, no fim-de-semana, certos outros jovens cabo-verdianos que aí seguiam pela primeira vez o curso de oficiais milicianos. O Celso Estrela e o Manecas Chantre, entre outros.

Mais tarde, e quando já nos encontrávamos (o dr. Manuel Duarte e eu) em Cabo Verde, membros do grupo que, entretanto, permaneceram em Portugal e a que se juntaram outros jovens, lançavam em Cabo Verde o «Suplemento Cultural». A introdução do documento coube a Carlos Alberto Leite que, como Tchutcha Barreto, pertencia ao reduzido número de funcionários coloniais cobo-verdianos que começavam a fazer a abordagem dos problemas de Cabo Verde fora dos esquemas tradicionais.

★

O contacto diário, para alguns de nós, com os estudantes das outras ex-colónias, ajudou-nos na destruição dos preconceitos e complexos de pretensa superioridade dos cabo-verdianos em relação aos autóctones daqueles territórios. Cá fora, em certos meios, alimentava-se, de modo consciente ou inconsciente, a vaidade dos cabo-verdianos, com o «cliché» estafado de que nós somos diferentes, mais finos e outros disparates... Quer dizer, superiores do ponto de vista cultural aos outros negro-africanos! E, por inércia, muitos patrícios, iam no bote. Não tinham chegado ainda a Portugal os trabalhadores emigrados...

Também nesse aspecto, a CEI foi uma autêntica universidade para os que, com assuidade, a frequentavam. Conheci, então, um ou outro estudante cobo-verdiano que, pelo facto de ter feito em Angola os seus estudos liceiais, já não eram portadores desses preconceitos ridículos. Penso, desde logo, no José Araújo.

Por outro lado, mantivemos, também, as melhores relações com os nossos colegas portugueses. E sem os complexos que nas colónias, geralmente, afectavam o relacionamento entre os representantes dos colonizadores e os colonizados. Constituíram-se, então, amizades sinceras que nem o tempo, nem as vicissitudes da luta política, conseguiram, em alguns casos, afectar.

A convite de colegas pro-

Continua na pág. 10

JOVENS PUDESSEM...

Elsa Correia,
16 anos,
empregada de escritório

"A ocasião faz a pessoa"

— Há quanto tempo trabalha?
— Há cerca de seis meses.
— Foi difícil encontrar emprego?
— Não, para mim foi relativamente fácil, porque tinha conhecimentos familiares.
— Concorda com a política de «cunhas»?
— Concordar não concordo, mas como precisava de emprego...
— Sente-se satisfeita?
— Sim, agrada-me o serviço, a todos os níveis.
— Estuda?
— Não.
— Mas já estudou...
— Sim, estava a fazer o 9.º ano, mas desisti antes de o acabar.
— O seu dia de trabalho foi afectado pela greve dos transportes?
— Foi, particularmente de manhã.
— Qual a sua opinião sobre a greve?
— Acho que é um mal necessário, porque apesar de nos prejudicar é feita por haver motivos para isso.
— A greve é um direito que assiste a todos os trabalhadores?
— Penso que sim, consoante a greve que for e o propósito porque é feita.
— Como ocupa os tempos livres?
— Presentemente com a minha filha.
— É difícil educar uma criança sendo tão nova?
— A meu ver não, a ocasião faz a pessoa.
— Que futuro vê para a sua filha?
— Com os tempos que correm não vejo um futuro lá muito risonho.
— Como está o País?
— Está mal, péssimo.
— Porque afirma isso?
— Porque tenho olhos para ver, boca para falar e ouvidos para ouvir.
— Uma conquista do 25 de Abril.
— Sim, ao menos agora as pessoas podem exprimir-se à vontade, sobre qualquer assunto.
— Gosta de cinema?
— Gosto bastante, principalmente de filmes de acção e enredo.
— Porquê essa preferência?
— Talvez porque também sou uma pessoa muito activa.
— Costuma ver cinema português?
— Sim, embora com menos frequência.
— Qual a sua opinião sobre ele?
— Acho que são à portuguesa.
— O que quer dizer com essa afirmação?
— são filmes praticamente sem história, ou então baseados em livros sem enredo.
— Se pudesse governar o que começava por mudar?
— Não sei, há tanta coisa mal... mas talvez começasse a dar mais aos pobres e facilidades de emprego aos jovens.
— Como faria?
— Alertava as autoridades para esse assunto.
— Acha que elas não estão a par do que se passa?
— Penso que estão, mas fazem-se esquecidas.

Contradições e dificuldades no caminho de Abril

«Nunca ninguém se perdeu,
Tudo é verdade e caminho»

Fernando Pessoa

Nenhum dia perdido nestes anos. Nem as pessoas individualmente consideradas, nem as nações na sua realidade histórica se perdem, ou perdem anos, ou dias, ou horas. Na transição da opressão para a liberdade nenhuma hora foi perdida. Na transição do «império» para a «nação-povo» nenhuma hora da História se perdeu, ninguém se perdeu na acção ou na reacção, no agir ou no reagir. Os homens percorrem caminhos diversos, mas todos os caminhos são caminho.

A transformação da sociedade portuguesa, iniciada a 25 de Abril de 1974, sob a bandeira da democracia aberta, plural, participada, não está concluída. Nem ficará concluída com a assinatura de um tratado que nos vincula a um projecto comunitário europeu. Um projecto de construção europeia que divide a Europa. Da qual são excluídos os Estados ditos do «socialismo real», e, também, democracias de capitalismo avançado e países onde sociais-democracias ciosas de seus projectos autónomos alternam com liberais e conservadores segundo os resultados e o ritmo dos actos eleitorais.

Nem o processo de transformação e de modernização da sociedade portuguesa ficará encerrado com qualquer avanço «restauracionista», trate-se, embora, como vem sendo reclamado de uma nova «revisão constitucional» destinada a expurgar a Constituição de Abril das «conquistas de Abril». O processo de transformação da sociedade portuguesa é um curso histórico longo, complexo, contraditório, com avanços, paragens, recuos. Irreversível?

A palavra correu, teve uso e abuso. É criadora de enganos. Leva a supor que se alcançaram vitórias repousantes ou se sofreram derrotas irremediáveis. Dois erros paralelos, na realidade. A própria dialéctica da transformação social mostra que não há um curso histórico linear, sem contradições. O movimento tem que vencer inércias. O avanço dá lugar a resistências. A História é movimento para as metas que os homens elegem como objectivos de acção, mas não tem uma **meta**, um ponto final, um remate conclusivo. De Abril se dirá o que Sérgio disse da **democracia:** é «marcha para a Esquerda».

Não pretendemos desmobilizar a intervenção no quotidiano com uma apologia da continuidade, em circunstâncias complexas, com contradições que podem ser profundas, com intervalos, ou recuos, que podem ser dramáticos, do processo de transformação da sociedade portuguesa, uma vez vencido o bloqueio económico, social e político que, por um longo período, o regime salazarista constituiu. A História terá que ser construída pela acção dos homens. Acção essa que faz parte do processo histórico natural, ou que se integra na acção social historicamente condicionante e historicamente condicionada.

O «restauracionismo», como resistência económica, social e política, como tentativa de reconstituição económica, social e política (do «antigamente»), existe. Diremos mesmo: existe e não desiste. Muda de campo e de bandeira. É populista, social-democrata, demo-cristão, liberal, conservador, ultramontano, partidário, umas vezes, da evolução no quadro da legalidade, partidário, outras vezes, da operação ofensiva, revanchista.

Nos últimos tempos, ora a pretexto das eleições presidenciais, ora a pretexto de manutenção da estabilidade governamental, ora contestando a política de «Bloco central», a ofensiva «restauracionista» assumiu proporções de campanha sistemática e planeada. É a «parte económica» da Constituição, são as «referências ao socialismo», é o «sistema político-constitucional», é o «relacionamento institucional» — motes diversos que o discurso contestatário glosa na diligência branda (como «os nossos costumes») ou impetuosa (como a ansiedade de os que têm interesses em jogo) de inverter o curso histórico, de erguer novo bloqueio à marcha libertadora, emancipadora, progressista. E ouvem-se vozes que clamam a favor do «regresso» ou, simplesmente, claras ou roufenhas, entoam as velhas canções.

Estamos a pagar as ilusões do triunfo fácil. É da História. Triunfador, Aníbal abandonou-se às delícias da vitória, em Cápua. Foi o seu erro. Não existem «delícias da vitória» a título definitivo; ao guerreiro social e político, mais, talvez, que ao guerreiro militar, não é consentido o repouso. A vida é luta. E nenhuma palavra de ordem mais verdadeira do que aquela que nos diz: «A luta continua.»

Quem estiver consciente de que tal como sucede com a vitória, também a derrota não é definitiva; quem estiver consciente de que o recuo táctico não compromete, em definitivo, o avanço estratégico; quem não tiver perdido a perspectiva histórica de que, historicamente, «nunca ninguém se perdeu», poderá, nas contradições do percurso, conhecer, ou reconhecer, que, na verdade, os caminhos são caminho.

Não repousamos na «irreversibilidade» proclamada em relação ao curso novo, complexo e contraditório, em Abril iniciado; sabemos, por conhecimento da experiência histórica, e avaliando a situação nacional, que não é viável, em termos absolutos, o «regresso». Sabemos que as forças do Trabalho e da Cultura são poderosas, que é impossível, no tempo longo da História, governar contra os trabalhadores e os criadores, contra as forças que produzem, modificam, renovam, inovam, imaginam, criam.

Do facto de sabermos que paragens e recuos são correlativos dos avanços no processo histórico, nasce o relativo optimismo que insufla estas notas cursivas. Não cremos, todavia, que sem o esforço concreto e quotidiano, sem sereno debate e diálogo franco, sem informação e sem esclarecimento, seja possível reunir o potencial de intervenção cívica e de participação cívica que é necessário para prosseguir a jornada encetada pelo Povo de Portugal em 25 de Abril de 1974.

Adesão à CEE: duas crises que se juntam

Blasco Hugo Fernandes

Em círculos verdadeiramente empenhados num desenvolvimento constante e autónomo dos países ou, pelo menos, não propensos à reprodução tanto quanto possível alargada das situações resultantes da actual divisão internacional do trabalho, reconhece-se hoje em dia a necessidade de se ter na devida consideração a especificidade socioeconómica e cultural dos espaços a desenvolver. Com base em diferentes análises e estudos já realizados, pode presentemente dizer-se que, onde tal não tenha acontecido, o desenvolvimento tem ficado comprometido ou por não conseguir romper caminho logo à partida ou por se bloquear em período de tempo relativamente curto. A prevalência do conceito de endogeneidade nas estratégias de desenvolvimento tem sido justamente defendida nos últimos tempos, e admite-se que os resultados negativos registados na generalidade dos países em vias de desenvolvimento e a própria crise das economias capitalistas mais desenvolvidas se centram na sua subestimação. É o que sucede no caso português. Já anteriormente (1), analisando o problema da nossa integração na Comunidade Económica Europeia (CEE) sob outros ângulos, aduzimos razões que, a nosso ver, demonstram aquele facto e consequentemente a sua inconveniência para a economia e para a sociedade portuguesa. Outros motivos se podem, naturalmente, acrescentar.

Desvalorização das potencialidades

Com efeito, é conhecido o peso que as Pequenas e Médias Empresas e Explorações Agrícolas (PME's) têm na nossa economia tanto a nível global como em cada um dos seus sectores, qualquer que seja a perspectiva porque se considere a apreciação da estrutura empresarial (número de empresas, volume e valor da produção ou postos de trabalho). Uma estratégia de desenvolvimento económico e social do País que se queira correcta, eficaz e, portanto, adaptada às realidades nacionais, terá necessariamente de integrar tais unidades de produção, embora numa fase posterior tenha de imprimir a sua reestruturação, no âmbito de um planeamento democrático e participado. Tal necessidade promana não só do facto de aquelas empresas contribuírem significativamente para a economia nacional, mas também por terem aptidões e capacidade que não estão ainda esgotadas. Tratar-se-ia, no fundo, de concretizar uma política mobilizadora do que P. Baran (2) classificou como «excedente económico potencial».

A livre implantação no território nacional de empresas estrangeiras que o Tratado de Roma faculta (com tecnologias e produtividades superiores às das empresas portuguesas), a concorrência dos produtos comunitários e dos de proveniência externa à Comunidade (resultantes dos laços contratuais com os Estados do Maghreb e Machrek e do sistema de preferências generalizadas com os países em vias de desenvolvimento) serão sem dúvida factores de instabilidade a desaguar na rotura das nossas estruturas produtivas. Transcorrida que esteja a fase inicial da euforia resultante dos fundos comunitários canalizados para Portugal, em ordem a satisfazer determinados objectivos no período de transição — que naturalmente serão distribuídos selectivamente numa perspectiva, decorrente da própria estrutura económica e sociopolítica, de reprodução e reforço das actuais relações sociais de produção — antevêem-se crescentes falências de empresas que não conseguirão enfrentar o «choque comunitário» e o engrossamento do exército de desempregados.

Num espaço alargado de maior confronto entre fortes e fracos, o liberalismo económico intracomunitário favorece os primeiros e oprime os segundos. O proteccionismo (neste caso nacional) seria libertador! A recusa, verificada nos últimos oito anos, em optar por uma planificação democrática e participada da economia portuguesa tem como contrapartida a subordinação ao exterior, a perda da independência nacional, a reinserção do nosso país no movimento geral do capital europeu (e internacional). Sem compensações, se encararmos o problema do desenvolvimento numa perspectiva de todo o universo português.

Importação da crise geral

Duas circunstâncias adicionais justificam as reservas e oposições manifestadas à entrada de Portugal na CEE. É de referir em primeiro lugar a relativa incapacidade da Comunidade em assegurar um desenvolvimento equilibrado global e de cada um dos seus membros, acentuando pelo contrário as diferenças regionais não só entre países como também dentro de cada um deles. A título de exemplo citaremos apenas as enormes disparidades de rendimento agrícola entre regiões na actual Comunidade de «10»: na verdade, relativamente à média comunitária (= 100), o valor acrescentado líquido das explorações por unidade de trabalho agrícola oscilou, em 1981-1982, entre 31 e 250 (Fonte: **Réseau d'Information Comptable Agricole** da CEE). As diferenças socioeconómicas têm igualmente sido marcantes: no que se refere ao indicador atrás mencionado, a distanciação entre grupos de dimensão económica das explorações (pequenas, médias e grandes, caracterizadas segundo um critério económico definido pela CEE) variou, naquele mesmo período de tempo e de acordo com a fonte citada, entre 1 e cerca de 8.

Dentro do referencial em que estamos abordando o problema não se pode também deixar de apontar a crise em que a CEE se acha mergulhada como um novo argumento justificando a oposição ao nosso ingresso na Comunidade na medida em que, em termos objectivos, esta se torna pouco ou nada promitente, sem grande credibilidade para realizar, como projecto, saltos qualitativos significativos quer para si própria globalmente quer para as suas partes integrantes. Na verdade, se se comparar a evolução da produção industrial na CEE, nos EUA (que entrou recentemente, por factores meramente circunstanciais, numa aparente fase de recuperação), e no Japão (que continua a apresentar sinais de expansão), servindo como base o ano de 1975, por exemplo, constata-se que a CEE de «10» é das três zonas a que exibe menor progresso industrial, revelando sintomas tendenciais de agravamento. O consumo público e privado tem evidenciado relativa estagnação ou acha-se em recessão, o mesmo acontecendo com o investimento. O desemprego tem vindo a aumentar: na CEE de «10», a taxa, expressa em percentagem de desempregados na população activa civil, passou de 2,4% em 1973 para 10,7% em Agosto de 1984, totalizando nesta data os 12,4 milhões de desempregados. A percentagem de jovens com idade inferior a 25 anos no total de desempregados atingiu, em Junho de 1984, os 40% (na CEE de «9», não incluindo, portanto, a Grécia). Embora ligeiramente atenuadas nos últimos tempos, as taxas de inflação e, sobretudo, as diferenças registadas sobre este aspecto entre os membros da Comunidade, têm tido reflexos negativos no relacionamento desta com o exterior (Fontes: CCE, **Rapport sur la situation dans la Communauté**, 1984 e OCDE, diversas publicações).

Esta crise económica geral da Comunidade Económica Europeia vai certamente repercutir-se negativamente no corpo económico e social português. Constitui este mais um motivo que, associado aos que anteriormente foram referidos, nos leva a afirmar que da CEE não sopram, de facto, bons ventos. Com a integração de Portugal neste espaço, uma crise (a nossa) se soma a outra (a da Comunidade). E nas crises quem se aproveita é quem detém as alavancas do poder económico e sociopolítico em suas mãos gerindo-as em benefício próprio. Portugal carece de um caminho diferente que permita edificar a sua economia de uma forma autónoma, norteada pela satisfação crescente das necessidades da população. Caminho esse, de resto, consagrado na Constituição da República Portuguesa onde se incumbe o Estado de desenvolver relações económicas com todos os povos, garantindo a independência nacional e os interesses dos habitantes e da economia do País.

---

(1) «Diário de Lisboa» **de 31-/Out./84 e de 6/Abr./85**

(2) «The Political Economy of Growth», **N.Y., M.R.P., 1957, pg. 151.**

Entre os incriminados no caso das "FP-25" há desacordos processuais

Segundo informações que reputamos idóneas, mas das quais não obtivemos confirmações por compreensíveis dificuldades de contactar os visados alguns dos presos por suspeita de envolvimento nas actividades das «Forças Populares 25 de Abril» que pertenciam à direcção do partido político legalizado Frente de Unidade Popular (FUP), teriam manifestado a intenção de se desligarem das suas anteriores responsabilidades.

Entre os responsáveis da FUP, neste caso, encontrar-se-ia o dirigente Pedro Coulart. Os nomes de Humberto Machado e de Manuel Crespo são também citados como os de membros da FUP em desacordo com outros militantes acusados no processo movido contra as «FP-25». Na sua qualidade de incriminados no processo das «FP-25», Pedro Goulart, Humberto Machado, Manuel Crespo e outros, não estariam de acordo com o sistema de defesa e o requerimento relativo à intervenção de jurados apresentado pelo advogado de um certo número de presos.

Ao que parece uma estratégia da condução do processo teria sido elaborada no exterior da prisão e à revelia dos militantes políticos mais destacados que figuram entre os incriminados deste processo. O pedido de constituição do júri não tem a concordância de muitos advogados, entre eles o dr. Romeu Francês, advogado do tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho. A nomeação de jurado viria ainda atrasar o julgamento. Há réus presos àcerca de um ano.

"Não tem legitimidade"

Governo não deve assinar acordo de adesão à CEE

— *afirmou Cunhal em Lamego*

O Governo demissionário «não tem o direito nem a legitimidade» para assinar o acordo de adesão de Portugal à CEE, afirmou Álvaro Cunhal, no comício do PCP no teatro Ribeiro da Conceição, em Lamego. Segundo o líder comunista a assinatura do tratado de adesão no mosteiro dos Jerónimos, constitui «uma afronta e um ultraje aos restos mortais dos portugueses ilustres que repousam no local».

Ainda sobre a mesma questão, o dirigente comunista considerou grave que a generalidade dos portugueses não conheça as condições em que esse acordo foi efectuado e afirmou que a indústria e a agricultura «sofrerão rudes golpes» com a entrada de Portugal na CEE.

Encontro em Viseu

Cerca de duas centenas de quadros do PCP aprovaram ontem, em Viseu, uma moção a exigir a demissão imediata do Primeiro-Ministro e do Governo, a dissolução da Assembleia da República e a convocação de eleições antecipadas.

A moção refere que a ruptura da coligação PS-PSD e a queda do Governo são «fundamentalmente o resultado do rotundo fracasso da política governamental e da gritante incapacidade do Governo para dar resposta aos problemas nacionais».

O documento aprovado durante o encontro (presidido por Jaime Serra da comissão política do PCP e com representantes de 18 dos 24 concelhos do distrito) aponta como tarefa prioritária a realização de eleições legislativas antecipadas.

Quanto às próximas eleições autárquicas o documento refere como estratégia a seguir a planificação das tarefas eleitorais preparatórias e a apresentação de listas APU em todos os municípios e em 250 assembleias de freguesia do distrito.

«O pacote antiautárquico do Governo PS-PSD que pretende reduzir em 1438 o número de eleitores do distrito criou uma situação nova e maiores exigências no trabalho preparatório do partido», afirma-se no documento.

Soares: «o derrotado»

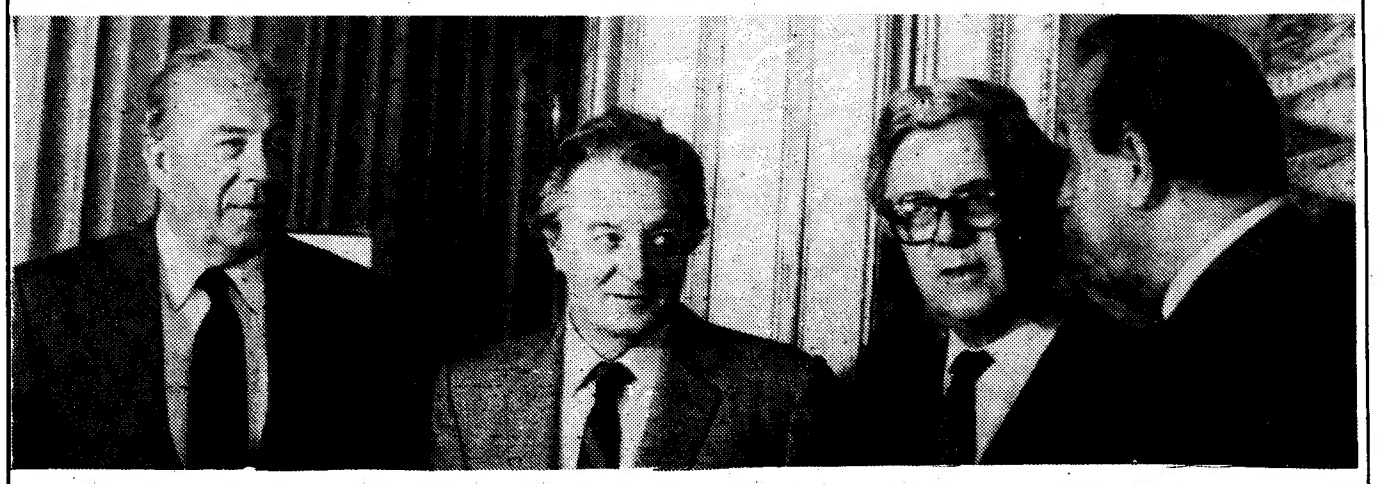
Em declarações à ANOP, no final do encontro, Jaime Serra contestou a legitimidade do Governo PS-PSD, considerando que «caiu com a coligação que lhe deu origem». Apontou Mário Soares como «o grande derrotado», acrescentando que o PCP não reconhece legitimidade nem dignidade ao Governo para assinar o tratado de adesão à CEE «por desconhecer no fundamental o alcance e as consequências da adesão».

«Mário Soares não esperava estar demissionário no dia 12, data da assinatura do tratado. Esperava apresentar esta operação como rampa de lançamento para conseguir anunciar a sua candidatura a Belém», concluiu Jaime Serra.

LOJAS VENDEM-SE

NO CENTRO COMERCIAL EM ODIVELAS
PREÇOS DESDE 1300 CONTOS

INFORMA TELEFONE 981 16 53



Shultz, Dumas, Howe e Genscher

Reunião dos ministros da NATO termina hoje

EUA perdem com a Europa a "guerra das estrelas"

Os Estados Unidos renunciaram ontem aos esforços para conseguirem que os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países membros da NATO, que se encontram desde anteontem reunidos no Estoril, apoiassem o programa do presidente Ronald Reagan conhecido por «Guerra das Estrelas», devido a uma sólida posição francesa. Um alto funcionário norte-americano disse aos jornalistas, depois do primeiro dia de reuniões, que os franceses apenas queriam dar relevo à existência de investigação sobre defesas contra mísseis, no comunicado final de hoje.

«Se foi impossível conseguir que ele fosse apoiado, não faria muito sentido fazer qualquer referência a ele», acrescentou a mesma fonte.

Sobre o mesmo assunto, um outro funcionário francês disse não se dever pôr a questão de apoiar a iniciativa de Defesa Estratégica dos Estados Unidos (SDI ou popularmenre conhecida por «Guerra das Estrelas») depois de o presidente François Mitterrand a ter condenado na cimeira económica das sete nações, realizada em Bona, o mês passado. Outros diplomatas europeus garantiram, entretanto, que os ministros da Aliança Atlântica farão sim uma declaração geral de apoio à posição norte-americana nas conversações de Genebra com a União Soviética, sobre desarmamento. Resta saber se depois os EUA considerem isso como um apoio indirecto à sua posição sobre a militarização do espaço.

De acordo com outras fontes diplomáticas, a França não teria sido o único país relutante em dar apoio público ao SDI. A Dinamarca, a Noruega e a Grécia também colocaram reservas. Recorde-se que os ministros da Aliança Atlântica, que se reuniram no passado mês de Marco, no Luxemburgo, no âmbito do seu grupo de planeamento nuclear, apoiaram calorosamente o programa de investigação norte-ameicano como sendo «no interesse da segurança da NATO». Agora, os diplomatas ocidentais consideraram que a Aliança recusou relativamente a essa posição.

Posição dos EUA

Uma fonte norte-americana disse, entretanto, que o secretário de Estado, George Shultz, iria telegrafar (ainda ontem à noite) para o presidente Reagan com o objectivo de lhe transmitir o que fontes europeias afirmam ser o ponto de vista unânime dos aliados, segundo o qual Washington deverá continuar a aderir ao tratado SALT II sobre armas estratégicas. Este consenso parece ter-se registado depois de Shultz ter explicado as opções, numa primeira sessão restrita dos ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO e ter pedido as respectivas opiniões.

Num telex da agência NP revela-se, entretanto, que o secretário de Estado norte-americano enviou (ou pelo menos pensava enviar ontem à noite) a Ronald Reagan uma mensagem em que revelava o reconhecimento pelos países aliados da necessidade de se «fazer alguma coisa» quanto às violações soviéticas do tratado SALT II. Um alto funcionário da administração de Reagan disse durante um encontro que teve ontem com jornalistas norte-americanos, no qual esteve também presente a agência portuguesa NP, que durante as reuniões ministeriais de Shultz com Geoffrey Howe e Hans-Dietrisch Ghensher foi analisada a «delicadeza» da questão.

«Não podemos ignorar as violações soviéticas, mas ao mesmo tempo não queremos estragar um processo de negociações em curso», afirmou. «Os aliados — acrescentou — reconhecem a necessidade que temos de fazer alguma coisa, porque tem conhecimento das violações soviéticas».

Posição de Carrington

Esta notícia veiculada pela NP, citando o funcionário norte-americano, contradiz que o secretário-geral da NATO, Lord Carrington, disse durante uma conferência de Imprensa, dada ontem no Estoril. Segundo o responsável máximo da Aliança Atlântica, alguns países europeus receiam os efeitos que um eventual desrespeito pelos Estados Unidos do acordo SALT II poderia produzir nas negociações de desarmamento de Genebra. Durante a sua intervenção na conferência de Imprensa, nunca Lord Carrington se referiu às «violações» soviéticas do acordo. «O tipo de ansiedades que os europeus sentem a esse respeito é idêntico ao que se detecta nos próprios Estados Unidos», acrescentou.

Na reunião com os jornalistas, Carrington escusou-se a produzir comentários acerca dos temas que iriam estar em foco durante a reunião no Estoril. Todavia, lembrou desde logo que as relações Leste-Oeste dominariam os trabalhos, como parece, de resto, terem dominado. Pelo comunicado final que será distribuído hoje à tarde e pelo que foi dito na Conferência de Imprensa que deverá estar a decorrer à hora do fecho desta edição deverá ficar a saber-se que assuntos foram privilegiados nesta reunião da Primavera da Aliança Atlântica.

Para Lord Carrington este ano «foi um ano bom para a Aliança». Referiu-se também ao regresso da URSS às negociações sobre desarmamento, em Genebra, e congratulou-se com essa circunstância. Disse também que o diálogo não pode estar confinado às superpotências, uma vez que países membros da NATO têm desenvolvido contactos políticos com a União Soviética e países da Europa do Leste.

«Gostaria de poder relatar algumas propostas construtivas da União Soviética a este contínuo movimento de redução dos arsenais nucleares ocidentais», concluiu o secretário-geral da NATO.

A Espanha e a NATO

Entretanto, à margem dos trabalhos ministeriais sobre os principais assuntos constantes da agenda da reunião da Primavera o secretário de Estado norte-americano aceitou o princípio da negociação da redução das tropas norte-americanas estacionadas em Espanha. Num encontro que os chefes das diplomacias dos dois países tiveram, houve divergências quanto à oportunidade de as negociações se realizarem. Segundo a NP, George Shultz não quis avançar no debate sobre a redução dos efectivos norte-americanos pretendido pela parte espanhola, argumentando não ser este o momento indicado.

A posição do governo espanhol é a de que essas negociações se devem efectuar imediatamente, ao contrário dos EUA que pretendem aguardar os resultados do referendo sobre a presença da Espanha na NATO, previsto para Fevereiro do próximo ano. Fernando Moran considerou que os dois assuntos são independentes. Terá ainda argumentado que a presença de tropas dos EUA em bases situadas no território espanhol se verifica no âmbito do tratado de amizade e cooperação existente entre os dois países e não no quadro da Aliança Atlântica. Por isso, o governo de Espanha estaria na disposição de avançar rapidamente com as negociações tendo em vista a redução de tropas norte-americanas.

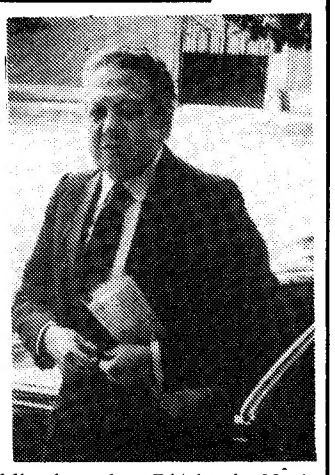
Entretanto, a Espanha não assinará o comunicado final da reunião à semelhança do que sempre fez em outras reuniões anteriores, Madrid, que não faz parte da estrutura militar da NATO coloca habitualmente reservas ao texto do comunicado final, pelo que não o subscreve.

Gama e o SALT II

Jaime Gama disse também na reunião restrita dos MNE's que a não observância do tratado SALT II pelos EUA teria um «efeito desestabilizador» sobre a negociações com a União Soviética e sobre as opiniões públicas europeias. Fontes diplomáticas portuguesas revelaram que Gama sublinhou ontem à tarde, durante os trabalhos, que «as violações soviéticas ao tratado não constituem razão suficiente» para os estados decidirem o seu não cumprimento. Só George Shultz parece, no entanto, ter compreendido o contrário.

Em resposta à crise aberta pelo PSD

Soares prepara comunicação ao País



O Primeiro-Ministro deverá falar ao país no próximo dia 14, a propósito da situação política e da crise desencadeada pela saída dos ministros sociais-democratas do Governo, que se formalizará nesse dia.

De hoje a oito dias dias já estará assinado o tratado de adesão de Portugal à CEE e, por outro lado, estarão mais adiantados os contactos entre Soares e o Presidente da República, sendo possível que então o Primeiro-Ministro já conheça as posições de Eanes quanto à resolução da crise governamental.

Mário Soares tem-se mantido em completo silêncio nesta fase e as posições do PS, foram assumidas pelos seus órgãos de direcção — Comissão Permanente e Comissão Política — e pelo ministro de Estado, Almeida Santos, primeiro numa conferência de Imprensa, já hoje numa entrevista publicada pelo semanário «O Jornal» e num artigo de opinião dado à estampa no «Diário de Notícias».

Para a Comissão Política do PS, a situação criada pela direcção do PSD «de acordo com a lógica parlamentar e o sistema constitucional vigente, pode ter como desfecho a dissolução da Assembleia da República e a realização de eleições legislativas no prazo de três meses», estando o País neste momento numa grave crise de incerteza institucional».

Almeida Santos, por seu turno, durante a conferência de Imprensa realizada na terça-feira, depois da reunião da Comissão Permanente na qual Soares não participou, repetiu diversas vezes que em democracia o Governo só acaba quando é substituído e que as soluções possíveis terão de ser ponderadas pelo Presidente da República antes de 14 de Julho, data limite para poder exercer os poderes de dissolução do Parlamento.

Ao semanário «O Jornal», O ministro de Estado Almeida Santos assegura que o primeiro-Ministro não se demitirá, ou pelo menos não o fará «até que ocorra uma clara convergência de pontos de vista sobre o que mais convém ao País entre ele e o Presidente da República».

Do conjunto destas afirmações parece decorrer um cenário em que a Assembleia será dissolvida e o Governo substituído mas só na data limite de 14 de Julho, realizando-se eleições parlamentares antecipadas ainda antes das presidenciais, isto apesar da convicção, nos meios socialistas de que os resultados poderão não ser muito diferentes dos verificados em 83.

PS denuncia PSD e Cavaco

Se os últimos dias dão elementos para compreender o desenvolvimento da situação política, por outro lado eles testemunharam as primeiras reacções do PS contra o PSD.

A Comissão Permanente do PS divulgou um violento comunicado acompanhado por uma série de documentos denunciando as posições do PSD.

Num texto intitulado «Esclarecimento, Necessário», revela-se que o PS, das nove exigências formuladas pelo PSD, concordou com cinco e discordou, parcialmente apenas, de quatro — não assinatura do tratado de adesão à CEE, pedido de autorização legislativa pra debater revisão da legislação laboral, questão dos indivisos e alteração da legislação eleitoral para as autarquias.

De resto, sublinha o PS, substancialmente havia acordo quando às matérias de legislação laboral (segundoAlmeida Santos, depois de alteração da «inaceitável» proposta do ministro Amândio de Azevedo) — e sobre o pacote agrícola, excepto na questão dos indivisos.

Mas, acrescente-se, já outros consensos estavam criados— nas garantias de isenção da Comunicação Social estatizada, nas nomeações para cargos públicos apenas condicionadas a critérios de competência, na apresentação de uma proposta de lei destinada a fazer baixar os impostos sobre juros de depósitos a prazo, na diminuição das necessidades de financiamento das empresas públicas e, finalmente na execução de um programa de desinvestimento nestas instituições.

Em respostas às exigências do PSD, numa das reuniões cimeiras entre os dois partidos, os socialistas tinham apresentado 14 «reivindicações» — duas eram «questões prévias»: reiteração do acordo de coligação e complementos, empenhamento dos dois partidos na coligação Nenhum deles obteve do PSD qualquer aceitação.

As outros doze, que contemplavam medidas sectorias, nomeadamente destinadas a permitir o relançamento económico que o Governo defende neste período, foram aceites, tendo o PSD levantado apenas reservas «formais e de pormenor».

Com a divulgação destes documentos, pretendeu a direcção do Partido Socialista responsabilizar quem «interrompeu, perante o gáudio da direcção do PCP, uma experiência governativa democrática apta para dar resposta aos problemas nacionais e para prosseguir com êxito as tarefas de modernização da economia tornadas indispensáveis para a integração de Portugal na CEE».

A não assinatura do tratado de adesão da CEE esteve já na origem de uma polémica entre os dois partidos. O PS divulgou o texto das propostas do PSD e que diziam (sic) — «Não assinar o Tratado de Adesão à CEE em 12 de Junho se...». Mas o texto divulgado na passada terça-feira pelos sociais-democratas, publicado pelo «Diário de Notícias» e hoje pelo semanário «O Jornal» dá uma outra versão, mais «soft»: «Ponderar a assinatura do tratado de adesão», se não for possível chegar a uma solução que garanta a defesa dos interesses nacionais quanto aos pontos de carácter técnico ainda em aberto».

Finalmente, durante uma reunião da Comissão Política do PS, realizada na noite de quarta-feira, foi aprovado um documento em que se acusa o PSD de estar, desde o Congresso da Figueira da Foz, empenhado numa estratégia clara de reconstituição de um bloco de direita.

Na quarta-feira, Soares esteve reunido com o Presidente da República para analisar a situação política durante mais de uma hora. No entanto, manteve o silêncio tanto à entrada como à saída do Palácio de Belém. Mas ontem, na inauguração da Feira da Agricultura, admitiu que poderia permanecer primeiro-ministro para além da data da adesão à CEE. «Se as circunstâncias o permitirem».

Reacções à crise de Governo

CDS já defende legislativas ou presidenciais antecipadas

«Realização de eleições presidenciais ou legislativas antecipadas» é a saída para a crise — considerou em Madrid, ao correspondente da ANOP o líder do CDS, Lucas Pires. O presidente centrista que se encontra na capital espanhola a assistir aos trabalhos do XXII Congresso da «União Europeia-Democrata-Cristã frisou que tal saída resulta da necessidade de «uma intervenção saneadora do Povo, pois, de outro modo, a situação prestar-se-á a todas as manipulaçõs e degradações».

Na opinião do líder do CDS as «soluções cinzentas, provisórias e complexas têm demasiados custos económicos e sociais e, além disso, é difícil imaginar as tréguas que suporiam até às presidenciais».

Por outro lado, «a partir de 13 de Junho tem que se puxar o comboio da integração europeia com convicção, e para já Portugal vai estar na cimeira de Milão da CEE, decisiva para o futuro europeu, sem qualquer política».

Lucas Pires disse que «o CDS já está preparado para eleições gerais», e anunciou que «combateremos para liderar um novo Governo e uma nova maioria».

Sobre as causas da actual crise política, Lucas Pires opina que «a rutpura entre o PS e o PSD deu-se entre outras razões, porque a coligação tinha medo de enfrentar a integração europeia de Portugal, por não ter preparado o país para isso».

«Além disso, — acrescentou — estamos prestes a necessitar de um novo orçamento suplementar e a coligação não tinha a coragem para se enfrentar com os custos da sua própria política».

Na opinião de Lucas Pires é isso que explica a deserção» do Governo, pois não sei quem enganou quem, mas sei que os dois partidos da coligação enganaram o país».

Pintasilgo contra eleições antecipadas

Lurdes Pintasilgo declarou por seu turno (em entrevista ao semanário «O Jornal») ser favorável à nomeação de um Governo de gestão até às eleições presidenciais. A candidata a Belém manifestou-se contra a dissolução da Assembleia da República e legislativas antecipadas.

«As eleições legislativas realizadas antes das presidenciais, quando muito, mudavam o cenário mas não iriam mudar os protagonistas», afirmou.

Lourdes Pintasilgo é de opinião de que só as eleições presidenciais possibilitarão um novo quadro político, frisando que «é exactamente por isso» que se candidata.

UDP

Para a UDP «é preciso prosseguir a luta para pôr o Governo na rua e gerar um forte movimento para a candidatura única das oposições contra os candidatos de direita».

Num comunicado divulgado na sequência de uma reunião do Secretariado do Conselho Nacional da UDP, são enunciadas como «reivindicações populares» a fazer, o «pagamento imediato dos salários em atraso, o congelamento dos preços dos artigos de primeira necessidade, não à assinatura dos acordos com a CEE, retirada de todos os pacotes legislativos e revogação dos acordos deste Governo com o FMI».

A UDP condena ainda a reunião da NATO no Estoril, considerando-a «uma ingerência nos assuntos internos de Portugal» e protesta contra o «aparato policial e regressivo que a rodeia destinado a aterrorizar os cidadãos».

João Jardim

Segundo João Jardim, a «queda da coligação PS/PSD não surpreende, tal como não surpreende a queda de qualquer outra coligação, no presente sistema político-constitucional.

Jardim acrescentou que desde 1976 vem «dizendo que o sistema político não serve e que é preciso substituí-lo por outro na medida em que o sistema não recupera o país, as dificuldades avolumam-se pelo que, obviamente, qualquer coligação entra em dificuldades pois os seus parceiros procuram lavar a face atirando culpas para o outro».

Partidos foram a Belém

Dissolução: uns querem, outros não

Com as audiências esta manhã aos conselheiros de Estado por si designados — Figueiredo Dias, Nobre da Costa, Henrique de Barros e Miguel Galvão Teles, na sequência das consultas já feitas aos «leaders» partidários, o Presidente da República terá concluído um ciclo de contactos que visam a recolha de elementos para a decisão que inevitavelmente terá que tomar em relação à crise desencadeada pela ruptura da coligação governamental.

Ontem a Presidência da República divulgou um comunicado, lido pela porta-voz Joaquim Letria, mas que nada adianta quanto às possíveis soluções do Presidente. Trata-se de um comunicado de rotina, em que a Presidência dá conta das audiências com os partidos políticos, diz que o Presidente da República aproveitou as audiências para informar as respectivas delegações dos resultados da sua recente visita à China e à Jugoslávia, anunciando ao mesmo tempo que manterá a sua agenda habitual de trabalho já estabelecida, de que se destaca hoje uma deslocação ao Porto para presidir à conferência internacional «Os portugueses e o mundo». Diz ainda que o Presidente actuará constitucionalmente logo que a ruptura da coligação se consumar.

PCP — Dissolução e novo governo

Dos quatro grandes partidos com assento na Assembleia da República só o PCP ainda não tinha sido recebido em Belém, o que aconteceu ontem. A sua posição quanto à saída para a crise política já é conhecida mas, no final da audiência com o Presidente da República, ao contrário do que tem acontecido noutras alturas, em que o «leader» comunista remete os jornalistas para os eventuais comunicados que a Presidência venha a emitir, Álvaro Cunhal foi muito concreto ao afirmar impor-se «a formação de um governo com duas funções fundamentais — gestão dos negócios correntes do Estado e assegurar a democraticidade do processo nas futuras eleições previsíveis».

Cunhal revelou que sintetizara ao Presidente da República a posição do seu partido em três observações: «a ruptura da coligação PS-PSD culmina um processo que se desenrola há dois anos no qual entraram três elementos fundamentais; o agravamento da situação económica e financeira, social e política, a desestabilização geral e o vigoroso movimento democrático popular exigindo a demissão do Governo».

O secretário-geral do PCP disse ainda que «o Governo que se constituiu como Governo de coligação submetido à apreciação da Assembleia da República, com base numa maioria de coligação, deve ser demitido porque, uma vez dissolvida essa mesma coligação, não há legitimidade para ele » e que «se o Primeiro-Ministro não pedir a sua demissão, será obrigatoriamente demitido».

MDP — Governo de gestão

Idêntica posição defendeu José Manuel Tengarrinha, presidente do MDP/CDE, ao afirmar que propôs ao Presidente da República a dissolução da Assembleia da República e a formação de um Governo de gestão com representantes de todos os partidos com assento parlamentar.

Na óptica do MDP/CDE as razões que estão por detrás desta crise são questões de táctica presidencial e, portanto, diferentes perspectivas em relação às presidenciais por parte do PS e do PSD. Tengarrinha referiu, ainda, uma «má política governamental e o descontentamento existente em relação a isso», e que ambos os partidos «demonstraram em toda esta crise que são incapazes de defender, fundamentalmente, os interesses do Estado e nacionais», defendendo, apenas, «os interesses partidários e mesmo os de ambição pessoal».

UEDS — contra a dissolução

Posição diferente tem a UEDS. Lopes Cardoso, ao contrário do que aconteceu com os restantes líder recusou-se a prestar declarações aos jornalistas à saída de Belém, remetendo-os para as conclusões da reunião da comissão política do seu partido que ontem se realizou.

Sabia-se, e sabe-se, depois dessa reunião, que a UEDS é contra a dissolução do Parlamento. Por causa disso, houve já um lamentável incidente no hemiciclo de S. Bento entre os deputados César Oliveira e Carlos Carvalhas.

A atitude de Lopes Cardoso em contraponto com a dos restantes líderes» partidários, justifica uma reflexão: que razões terão levado os outros a falar e Lopes Cardoso a ficar calado? Será que o dirigente da UEDS terá captado durante a reunião algo da sensibilidade do Presidente da República que aponte para a dissolução?

A solução apontada pela UEDS é que Ramalho Eanes promova «um Governo capaz de dar resposta aos problemas com que o País se defronta (e se não compadecem com adiamentos) e de assegurar a isenção dos próximos actos eleitorais». Quanto à eventual dissolução da Assembleia da República, afirma que, «para além de nada permitir prever que essas eleições antecipadas conduziriam a uma alteração significativa do quadro parlamentar, elas constituiriam uma grave hipoteca sobre o mandato do futuro Presidente da República».

ASDI — dissolução provável

Magalhães Mota, líder» das ASDI considerou «provável» que eleições antecipadas possam ser a única alternativa para ultrapassar a crise política e recordou que Mário Soares afirmou, nas últimas eleições legislativas, que não queria formar um Governo minoritário.

«Se Mário Soares mantiver, passados dois anos, esta posição, afirmou Magalhães Mota, a situação política estará bloqueada e só eleições antecipadas a poderão resolver».

Recorde-se que Magalhães Mota é uma figura que tem andado bastante próxima do Presidente da República e com quem este mantém contactos regulares.

PONTO A PONTO

O Presidente da República preside no dia 28 de Junho, na Leirosa (Figueira da Foz) às comemorações dos vinte anos da CELBI — soube a ANOP junto da empresa de celulose.

Ramalho Eanes assistirá, naquele dia, à abertura das novas instalações de descasque mecânico de madeiras.

A CELBI, Celuloses da Beira-Litoral, emprega 706 trabalhadores.

ACABA de ser criada a Ordem de Camões, que, como ordem nacional, se destina a distinguir e a galardoar serviços relevantes prestados por pessoas singulares ou colectivas nacionais ou estrangeiras à cultura portuguesa, à sua projecção no Mundo, à conservação dos laços dos emigrantes com a mãe-pátria, à promoção da língua portuguesa e à intensificação das relações culturais entre os povos e as comunidades que se exprimam em português. O respectivo decreto, emanado da Assembleia da República, é hoje publicado na folha oficial.

O Governo suíço já deu o «agreement» à nomeação do embaixador Nataliel Costa para chefiar a representação diplomática portuguesa em Berna, disse à NP uma fonte do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Nataliel Costa é, actulamente, director-geral dos Serviços de Acção Cultural do ministério.

A Força Aérea Portuguesa comemora, no próximo dia 1 de Julho, o 33.º aniversário da sua criação, como ramo independente das Forças Armadas.

Para assinalar a efeméride, a FAP vai levar a efeito um vasto programa de comemorações integrado na já tradicional «Semana da Força Aérea» que este ano decorre na Beira Interior, entre 23 e 30 de Junho.

PS/PSD: um divórcio litigioso

O Congresso do PSD da Figueira da Foz marcou a inevitabilidade da separação. O PS sabia-o, mas desejava um divórcio «por mútuo consentimento». Disse-o José Luís Nunes, o líder parlamentar socialista, que, por dever de profissão, tão bem conhece os custos de um divórcio litigioso. Mas o PS escolheu um parceiro volúvel e turbulento, disposto a desfazer casamentos quando a miragem de novas «alianças» se perfigura no horizonte. E o resultado está à vista.

Terça-feira, na Assembleia da República, o espectáculo teve o seu lado trágico. Mas, também, houve «gags» que fariam morrer de inveja os melhores humoristas da nossa praça. E não nos referimos à cena de confrontação física que levou a vias de facto César Oliveira (UEDS) e Carlos Carvalhas (PCP). Isto, caro leitor, acontece com bastante frequência nos Parlamentos mais circunspectos dessa Europa que alguns dizem tão carinhosamente estar connosco.

Os momentos de hilariedade podiam muito bem começar com a intervenção do agora vice-presidente da Comissão Política do PSD, Correia Afonso. Este deputado subiu à tribuna e, num discurso de nove páginas, pretendeu convencer a Câmara, e através dela o País, que, após dois anos de Governo com o PS e de cinco de ininterrupta permanência no poder, não tem culpa de nada. Nem do falhanço da coligação, nem da situação do País e, muito menos, da não-implementação das «medidas estruturais».

Ficámos a saber que, há dois anos, que os sociais-democratas «gritam bem alto» a necessidade de cumprimento do acordo. E que, a esses brados, «responsáveis», do PSD, retorquia o PS com «uma resposta fácil, favorável, concordante». Mas, afinal, concluia o deputado social-democrata, «eram só palavras».

Toda esta intervenção foi salpicada de palavras como «ética», «transparência» ou defesa dos «interesses nacionais».

Uma outra coisa espantosa revelou Correia Afonso: quem pôs fim à coligação não foi o PSD, como todos pensávamos. Quem o fez foi o PS por estar empenhado na «campanha presidencial do seu candidato».

Dez candidatos

E de nada valeu a José Luís Nunes vir a terreiro dizer que, afinal, o PS ainda não tinha publicamente discutido a questão das presidenciais. O PSD sim, é que já tinha tido «cinco, ou melhor, dez candidatos» à Presidência. E, ante o manifesto exagero do último número, o líder parlamentar socialista acrescentava, com alguma ironia, que «era para não correr o risco de esquecer algum». E recordou Mota Amaral, Alberto João Jardim, Firmino Miguel, Pinto Balsemão...

E, depois, como que a dizer «saímos, mas pela esquerda», José Luís Nunes afirmava: «Se os senhores nas leis laborais querem despedimentos selvagens, nós dizemos que não». E, num outro plano: «Se querem favorecer a reconstituição selvagem do latifúndio, nós somos contra».

Mas outros deputados colocaram questões concretas a Correia Afonso. Carlos Brito (PCP) quis saber se, ante a saída dos membros do PSD do Governo, Mário Soares não se devia demitir; se a situação criada não torna «inadmissível» a assinatura do tratado de adesão às comunidades; enfim, perguntou o deputado comunista, que soluções preconiza o PSD para a saída da crise?

Correia Afonso não quis revelar a estratégia do seu partido. Reservou-a para o Presidente da República a quem prometeu contar tudo. Mas considerou ser desejável a demissão do Primeiro-Ministro e a assinatura do tratado de adesão à CEE.

Helena Cidade Moura (MDP) interrogou sobre se o «descalabro da política de educação se deve ao PS» uma vez que têm sido ministros do PSD os responsáveis pelo sector.

Acácio Barreiros acusou os sociais-democratas de estarem empenhados num candidato de outros e de, à boca da adesão à Europa, estarmos «a exportar um espectáculo ridículo».

Ainda pelo PS, José Lello disse, a certa altura, que o PSD era «useiro e vezeiro» neste tipo de actuações. Ou seja: quando há dificuldades «dá às de vila-diogo». E em jeito de gozo: «Diogo? Mas quem é que falou em Diogo»?

Comparações

Mas, pela manhã dentro, ainda foi possível ouvirmos a indignação do deputado António Capucho ante as comparações que o «Portugal Socialista» (órgão oficial do PS) fez entre a figura de Cavaco Silva e a do ditador Salazar. «Não admitimos, nem toleramos comparações com ditadores», advertiu.

Ou César Oliveira (UEDS) perguntar porque é que Correia Afonso não fez o epitáfio da coligação no dia 14, ou seja, depois do PSD deixar o Governo? E garantiu que, em seu entender, «aqui há gato escondido com rabo de fora».

Depois foi a declaração política do deputado comunista Jerónimo de Sousa. Comunistas que apostam, a fundo, em eleições legislativas antecipadas e no aparecimento de uma nova formação política que altere o quadro parlamentar.

Pretendem, para já, a «formação de um Governo que assegure o respeito pela legalidade democrática, ponha termo à política desestabilizadora que estava em curso e assegure a preparação, em condições de estrita isenção e democraticidade», do acto eleitoral.

Jerónimo de Sousa garantiu que, a partir de agora, «nada vai ser como dantes» e que a «resistência popular» foi o «factor determinante para travar, adiar a desarticular o plano contra-revolucionário do Governo PS-/PSD». Quanto à adesão à CEE, o PCP defende que o Governo «não tem legitimidade para assinar acordos» que, além do mais, «negociou nas costas do povo». Exige saber o que se passou em Bruxelas para se manter a data prevista para a assinatura do tratado (aprazada, como é sabido, para o próximo dia 12) uma vez que, «em relação ao «dossier agrícola», e ao montante de 150 milhões de contos a pagar por Portugal ao Orçamento Comunitário, surgiram posições de intransigência por parte de alguns países membros».

E lançam uma interrogação final: «Quem cedeu a quem? A que preço?».

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 53/85

«FORNECIMENTO DE 2 A 3 VIATURAS TIPO JEEP PARA O BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS DE LISBOA».

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», são aceites na 1.ª Repartição – Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente ao fornecimento acima indicado, com a base de licitação de 5 850 000$00. (Processo n.º 5/85/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 146 250$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/960.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, no Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa, sita na Avenida D. Carlos I, Lisboa, das 9,30 às 12 e das 14 às 17,30, onde pode ser adquirido o caderno de encargos e prestados todos os esclarecimentos técnicos.

Igualmente está patente a documentação do referido concurso na 1.ª Repartição – Armazéns e Imprensa Municipal, situada na Avenida 24 de Julho, 171, dentro das horas normais de expediente.

A abertura das propostas realiza-se às 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. (O sábado não é considerado dia útil).

Paços do Concelho de Lisboa, em 15 de Maio de 1985

O PRESIDENTE da Câmara Municipal,

Nuno Krus Abecasis

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública — Direcção Operacional Distribuição Sul

CENTRO DISTRIBUIÇÃO ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Avisam-se os consumidores de energia eléctrica em baixa tensão que, devido a trabalhos a efectuar nas instalações desta empresa, se procederá à interrupção do forneimento de energia eléctrica, nos locais e períodos abaixo mencionados, no próximo dia 9/6/85 (domingo).

CONCELHO DE ALMADA:

Almada (Figueirinhas e Rua Elias Garcia), Cacilhas (Cacilhas e Ginjal) das 6h00m às 14h00m. Cacilhas (Rua António Nobre, trazeiras do n.º 7 em Cacilhas) das 7h00m às 14h00m. Cova da Piedade (Av. da Liberdade) das 7h00 às 10h00m.

CONCELHO DO BARREIRO:

Av. do Bocage (entre a Rua Miguel Bombarda e a R. Almeida Garrett), Rua Almeida Garrett (entre a Av. Bocage e a Praceta Filinto Elísio), Praceta Filinto Elísio, Rua Gonçalo Zarco, Rua Teresa Borges, Rua D. Paulo da Gama e Rua 5 de Outubro (entre os n.ºs 1 e 29, e os blocos A, B e C desta rua), no Barreiro, das 8h00m às 13h00m.

CONCELHO DE SESIMBRA:

Santana (Corredoura) das 7h00 às 14h00m.

Por motivo de segurança, durante o período de interrupção de fornecimento de energia, as instalações deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

Direcção Operacional Distribuição Sul
Centro Distibuição Almada

O responsável

Almada, 5 de Junho de 1985

José Resende Nascimento

UM NOVO LIVRO DE
Urbano Tavares Rodrigues

OCEANO OBLÍQUO

Uma lufada de ar fresco na literatura.
Um oceano de sensações... onde você mergulhará com prazer.

EUROPA-AMÉRICA...
...a memória no futuro

Em ALJUSTREL o Diário de Lisboa vende-se no CAFÉ ALIANÇA

Em mensagem aos emigrantes

Eanes abordou implicações da adesão à CEE

O Presidente da República afirmou em Lisboa que a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia «abre novas perspectivas aos emigrantes portugueses nos países membros da CEE».

«A sua situação de trabalhadores estrangeiros, a cujas regras, por vezes rigorosas, têm estado submetidos, serão alteradas», passando a ser-lhes «reconhecido igual estatuto ao dos trabalhadores dos países de acolhimento», acrescentou Ramalho Eanes.

Na sua mensagem aos emigrantes, no dia das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades, o Presidente da República salientou também que a adesão à CEE «implica uma responsabilidade acrescida». «Hoje as tarefas que se nos deparam não são menos árduas», disse Eanes após recordar serem os portugueses «homens cuja história tem sido feita de desafios».

«Estas tarefas — sublinhou — «exigem de nós a mesma vontade e inteligência que as de outrora». «Para as nossas comunidades de todas as outras partes do Mundo» além da Comunidade Europeia — «não deixará, certamente, de ser motivo de júbilo que o seu país, regressado ao espaço original, tenha sabido compreender que a dimensão geográfica dos Estados não é uma fatalidade mas, pelo contrário, um permanente estímulo ao progresso económico e social».

Dirigindo-se aos emigrantes, o Presidente da República afirmou ter chegado «a época de Portugal olhar um pouco mais de frente a Europa, libertando-se definitivamente do medo antigo de sermos uma pequena terra encravada entre a Espanha e o mar». «Portugal reconhece, sem amargura, que há um caminho a percorrer para que o nível de vida dos portugueses seja comparável ao dos cidadãos dos países que constituem a Comunidade em que brevemente se irá incluir» — disse. Mas também sabe que a sua experiência do Mundo enriquecerá o velho continente nos valores do diálogo e da fraternidade que sempre foram nosso apanágio» — acrescentou.

«Estou certo que desta nova fase da vida da Nação, os que nos sucederem dirão que foi apenas mais um desafio vencido no nosso percurso comum, e Portugal será então um país onde todos os portugueses poderão encontrar um lugar para viver e uma tarefa para cumprir» — concluiu Eanes.

Passámos ao lado do sonho de Pessoa

A obra de Fernando Pessoa é extremamente crítica em relação à sociedade portuguesa em todos os seus aspectos — cultural, político, religioso, metafísico, afirmou ontem o prof. Eduardo Lourenço que falava na conferência «Os Portugueses e o Mundo» que hoje termina no Porto.

Na sua intervenção, Eduardo Lourenço, depois de indicar que o poeta olhava para o seu próprio país «de fora para dentro e de dentro para fora», postura que lhe vinha da influência sobre a sua formação intelectual da cultura inglesa, sublinhou que Fernando Pessoa insurgia-se «contra a nossa decadência e atraso e sonhava com um Portugal que fosse Portugal, como a Inglaterra era Inglaterra». Por isso, para Eduardo Lourenço os desígnios do poeta nunca foram cumpridos e, assim, «passámos ao lado do sonho de Pessoa».

Na sua intervenção sublinhou ainda que o que diferenciava o poeta da «geração de 70» era o facto de não considerar que a decadência e atraso eram inelutáveis. «O mais intelectual e de maior grau de lucidez dos nossos poetas criticava com amor o seu país e os homens e instituições do seu tempo e não foi nunca apologético, nem mesmo na «Mensagem», em que apenas está implícito um convite a uma depuração, a uma reinstauração da autenticidade e organicidade da sociedade portuguesa», precisou Eduardo Lourenço.

Saneamento básico até 1990

Água e esgotos necessitam de 90 milhões de contos

O secretário de Estado do Ambiente, Oliveira Fernandes, empossou anteontem (Dia Mundial do Ambiente) a Comissão Instaladora da Área da Paisagem Protegida da Arrábida Fóssil da Costa da Caparica, considerada rara em Portugal e que se estende até à lagoa de Albufeira numa zona onde actualmente se instalam várias dezenas de casas de construção clandestina.

A comissão empossada foi criada em 1984 e integra representantes das Direcções-Gerais das Florestas, do Turismo, do Planeamento e Urbanismo, do Ordenamento, do Fomento Marítimo, Câmaras de Almada e Sesimbra, Serviço Nacional de Reservas e Conservação da Natureza.

No âmbito da efeméride decorreram em Lisboa as Quartas Jornadas do Ambiente, cujos participantes concluiram que «o lançamento da Década Internacional de Aguas de Abastecimento e Saneamento, em 1980, veio encontrar Portugal numa situação bastante desfavorável, revestindo características particularmente graves nas zonas rurais». O documento saído das reuniões referidas ainda que o cumprimento, no nosso País, dos objectivos expressos pela Década da Água» implica dispor de um plano de médio prazo que permite dotar com sistemas de abastecimento de água e esgotos cerca de 80 por cento da população, o que representa um investimento, a preços de 1980 de cerca de 90 milhões de contos».

O documento reconhece «a importância das águas subterrâneas no conjunto dos recursos hídricos e a necessidade de proteger os equíferos que, embora mais protegidos que os cursos de água superficiais, uma vez poluídos, só dificilmente são recuperáveis».

Angústia Desespero Solidão

54 45 45 centro S.O.S. voz amiga

uma voz amiga estará contigo

Carteira profissional passada em segunda via após recurso ao CI

O Sindicato dos Jornalistas decidiu, agora, emitir a segunda via de uma carteira profissional, um ano passado sobre a data em que tal lhe foi pedido e depois de recurso do interessado para o Conselho de Imprensa.

Este organismo, a quem compete salvaguardar a liberdade de Imprensa, mandou arquivar o recurso, considerando, no entanto, que o actual conselho deontológico do sindicato «reparou uma situação ilegal» ao rectificar a iniciativa do anterior, «mas não reparou os eventuais prejuízos que tenha causado ao jornalista».

Trata-se da primeira vez que o Conselho de Imprensa é chamado a avaliar um recurso sobre decisão sindical em matéria de carteira profissional, justificando-se a emissão do parecer, apesar de o recurso ser arquivado em virtude da mudança de decisão do sindicato, por ter havido «ofensa pelo sindicato dos direitos de um jornalista».

O processo iniciou-se em Junho do ano passado quando o referido jornalista necessitou que lhe fosse passada segunda via do título profissional, dirigindo-se, para o efeito, à entidade emissora, o SJ, de que, então, era associado.

Nos termos da lei, sem a carteira é interdito o exercício da profissão de jornalista.

Em resumo: o jornalista em questão era suspeito de «fazer publicidade radiofónica». O jornalista desmente: nara, em suma, fica provado.

Assim sendo, considera a propósito o Conselho de Imprensa: «ora se não foi possível esclarecer a situação do requerente da carteira, esta não lhe podia ter sido negada».

Como aliás, lhe não foi negada, depois da devida ponderação.

"Prémios de Jornalismo Rei de Espanha"

A Agência EFE e o Instituto de Cooperação Iberoamericana acabam de constituir, com carácter anual, os seguintes prémios de jornalismo:

«Prémio Americano de Jornalismo Rei de Espanha», ao melhor trabalho relacionado com o V Centenário do Descobrimento da América, no valor de um milhão de pesetas; «Prémio Internacional de Jornalismo Rei de Espanha de Imprensa» (800 mil pesetas); «Prémio Internacional de Jornalismo Rei de Espanha de Televisão» (800 mil pesetas); «Prémio Internacional de Jornalismo Rei de Espanha de Rádio» (800 mil pesetas); e «Prémio Internacional de Jornalismo Rei de Espanha de Fotografia» (600 mil pesetas).

Podem candidatar-se a estes prémios jornalistas de nacionalidade portuguesa cujos trabalhos tenham sido publicados na Imprensa ou transmitidos pela Rádio ou Televisão de língua espanhola ou portuguesa, entre 1 de Julho de 1984 e 30 de Junho de 1985.

A decisão do juri será divulgada no próximo mês de Outubro.

Os concorrentes deverão entregar os seus trabalhos na delegação da Agência EFE em Portugal, Largo da Rosa, 7, 1100 Lisboa, ou enviados directamente à sede central da agência, Calle Espronceda, 32, Madrid 28003.

Dos trabalhos correspondentes à Imprensa e Agências Noticiosas deverão ser entregues nove exemplares ou cópias coladas em folhas de dimensão «folio» 21x31 cm).

Das fotografias ou reportagem fotográfica deverão ser entregues nove cópias de dimensão 18x24 cm, a cor ou a preto e branco, acompanhadas de um recorte ou fotocópia da publicação e da indicação de título e da data da mesma.

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ACÇÕES DE FISCALIZAÇÃO EM TODO O PAÍS PARA DETECÇÃO DE SITUAÇÕES IRREGULARES

ATENÇÃO esta circunstância trar-lhe-á graves problemas.

NUNCA FAÇA ISTO!!!

SEGURANÇA SOCIAL

Participação de jurados divide advogados

Caso FP-25: padre Crespo pede julgamento em separado

O padre Manuel Pereira Crespo, detido no âmbito das operações policiais desenvolvidas contra as «Forças Populares 25 de Abril» deu instruções ao seu advogado para aquilatar da viabilidade de requerer julgamento em separado, «a fim de se pôr termo à prisão injusta e escandalosa de que sofre há quase um ano», sublinha um comunicado emitido pela Congregação Religiosa Filhos da Caridade.

O texto relata a situação daquele sacerdote desde que, a 20 de Junho do ano passado, foi detido, até à denúncia, posteriormente negada, de um dos detidos. Assim, o comunicado indica que ao padre Crespo não foi exibida ordem de captura, conforme os preceitos da lei processual penal, nem indicados pelo juiz instrutor, que validou a prisão, quais os factos de que era acusado. Pretendendo, como aliás é seu direito, apenas prestar declarações com a presença de advogado, só a 1 de Outubro é que o magistrado instrutor lhe tomou declarações, em diligência que pretendeu apurar se o padre Manuel Pereira Crespo conhecia dois indivíduos, igualmente réus no processo, se recrutara um deles para a organização e se a casa do Instituto dos Filhos da Caridade, na Cova da Piedade, era local de refúgio ou de reunião.

Indícios com datas indeterminadas

Concluída a Instrução Preparatória, o Ministério Público considerou existirem indícios suficientes do envolvimento daquele prelado com as «Forças Populares 25 de Abril», nomeadamente a promoção e presença, de 80 a 84, em datas indeterminadas, de reuniões daquela organização, bem como o recrutamento de um dos implicados no processo. Neste ponto, a acção do padre Crespo era apontada como sendo de ligação entre a «estrutura legal» das FP's, a «Frente de Unidade Popular», e a respectiva estrutura clandestina.

No entanto, durante a instrução contraditória, foi verificada que a acusação do Ministério Público se baseava na denúncia de um dos detidos que, mais tarde, a 7 de Dezembro do ano passado, se retratou daquelas imputações, mantendo que o padre Crespo, ao que supunha, pertenceria à FUP, o que não encontra nos autos qualquer indício probatório. Por isso, de acordo com o comunicado da Congregação Religiosa de que o padre é membro, a acusação definitiva abandonou a factualização constante do articulado provisório e tenha atribuído ao padre Crespo intervenção no sector cooperativo que alegadamentte existiria nas «FP 25». Esta tese funda-se no facto de se encontrar o nome «Crespo» num manuscrito que terá sido apreendido a um dos arguidos, relativo a uma reunião, de âmbito organizacional ignorado, de representantes de trabalhadores de empresas, onde, para além de se apontar a necessidade de intervenção num Encontro Nacional Cooperativo, se referiam, num parêntesis intercalar, vários nomes entre os quais o de «Crespo».

A acusação, sublinha a nota, pretende completar este indício com o facto de, entre várias dezenas de nomes, se encontrarem na agenda pessoal do padre Manuel Pereira Crespo os números de telefones de um trabalhador da Lisnave, empresa onde o prelado trabalhou até Novembro de 82, bem como de activistas sindicais do estaleiro, os quais são réus nos autos. Daí que a circunstância do padre Crespo estar pronunciado para julgamento se deva exclusivamente ao facto de não ter requerido, em diligência de instrução contraditória, a prestação de declarações perante o magistrado instrutor, ao que foi aconselhado pelo seu advogado devido à parcialidade evidenciada nos autos pelo mesmo juiz e «o desígnio persecutório que o tom genérico e infundado das acusações que lhe eram imputadas claramente demonstrava». Em substituição daquele procedimento foi decidido interpor recurso para o Tribunal de Relação de Lisboa que não se chegou a pronunciar aguardando a pronúncia, «para proferir então, decisão meramente formal, em que considerou já não poder conhecer de mérito por se estar em nova fase processual — a pronúncia». Por fim, o texto indica que o juiz proferiu o despacho de pronúncia sem ler as alegações do recurso do padre Crespo, «que teriam esclarecido as dúvidas quanto à sua culpabilidade».

Entretanto, por ocasião do seu Encontro Nacional, cerca de 500 padres operários franceses afirmaram a sua solidariedade para com o prelado português. A mesma posição foi, aliás, expressa pelos representantes dos colectivos operários da Ásia, América e de muitos países da Europa que participaram, como observadores, no referido encontro.

Jurados: sim ou não?

A participação de jurados requerida em nome do seu constituinte pelo advogado Artur Marques, «divide» os advogados de defesa dos réus acusados de envolvimento nas «FP 25».

Artur Marques, advogado de defesa de Albino Francisco Mendes Pinto, detido há 15 dias em Portimão, requereu a participação de jurados no julgamento do processo, enquanto que Romeu Francês, defensor de Otelo Saraiva de Carvalho, discorda. No entanto, o facto de um dos réus ter requerido jurados, implica, em princípio, que este procedimento será extensível a todos os outros. Para Romeu Francês, em declarações à ANOP, em Portugal essa «tradição não está suficientemente sedimentada e solidificada para merecer uma garantia de isenção e apreciação processual muito grande». Para o advogado de Otelo, Pedro Goulart e Mouta Liz, neste último caso conjuntamente com Francisco Salgado Zenha, «sempre me pareceu que os juízes com formação técnico-jurídica estariam melhor preparados para perceberem e compreenderem a natureza da conduta dos meus clientes e que ela não assumiu um carácter ilícito na perspectiva do crime de organização terrorista».

Nas suas quatro sedes

Pró-Sindical da PSP já dá apoio jurídico

A Comissão Pró-Sindical da PSP anunciou que passa a dar apoio jurídico gratuito aos agentes da PSP, nomeadamente, aos que são alvo de processos disciplinares.

Em comunicado, aquela comissão indica que o apoio jurídico é prestado nas sedes e delegações da Pr-Sindical da PSP em Lisboa, Porto, Beja e Santarém.

A Comissão Pró-Sindical anuncia que tem recebido mensagens de apoio da União Internacional de Sindicatos de Polícia, que representa cerca de 500 mil agentes e funcionários policiais de 16 países, e de organizações sindicais de Polícia da Alemanha Federal, Espanha, França, Itália, Inglaterra e Irlanda.

O comunicado transcreve um texto dos secretários-gerais dos Sindicatos Espanhóis da Polícia e Polícia Municipal, José Lopez Gonzalez e Francisco Cano de la Vega, que consideram «desconcertante» a atitude do Governo português que, fazendo «orelhas moucas à vontade popular, à sua própria Constituição e aos textos internacionais que subscreveu, ressuscita normas caducas e inconstitucionais com o fim de impedir a sindicalização dos polícias».

Mulher-polícia desarmada

Três adolescentes desarmaram ontem uma agente da PSP na Rua António Patrício, em Lisboa, e na posse da arma tentaram assaltar um transeunte. Perseguidos por elementos da Esquadra do Campo Grande, os assaltantes, um dos quais foi detido, fugiram em direcção à Avenida dos Estados Unidos da América onde já perto do cruzamento com a Rua Diogo Fernandes ainda dispararam um tiro para o ar.

ambulância

Uma árvore, que caíu devido ao apodrecimento das suas raízes, destruíu na madrugada de ontem, na Rua Camilo Castelo Branco, em Lisboa, uma ambulância estacionada frente às instalações daquela corporação, na Rua Camilo Castelo Branco.

Foguetes alarmaram Restelo

Rebentamentos de foguetes, inicialmente não referenciados, alarmaram ao princípio da manhã de ontem, os habitantes do Restelo, em Lisboa. Segundo um porta-voz da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP, os estoiros dos foguetes soaram com maior intensidade pelo facto de àquela hora o tecto de nuvens ser muito baixo na zona.

Cadáver de pintor em Setúbal

O cadáver de um homem, que apresentava sinais de esfaqueamento, foi encontrado na passada segunda-feia num local ermo próximo de Manteigas, zona rural a quatro quilómetros de Setúbal. Trata-se de Albertino Fonseca Gouveia, de 48 anos, casado, residente na capital do Sado, pintor de automóveis de profisão. O caso foi entregue pela GNR à Polícia Judiciária, dado haver indícios de crime.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Querida mulher, querida Mariazinha da minha alma.
Escrevo-te com a dor no coração. Se fosse poeta, escrevia-te esta carta em verso, o que até calhava bem nos dias que correm, mas o meu negócio são números, índices Pibs, cotações, estatísticas. Com isso faz-se um orçamento de Estado, não se faz numa carta ao mesmo tempo de amor e de despedida.
Sim, querida Mariazinha, uma carta de despedida. O nosso amor chegou ao fim. Talvez, reconheço, um fim permaturo. É como se alguém, tomando o 46 para Moscavide, se resolvesse a descer em Santa Apolónia, tentado por outros destinos. Aliás, uma breve meditação sobre a vida nos deve levar a concluir que, no caminho para qualquer Chelas, se corre sempre o risco de um Alto de S. João.
Adeus. Sem piada para o Carlos Queirós, obrigado por tudo o que me deste. Também certamente poderás agradecer aquilo que te dei.
Ficaremos, pois, quites por tudo quanto demos um ao outro. Bastar-nos-á a convicção que um sem o outro não faria nada do que juntos fizemos.
Só que, desculpa dizer-te, havia há muito a suspeita de que as coisas não corriam bem nas nossas relações. Ao pé de mim, falavas de uma maneira, longe de mim, falavas doutra. É certo certo que longe de mim falavas de uma maneira e ao pé de mim agias ao contrário. Tenho a certeza, querida Mariazinha, que não era a mim que tu enganavas, pois até estou convencido de que ambos queríamos a mesma coisa. Será uma questão de feitios. Se é, é. Que havemos de fazer...
Venho pois dizer-te que no próximo dia 13 tudo estará acabado entre nós. A minha decisão é irrevogável. A partir do dia 13, nem Santo António nos vale: é o fim.
Sejamos porém práticos. Até lá ainda temos algum tempo a nosso favor. Bem contados, são sete dias, ou melhor, sete noites. Estás a ver, Mariazinha, estás a ver as ricas coisas que ainda podemos fazer...
Vamos a isso, Mariazinha, gozemos até à última gota o perfume inebriante da nossa união. Topas?

A novidade é o jogo da laranjinha

Programa variado substitui as "marchinhas" de Lisboa

Lisboa não vai ter este ano as suas marchas mas as festas da cidade, este mês, incluem actividades que vão de uma festa cigana ao jogo da laranjinha, passando pela inauguração do interior do monumento dos descobrimentos.

Ao todo até ao fim do mês corrente, os lisboetas terão cerca de 400 oportunidades de visitarem exposições, assistirem a concertos e bailados, desfiles de bandas de música, de carros puxados a cavalos e de automóveis antigos, corridas de mini-carros telecomandados, filmes, videos, fados, arraiais, marionetas, um campeonato de laranjinha e uma festa cigana.

Nuno Abecasis anunciou ainda que de 25 a 30 de Junho se realiza em Lisboa uma reunião dos presidentes das câmaras de Lisboa, Cidade da Praia, São Tomé, Bissau, Maputo, Rio de Janeiro, Macau e Luanda onde será proposta a formação da união das cidades capitais de estados luso-áfrico-américo-asiático.

Na ocasião será inaugurado o interior do monumento dos descobrimentos — que nos seus cinco pisos inclui uma sala polivalente equipada com material de tradução simultânea, sala de exposições, anfiteatro com material de projecções e tradução simultânea — um museu de arte luso-asiático e um terraço-miradouro que, nas palavras de Abecasis, «tem a melhor vista de Lisboa».

Ainda em Junho, visitam Lisboa o alcaide de Madrid, Tierno Galvan, o regente da Cidade do México, o presidente da Câmara de Paris, Chabain Delmas (que assistirá à inauguração do sistema de controlo de trânsito «gertrude»), e o fundador da Federação Internacional das Cidades Geminadas.

Outras actividades previstas para as festas da cidade são um rali-paper cultural precedido de uma exibição de pára-quedistas acrobáticos, uma noite de fado, um mercado artesão municipal na Rua Augusta, uma festa taurina e uma marcha da cidade feita por 200 crianças do bairro do Campo de Ourique na Rua Augusta.

Arraiais efectuam-se em 24 dias, espectáculos de bailado em 20 dias, concertos em 29, exposição em 30, teatro em 28, teatro infantil em 30 e folclore em 10.

Para além de arraiais permanentes na Praça das Francesinhas e na Praça da Figueira, vão ainda realizar-se arraiais em mais seis locais da cidade durante os santos populares.

O jogo da laranjinha, criado no Século XV ou XVI, começou por ser jogado entre a nobreza mas depressa conquistou as ruas e os bairros mais pobres, tornando-se num dos divertimentos mais populares entre os lisboetas.

Neste século ele foi divulgado até cerca de meados dos anos 30 pelas colectividades populares e depois foi decaindo. A Câmara Municipal, que tem estado a recuperar os equipamentos necessários à prática do jogo, pretende agora dinamizá-lo como apoio de colectividades de bairro.

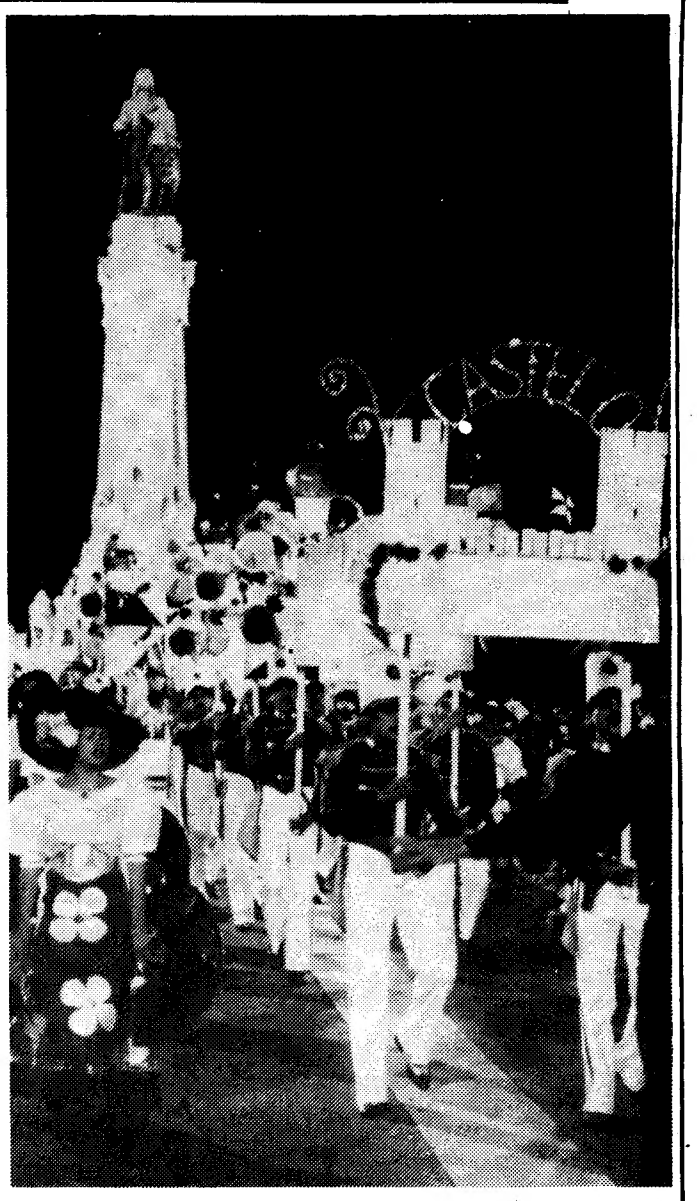
A festa cigana, que este ano se realiza pela primeira vez em Lisboa, terá lugar no alto do Parque Eduardo VII e tem por objectivo iniciar o contacto entre a comunidade cigana de Lisboa e a população e divulgar a cultura cigana, preservando-a.

Nuno Abecasis salientou que para a preparação desta festa o chefe da comunidade cigana de Lisboa foi recebido pela primeira vez pelo presidente da Câmara de Lisboa e expressou o desejo de que o contacto com aquela comunidade se alargue e desenvolva.

Relativamente às marchas populares Nuno Abecasis salientou que elas não se realizam porque nos últimos anos se afastaram das características populares, recorrendo a profissionalização de ensaiadores e realizando despesas com roupas que classificou de exorbitantes.

«É impensável gastar 30 000 contos num espectáculo de uma só noite sem lastro cultural nem benefício para o viver colectivo como aconteceu no último ano em que elas se realizaram» — disse Abecasis.

A marcha das crianças de Campo de Ourique realiza-se por iniciativa de uma colectividade local que se encarrega de todos os pormenores de realização e preparação do desfile.



As marchinas que este ano não teremos e que provavelmente custarão a voltar

Comemorando os seus 40 anos...

Centro Nacional de Cultura irá em Dezembro à Índia

O Centro Nacinal de Cultura (CNC) comemora este ano o seu 40.º aniversário e irá de visita à Índia no último mês de 1985, portanto em Dezembro.

A actual presidente do CNC, Helena Vaz da Silva, disse em Lisboa que o «itinerário desta viagem à Índia procurará refazer o percurso dos portugueses, entrando por Calicut, precorrendo as principais zonas da costa ocidental e também um pouco da costa oriental».

O CNC visitará, igualmente, regiões do Sul e do Norte da Índia «para contactar com as culturas de raiz hindú e muçulmana e entender com a cultura portuguesa».

Durante a conferência de Imprensa em que falou Helena Vaz da Silva, foi, por outro lado, recordada a história do CNC que, segundo a expressão de um dos seus fundadores, se caracteriza por ter sido «um espaço de liberdade e um pólo de resistência ao Estado Novo».

«O CNC foi um espinho doloroso no esquema do dr. Oliveira Salazar, que queria viver na ilusão de que os adversários do Estado Novo eram todos inimigos de Portugal e que todos os verdadeiros patriotas eram entusiásticos salazaristas» — afirmou Gastão da Cunha Ferreira, que também se pronunciou em nome do CNC.

Um antigo presidente do CNC, o ex-ministro da Qualidade de Vida, Sousa Tavares, salientou que «foi no Centro que na Primavera de 1961 se fizeram as primeiras conferências públicas de oposição à guerra colonial».

Fundado em Maio de 1945 «por um grupo de intelectuais monárquicos não anestesiados pelo Estado Novo», o CNC funcionou, sobretudo, como «um clube de discussão política e cultural».

Segundo Teresa Amado, antiga dirigente do Centro, este teve um papel particularmente «relevante» no campo do teatro, já que foi lá que nasceu a actual «Casa da Comédia» e que alguns actores conhecidos, entre os quais João d'Ávila, Norberto Barroca, Manuela de Freitas Glóia de Matos, iniciaram a sua carreira.

A partir de 1977 — recordou por seu turno Helena Vaz da Silva — «o Centro abriu-se a um outro público e desdeu à rua».

Já visitaram o certame 40 mil pessoas

Hoje é o "Dia da Pecuária" na Feira da Agricultura

Celebrando o Dia da Pecuária, a Feira Nacional da Agricultura iniciou hoje o seu segundo dia, depois de ter sido inaugurada ontem com a presença do Primeiro-Ministro e outros membros do Governo, e ter sido visitada por 40 mil pessoas.

O Dia da Pecuária e manifestações semelhantes correram um certo risco de não poderem ser realizadas, em parte devido à difícil situação sanitária dos gados (com a peripneumonia e a febre aftosa ainda por debelar em vários pontos do País) e, por outro lado, em consequência da greve que os veterinários têm vindo a realizar.

Precisamente no dia anterior ao da abertura da feira, a organização conseguiu obter vistos de sanidade e guias de trânsito para todos os animais.

Desde há alguns anos que o recinto da feira se vem mostrando exíguo e a situação foi, relativamente, colmatada, nesta edição, com a utilização da Quinta das Cegonhas (36 hectares à entrada de Santarém, para quem se desloca de Lisboa) para onde se prevê, a prazo ainda não determinado, a transferência das instalações da feira, à excepção da Casa do Campino, hoje um imóvel indispensável na tradição e na fisionomia da cidade.

Para a Quinta das Cegonhas, além do hipódromo — que está a realizar, regularmente, corridas de cavalos, com apostas mútuas — foram transferidos campos experimentais de agricultura e de demonstração para a maquinaria à venda no certame.

Duplica valor do prémio literário do "Círculo"

O clube do livro «Círculo de Leitores» aumentou para mil contos o valor do prémio literário que, bienalmente, atribui e é, a partir de agora, a nível nacional, o de maior dotação pecuniária.

Instituído em 1980 para coincidir com o décimo aniversário do clube, o prémio distinguiu, então, o original «Janika, o Livro da Noite e do Dia», de Vitório Kali.

Não atribuído em 1982 por o original escolhido pelo júri, por «Os Exércitos de Paluzie», de Manuel Seabra, ter sido, entretanto, editado em catalão, o prémio teve uma edição extraordinária em 1983, sendo distinguido «Sancirlilo», de A. M. Pires Cabral.

Em 1984 obreve o galardão o original «O Rei dos Lumes», de Américo Guerreiro de Sousa.

O prazo de entrega dos originais de ficção concorrentes ao prémio de 1986 termina em 31 de Dezembro.

PSP fere a tiro dois "ratos" de carros

Dois indivíduos apanhados a roubar um automóvel em Lisboa foram, esta madrugada, atingidos a tiro pela PSP, na Calçada da Estação, tendo um deles dado entrada no Hospital de S. José em estado grave. Segundo a PSP, António Manuel Pereira Aguiar, de 26 anos, ferido no abdómen, permanece internado, e José Carlos de Jesus Gonçalves, atingido num braço, após receber tratamento, foi entregue ao Governo Civil.

Assaltado pela janela o Museu de Faro

Desconhecidos assaltaram, na madrugada de ontem, em Faro, o Museu Municipal Santo António, levando estatuetas, medalhas e moedas do século XVIII, e destruindo vitrinas e vários documentos bibliográficos. Fundado em 1933 por iniciativa do historiador/escritor Mário Lyster Franco, o museu recolhia cerca de 350 peças. Dos objectos de maior valor roubados pelos assaltantes, que entraram por uma das janelas do edifício, inclui-se um missal romano do século XVIII, folheado a ouro, sobre o qual os autarcas prestavam juramento. Roubada também uma escultura de barro figurativa do Santo António e o Menino.

Segredo de Fátima não é necessário aos crentes

O mistério guardado nos arquivos do ex-santo ofício, que se refere ao «terceiro segredo» de Fátima, continuará sem ser revelado por não se considerar necessário à fé dos crentes, revelaram quarta-feira fontes do Vaticano.

O assunto foi tornado actual devido às declarações do turco Ali Agca, durante os seus depoimentos nos tribunais italianos, e aos meios de informação internacionais que seguem diariamente o processo da «pista búlgara».

O diário romano «La República», publicou terça-feira uma suposta «inconfidência» sobre o chamado «terceiro segredo», que tavia sido passado a alguns «filhos espirituais» do padre Pio de Pietralcina, em 1975, devido a uma indiscrição diplomática dos Estados Unidos.

O texto, sobre o qual o diário se interroga «se será realmente o terceiro segredo de Fátima», parece uma página arrancada ao guião da película norte-americana «The Day After», que tanta sensação causou recentemente.

«Uma grande guerra será desencadeada na segunda metade do Século XX e milhões e milhões de homens morrerão de hora em hora,, e os que os que ficarem vivos invejarão os mortos», diz o texto que a «República» atribui aos «filhos espirituais» do padre Pio, que tomaram conhecimento dele através de uma indiscrição diplomática.

Os religiosos italianos informaram que a santa Sé se considerou indispensável dar a conhecer o conteúdo da mensagem às grandes potências, para as convidar a desistir das experiências nucleares».

O gabinete de Imprensa do Vaticano declarou hoje que «por agora não tem comentários a fazer a esse respeito».

«Os anos em que Fátima se converteu em «fonte reveladora» não poderiam ter sido mais trágicos para a história europeia: uma guerra cobria de sangue, suor e lágrimas o velho continente.

Em Outubro de 1917 (5 de Novembro no calendário gregoriano) eclodiu uma revolução que já se vinha gerando, acabando com o antigo regime da União Soviética e dando início ao chamado «socialismo real», que criou a «Igreja do Silêncio», fonte de inspiração para todos os anticomunistas do pós-guerra.

Ao fim-de-semana e não só...

Condicionado o trânsito de veículos pesados nas principais estradas

Uma nota da Direcção-Geral de Viação divulga a portaria 269/85 que determina um sistema de segregação de tráfego visando a melhoria das condições de segurança rodoviária e permita descongestionar o trânsito nos itinerários principais, através de uma melhor repartição do tráfego diário.

Assim a partir do dia 9, do corrente mês, a circulação de veículos pesados e de mercadorias, tractores e seus reboques ou semi-reboques, bem como máquinas fica restringidas, não podendo circular entre as 6 e as 24 horas de domingos e feriados nacionais e das 14 às 22 de sábados, fora das localidades, nas seguintes vias: Lisboa -Porto, todos os troços: estrada nacional 366 entre o nó de Aveiras de Cima e o cruzamento com a n.º 1 (Alcoentre); entre o cruzamento da estrada 366 e o nó de Condeixa; entre o nó da Mealhada e o cruzamento com a estrada 223 e entre esta e a estrada n.º 1 no nó de Vila da Feira; entre Porto e Valença, estrada n.º 13; entre Porto e Braga e Porto-Vila Real; entre Coimbra e Vilar Formoso; Lisboa - Castelo Branco; Lisboa - Gaia; Lisboa - Faro e Lagos Vila Real de Santo António.

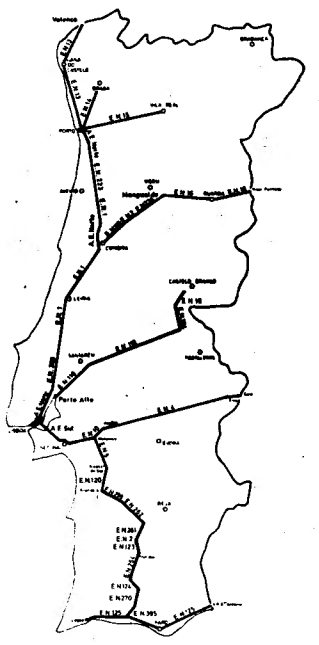
Segundo a referida nota são consideradas as seguintes derrogações permanentes:

Aos sábados, nos seguintes troços de via: Estrada Nacional n.º 16, entre o cruzamento com a estrada nacional n.º 324 e Vilar Formoso; Estrada Nacional n.º 4, entre Elvas e Caia.

Aos sábados, aos veículos que transportem produtos agrícolas, na época da colheita, desde o lugar onde esta se realiza ao lugar de armazenagem, de acondicionamento, de tratamento ou de transformação; aos sábados, e das 6 às 12 horas de domingos ou feriados nacionais, aos veículos afectos à recolha de leite e ao transporte de produtos hortícolas, devendo neste último caso a quantidade transportada representar, no mínimo, três quartos do volume que o veículo pode transportar ou metade da carga útil do veículo utilizado; das 6 às 12 horas de domingos ou feriados nacionais, aos veículos que transportem animais vivos ou peixe fresco sob reserva da quantidade transportada representar, no mínimo, três quartos do volume que o veículo pode transportar ou metade da carga útil do veículo utilizado.

Contudo, os veículos em vazio utilizados nos transportes a que se referem as alíneas b), c) no que se refere a produtos hortícolas e d), só podem transitar desde que munidos de autorizações especiais emitidas pelo posto policial mais próximo do local da descarga.

A título excepcional, a Direcção-Geral de Viação poderá conceder autorizações especiais para circulação de veículos utilizados em transportes indispensáveis e urgentes, mediante prova cabal de tal situação, devendo, ainda, a entidade interessada na efectivação do transporte apresentar, em tempo oportuno, requerimento onde figure tipo de transporte, matrícula, peso bruto do veículo, período (dia e horas) e vias por onde se pretende efectuar o transporte.



No distrito de Coimbra

Mães deixam de amamentar os filhos prematuramente

A esmagadora maioria das mães do distrito de Coimbra retira aos filhos o aleitamento materno demasiado cedo. A conclusão é divulgada por um inquérito realizado pelo Hospital Pediátrico de Coimbra, cujo relatório foi apresentado quinta-feira pelo pediatra Luís Januário dos Santos no Encontro Nacional de Alimentação e Dietética da Criança, a decorrer naquela cidade.

O inquérito, patrocinado pela Organização Mundial de Saúde e realizado por uma equipa de 26 médicos e enfermeiros em cidades, vilas e aldeias do distrito, ouviu 1350 mães, cujos depoimentos mostraram que 93 por cento dos recém-nascidos começam por ser amamentados.

Apesar do empenhamento da OMS em relançar o aleitamento materno e não obstante os três meses de baixa concedidos às parturientes trabalhadoras, o número de crianças que depois do terceiro mês continuam a saborear o leite materno sem outros complementos dietéticos, desce para 31,9 por cento. Quer no meio urbano, quer no rural só 19,3 por cento dos bebés a partir do 4.º mês continuam a ser amamentados, descendo para 15,5 a percentagem dos que se alimentam de leite materno exclusivamente.

Os inquiridores constataram que o aleitamento misto é mais frequente na população rural do que na população urbana e que muitas vezes as razões das mães para não alimentar os filhos ao peito se relacionam com os costumes da família e do meio.

Outros motivos são: maior comodidade e rapidez de aleitação através de outros métodos, ou vantagem para a criança em ser alimentada de outro modo ou ainda conselhos de profissionais de saúde.

Verificou-se que durante o quarto mês de vida das crianças, as mães domésticas registaram uma quebra mais notável na amamentação, mas não foi detectada qualquer relação entre a duração do aleitamento materno e o rendimento familiar.

Os inquiridores constaram que após o sétimo mês de vida a percentagem de crianças que continuam a ser amamentadas é significativamente superior no meio rural.

O tipo de alimentação dos lactentes e a prevalência dos sintomas clínicos da diarreia, cólicas, tosse, pieira, febre e corrimento nasal foram também investigados.

A equipa que realizou o inquérito constatou que «o leite materno parece inibir o aparecimento de certos sintomas frequentes no primeiro ano de vida», o que constitui argumento valioso para a promoção do aleitamento materno.

A idade de introdução do glúten, legumes, leite de vaca e proteínas animais como complemento da lactação coincide com as recomendações geralmente aceites — revela o inquérito, segundo o qual o ensino dos profissionais de saúde é correrto nesta área particular. É, no entanto, considerada «insatisfatória» a redução do aleitamento materno a partir dos três meses pelo que se recomendam «medidas eficazes no sentido de uma promoção efectiva da amamentação». Informação nas escolas, melhoria das consultas pré-natais e optimização do comportamento das maternidades e das consultas de puericultura são algumas das medidas preconizadas.

O estudo defende também que sejam concedidos mais apoios à mãe trabalhadora e que se introduzam modificações na legislação respeitante às licenças de parto.

No encontro de Coimbra, em que participam três centenas de especialistas, a malnutrição tem sido apontada como a grande responsável pela morbilidade e mortalidade infantis.

Acordo de segurança social entre Portugal e Cabo Verde

Um acordo administrativo sobre a convenção de segurança social existente entre Portugal e Cabo Verde foi assinado durante a visita que a secretária de Estado da Emigração, Manuela Aguiar, acabou de realizar a Cabo Verde.

Manuela Aguiár, manteve vários encontros com as autoridades cabo-verdianas, nomeadamente com o primeiro-ministro Pedro Pires, e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Silvino da Luz.

A secretaria de Estado visitou diversos empreendimentos cabo-verdianos, mormente o Centro de Estudos Agrários e o Centro de Formação Profissional de S. Jorginho, teve vários encontros com técnicos do Instituto Cabo Verdiano de Apoio ao Emigrante e aproveitou a ocasião para se reunir com os cooperantes portugueses actualmente a residir em Cabo Verde.

URSS FESTIVAL MUNDIAL DA JUVENTUDE

- 11 DIAS DE VIAGEM
- Partidas 19 e 30/7
- 1.ª – MOSCOVO-LENINEGRADO-PSKOV
- 2.ª MOSCOVO-VLADIMIR-SUZDAL

Pensão completa, participação em diversas actividades, convívios, excursões, guia

Lugares limitados Idades Dos 13 aos 30 Anos

Preço único: 70.000$00

voando com a AЭРОФЛОТ

Peça programas

AGITURISMO

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

Os jovens que nós fomos

Continuação da pág. 2

gressistas, participei, por exemplo, numa manifestação em comemoração do 5 de Outbro no Restaurante UDINA, na Rua Conde de Redondo, muito antes das eleições presidenciais em que viria a ser lançada a candidatura do general Humberto Delgado.

★

Nesta década, produziram-se obras de grande valor cultural em diversos domínios: o ensaio, o conto, a poesia de protesto e a morna. Os seus autores foram Gabriel Mariano, Ovídio Martins, Aguinaldo Fonseca, Manecas Duarte, Terêncio Anahory e José Araújo.

Mas de um modo geral a nossa formação política anticapitalista e anti-imperialista, nesse tempo, era, porém, deficiente e vulnerável. No que me toca, confesso que só tinha lido, além de excertos de algumas obras de Lenine, o seu livro «A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky». E tal fiquei a dever a Vassanta Sinai Peligãocar, militante pela independência de Goa, que frequentava, então, o Instituto Superior Técnico.

Devido a circunstâncias adversas, tive de abandonar os estudos e regressar a Cabo Verde. Para a tomada desta última decisão, que por várias razões se impunha, muito pesou o apoio moral do Ivo Barreto.

(1) Romance da autoria de Baltasar Lopes da Silva.

Greve dos veterinários impede inspecção sanitária

Apreendidas toneladas de carne e peixe

As brigadas da Fiscalização Económica apreenderam, nos últimos dias, milhares de quilos de carne e peixe que, não tendo sido inspeccionadas pelas autoridades sanitárias, em consequência da greve dos veterinários, se encontravam prestes a entrar no circuito comercial e, em alguns casos, até já à venda.

A situação criada com a greve dos veterinários propiciou o aparecimento, um pouco por todo o lado, de carne não fiscalizada do ponto de vista sanitário, com recurso particularmente a matadouros clandestinos.

A actividade da Fiscalização Económica traduziu-se, particularmente pela apreensão e selagem, em câmaras frigoríficas, de cinco toneladas de frangos, 4500 quilos de perus, 1200 de suínos e oito toneladas de outras espécies.

Mas também a entrada no circuito comercial de peixe não examinado, se fez sentir no distrito de Setúbal. A dimensão dessa actividade torna-se evidente pela apreensão, naquela zona, de 600 quilos de sardinha, 300 de pargo, outro tanto de caras de bacalhau, 3500 latas de salsichas e 1900 latas de lanches.

A situaçao não estã, entretanto, próxima da normalização, uma vez que os veterinários se preparam para prolongar a sua paralisação até segunda-feira, após uma interrupção de quarta-feira até hoje. No total, estes esquemas de greve levou a que a fiscalização sanitária ficasse suspensa, na prática, por um total de dez dias.

O processo de luta dos veterinários, liderado pelo respectivo sindicato, conta com uma adesão de cerca de 90 por cento dos profissionais que asseguram a fiscalização municipal dos produtos alimentares diariamente postos à venda, segundo fontes daquela organização.

Empenhados no estabelecimento de um novo esquema de organização da sua actividade, os veterinários anunciaram já que poderão vir a procurar um novo interlocutor a nível governamental, «com sensibilidade suficiente para perceber os problemas da sanidade pública».

Saúde pública

O sindicato defende um esquema de organização com uma autoridade veterinária nacional (a Direcção-Geral de Pecuária), autoridades regionais (Direcções de Serviços Veterinários e divisões especializadas nos diversos ramos da veterinária), contestando a mistura de serviços veterinários com serviços agrários.

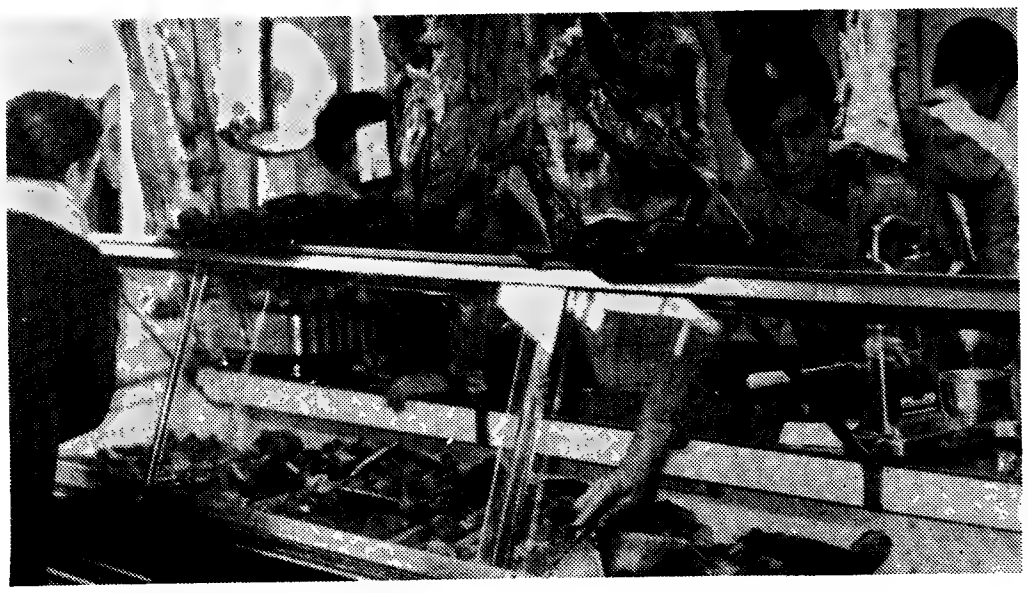
Discorda ainda — segundo os dirigentes sindicais — da colocação dos médicos veterinários sob o comando de técnicos «sem **curriculum** profissional para tanto».

Para a direcção do sindicato, o que está em causa, com a implementação este ano do Decreto-Lei 223/84, é a saúde pública.

Os dirigentes sindicais sublinharam a «evolução assustadora» nos últimos três anos das doenças de origem animal no homem, designadamente, a brucelose (febre de malta) e a tuberculose por consumo de carne de bovino.

O dirigentes sindicais sublinharam que não há nenhum país da Europa, muito menos da CEE, que tenha uma estruturação dos serviços veterinários como a que se está a implementar em Portugal.

Sustentaram que a legislação portuguesa tem de estar harmonizada com a dos países da CEE, e que caso contrário poderá ser a CEE a impor tal harmonização depois da adesão.



A carne que era de qualidade passou a não ter garantia

O Sindicato dos Veterinários propôs há sete meses ao Ministério da Agricultura um esquema de regionalização que assenta numa filosofia em que a autoridade médica nacional está representada ao nível de cada região, de forma autónoma.

Os dirigentes sindicais afirmaram que em 30 de Novembro foram recebidos pelo actual ministro da Agricultura, então recém-empossado no cargo, que lhes afirmou precisar de cem dias para se inteirar dos problemas do Ministério.

Acrescentaram que, apesar disso, e sem que tivessem saído os necessários decretos regulamentares, o ministro começou a implementar, por despachos, a legislação que os veterinários contestam.

Os serviços veterinários, devido à sua especificidade na área da higiene animal e saúde pública, não podem ser plasmados noutros serviços nem serem dirigidos por profissionais com outras formações académicas — salientaram.

Um veterinário — exemplificaram — que opta pela necessidade de abate imediato de determinadas cabeças de gado, não pode estar sujeito às questões políticas e económicas que as Direcções Regionais de Agricultura têm considerado.

Lee Rodrigues depôs sobre Camarate

Lee Rodrigues foi levado, na terça-feira ao Parlamento sob custódia judicial para ser ouvido pela comissão de inquérito ao desastre de Camarate.

Lee Rodrigues, que se encontra detido em Lisboa, vai ser de novo ouvido pela Comissão, em data que não foi divulgada. Fez o primeiro de uma série de depoimentos que a Comissão se propõe registar.

Eurico de Melo, que era ministro da Administração Interna no tempo do desastre, vai ser ouvido, na terça-feira, pela Comissão.

A Comissão de Inquérito ao caso de Camarate não tem prazo fixado para concluir o seu trabalho e é a única nestas condições na Assembleia da República.

Falsários tentavam lesar a Segurança Social

A brigada de Investigação de Fraudes Bancárias da Polícia Judiciária de Lisboa deteve ontem quatro indivíduos que faziam parte de uma rede que se preparava para obter de modo fraudulento subsídios da Segurança Social, em montantes que poderiam atingir dezenas de milhares de contos.

Na posse daqueles indivíduos foram encontrados 2 mil impressos ainda não preenchidos de «Avisos de Recibo» que se suspeitam terem sido impressos pelo grupo, tomando como modelo os verdadeiros. Seriam utilizados juntamente com bilhetes de identidade falsos também apreendidos.

Móbil do crime foi o roubo de 75 mil contos

Tavarela Veloso teria sido morto por seis polícias brasileiros

O caso do assassínio do advogado português Mário Tavarela Veloso sofreu, anteontem, no Brasil, mais uma reviravolta: depois das suspeitas de ajuste de contas, relacionado com contrabando ou tráfico de droga, é agora a vez do crime ser explicado apenas com o roubo do dinheiro que a vítima transportaria.

Desta feita, porém, a explicação parece ter por origem a identificação dos dois assassinos do advogado e das suas duas jovens acompanhantes, bem como dos seus quatro cúmplices. Segundo informações transmitidas pela agência espanhola EFE e pelo «Comércio do Porto», os responsáveis pelo crime seriam membros de serviços especiais da Polícia brasileira.

Citando fontes judiciais, o «CP» afirma que os seis polícias identificados continuam em liberdade, ao abrigo da lei brasileira. O industrial Armando Rodrigues, amigo de Tavarela Veloso que com ele se econtrava no momento do ataque, confirmou à Polícia a participação dos seis indidíduos no caso.

Os polícias, que segundo outras informações pertenceriam a um grupo de agentes da autoridade «especializados» na extorsão de dinheiro a estrangeiros envolvidos em actividades ilegais, teriam tido conhecimento, através de uma das jovens que seguia com Tavarela Veloso, que este levava consigo 400 mil dólares. Este dinheiro seria pertença de empresários portugueses residentes no Brasil e teria sido confiado ao advogado português para que este o fizesse saír ilegalmente do país, para depois o colocar no Sul de França ou na Suíça.

A descoberta do móbil do crime e da identidade dos seus autores teria tido origem na intervenção da mais elevada hierarquia policial brasileira, que concedeu aos investigadores um prazo de oito dias para esclarecerem a situação. Na sequência desta iniciativa, que envolveria a ameaça de demissão dos inspectores caso não resolvessem o assunto, apresentou-se na Delegacia de Homicídios do Rio de Janeiro um detective que confessou a sua participação no crime e denunciou os seus cúmplies.

Segundo aquele departamento policial os persumíveis autores materiais são os agentes Bonente, da Delegacia de Vigilância Norte e Roberto Morais, da Assessoria de Segurança do Departamento de Trânsito. A confissão seria da responsabilidade do detective Muguet, o qual terá indicado ainda os nomes dos restantes agentes envolvidos. Um deles, Carlos Mariath, já estivera preso em 1983, em São Paulo, por extorsão de dinheiro a um comerciante.

Entretanto, a ANOP, citando fontes judiciais do Rio de Janeiro, indicava, esta manhã, que «quatro polícias de uma brigada de luta antiguerrilha se encontram detidos sob a acusação de terem morto o advogado português».

À excepção da referência à detenção dos polícias e da sua ligação aos serviços de luta antiguerrilha, a versão da ANOP coincide, no essencial, com a do Comércio do Porto, afirmando que os assassinos teriam roubado 400 mil dólares (cerca de 75 mil contos) que Tavarela Veloso trazia para Portugal, a fim de os investir num hotel do Sul da França.

Com sessões em Coimbra, Porto e Guimarães

Iniciado o II Congresso de Psiquiatria de Língua Portuguesa

Cerca de uma centena de cientistas e médicos especialistas de psiquiatria concentraram-se, ontem de manhã, no Hospital de S. João, no Porto, de onde partiram para Coimbra para participarem no Segundo Congresso de Psiquiatria de Língua Portuguesa.

Este congresso desenrola-se ao longo de seis dias, até terça-feira, com sessões em Coimbra, Porto e Guimarães, e nele participam três dezenas de cientistas estrangeiros, procedentes do Brasil, Espanha, França, Itália, Alemanha, Áustria, Bélgica e Inglaterra.

O congresso é organizado pelo Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina do Porto, em colaboração com a Associação Psiquiátrica de Língua Portuguesa (APLP).

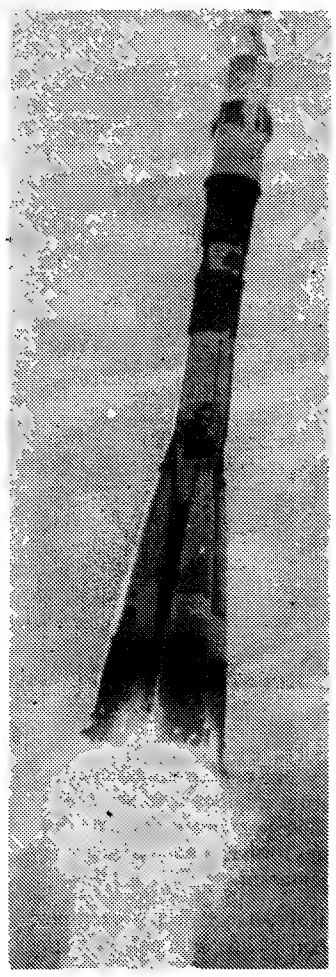
Esta associação foi criada em Setembro de 1979, por ocasião da realização, em Lisboa, do Primeiro Congresso de Psiquiatria, e tem como objectivos fundamentais, «estimular entre os profissionais da psiquiatria e ciências afins dos sete países que se expressam na língua portuguesa, um diálogo construtivo, apoiado na troca de conhecimentos e em íntimas relações e permutas culturais e científicas.

Os organizadores sublinham que os temas principais a desenvolver são o estudo das migrações, psicologia da saudade e psicopatologia afectiva.

Paralelamente, decorrerá, também uma reunião dos Instituto Latino da Personalidade, instituição que tem a sua sede em Madrid e com objectivos culturais coincidentes com os da PLI, «mas alargados a um âmbito mais geral, que é o da latinidade», segundo afirmam os organizadores.

De acordo com a mesma fonte, estas reuniões constituem «um evento científico de grande vulto, em qua o convívio entre profissionais que se expressam na mesma língua é desta vez extensivo a filósofos, psicólogos, escritores e algumas das maiores figuras da psiquiatria mundial».

Soviéticos voltam ao Espaço



Lançamento da nave espacial «Sayuz T-13»

A nave espacial soviética «Soyuz T-13» foi ontem lançada em direcção à estação espacial «Saliut-7», em órbita desde há três anos. A bordo da nave viajam dois dos mais credenciados astronautas soviéticos, o coronel Vladimir Dzhanibekov, comandante de voo, de 43 anos, que efectua a sua quinta missão no espaço, e o engenheiro de voo Viktor Savinij, de 45 anos, especialista em instrumentos espaciais.

A partir de hoje, os tripulantes da «Soyuz-13» realizarão tarefas de rotina relativas à medição da espessura da atmosfera e ao controlo de equipamento da nave, indicou a agência noticiosa soviética «Tass».

Embora o objectivo deste voo não tenha sido explicitado em pormenor, círculos ocidentais em Moscovo referiram que a missão primordial da «Soyuz-13» é reparar avarias diversas na estação orbital «Saliut-7» lançada em 20 de Abril de 1982 e que se encontra inoperativa desde Outubro do ano passado.

A estação «Saliut-7» representa o último avanço soviético para a montagem de um laboratório permanente no Espaço, constituindo uma base de partida, acoplamento e abastecimento de outras naves cósmicas tripuladas.

A bordo da «Saliut-7», uma tripulação de três astronautas soviéticos bateu em 1984 o recorde de permanência no Espaço, habitando durante 237 dias a estação orbital.

O comandante da «Soyuz-13» está notavelmente familiarizado com a «Saliut-7», já que entre 1978 e 1984 foi o chefe das tripulações que visitaram a referida estação orbital.

Vladimir Dzhanibekov é um perito na utilização de novos instrumentos espaciais, cuja competência foi já requerida mais do que uma vez a bordo da «Saliut-7», nomeadamente no passado mês de Julho, quando esteve na estação espacial para auxiliar a tripulação então aí residente em diversas tarefas de reparação de instrumentos.

O engenheiro de voo Savinij é igualmente um veterano especialista em instrumentação e equipamento espacial e um homem experimentado em tecnologia aeronáutica de ponta e controlo de voos espaciais.

Se bem que o programa espacial soviético seja predominantemente de carácter científico, não é possível negligenciar os seus efeitos políticos, como um reflexo dos sucessos tecnológicos da União Soviética e também económicos, já que se prevê uma série de resultados susceptíveis de serem utilizados na referida área.

Manifestação "sikh" no Templo Dourado

Mais de cinco mil sikhs concentraram-se ontem no Templo Dourado de Amritsar, numa das maiores manifestações de sempre, para condenar o assalto há um ano, pelo Exército indiano, contra aquele santuário.

Os manifestantes aprovaram uma resolução exaltando os dois sikhs que assassinaram a primeira-ministra Indira Gandhi, considerando-os mártires que vingaram o assalto do Exército indiano ao Templo Dourado, do qual resultaram mais de mil mortos.

A manifestação antigovernamental foi a maior de sempre no Templo Dourado, desde o assalto do Exército, designado operação estrela azul e desencadeado para expulsar extremistas «sikhs» que se tinham escondido no interior do santuário.

No assalto final do Exército, com tanques e morteiros morreu o líder sikh Jarnal Singh Bhindranwale.

Em redor do Templo Dourado, foram montados rigorosos dispositivos de segurança.

Centenas de guardas cercaram o templo e polícias à paisana e agentes secretos encontravam-se no interior do santuário para vigiar a manifestação convocada pela ala radical sikh, Akali Dal.

Não há notícia de cenas de violência. No entanto, a multidão desafiou as autoridades, gritando palavras de ordem, como «Viva Bhindranwale», considerado um terrorista, e apelando para a criação de um Estado sikh independente no Punjab, ao qual chamam Khalistao.

«Esta será uma reunião histórica e um grande protesto contra a repressão do governo» — declarou Joginder Singh, de 74 anos, pai de Bhindranwale e o novo líder dos radicais sikh.

Com gritos e punhos erguidos, a multidão aprovou uma resolução, denunciando o ataque do Exército: «Esta congregação presta homenagem aos mártires sob o comando do santo Bhindranwale que deram as suas vidas combatendo o Exército indiano no Templo Dourado e noutros 'gurdwaras' (santuários sikh) do Punjab.»

A congregação exigiu também a libertação de «milhares» de sikhs detidos no Punjab, na sequência da entrada em vigor de uma lei antiterrorista.

Entretanto, pelo menos 25 polícias de dois Estados do Nordeste da Índia morreram, na sequência de um tiroteio na respectiva fronteira — informou a agência indiana UNI.

A agência revelou que cerca de 25 mil pessoas abandonaram a área após os rencontros, que começaram há três dias em virtude de uma disputa fronteiriça entre as províncias de Assam e Nagaland.

Os combates na região datam de há vários anos e são motivados por uma pretensão de Nagaland em relação a uma parte do território de Assam.

As autoridades de Nova Deli ordenaram um imediato cessar-fogo e marcaram uma reunião dos responsáveis pelas províncias para Imphal, na vizinha província de Manipur.

Fonte oficial disse que 20 dos mortos eram polícias de Assam.

Sanções americanas c

Reacções no país d

A África do Sul reagiu de modos contraditórios à decisão de quarta-feira da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos de proibir empréstimos bancários e venda de computadores a Pretória.

A Câmara adoptou a medida por 195 contra 127 votos, como forma de protesto contra o «apartheid» e como forma de pressão para que Pretória lhe ponha termo.

Na Cidade do Cabo, o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Louis Nel, disse que se o desinvestimento agravar o desemprego no país «teremos que, de forma consistente, salvaguardar os interesses dos nossos cidadãos em primeiro lugar».

Nessa altura, Nel disse que «a África do Sul terá por isso de considerar métodos para repatriar um milhão de trabalhadores ilegais dos países vizinhos, de modo organizado... o que vemos hoje não é tudo mas somente o princípio de algo...».

O presidente da Câmara Americana de Comércio em Joanesburgo, Frank Lupke. recusou-se a comentar o caso. alegando que está ainda na sua fase i tra qu

Lup «não s em p trapro jectiv flicta no».

O j comu tan», gros s nião d cas nã mais são... quand assum os bra mesm

As Câma proibi por fi na Áfr compr «krug As sa por u Congr a Áfri do qu «apart

A propos

Papandreu afirma intenção de melhorar laços com os EUA

O primeiro-ministro Andreas Papandreu, ao assumir o seu segundo mandato, declarou que espera melhorar as relações com os Estados Unidos, embora continue empenhado em encerrar as bases norte-americanas na Grécia.

Papandreu, que segundo observadores tem abrandado as suas posições anti-Washington, que o ajudou a ser eleito em 1981, afirmou que a Grécia «tem as melhores intenções» relativamente aos Estados Unidos.

O líder socialista grego disse que não tem sido política deliberada do seu país criar problemas desnecessários ou agravar as relações com os Estados Unidos.

Papandreu tem criticado o que considera o favoritismo dos Estados Unidos em relação à Turquia em disputas com a Grécia, quanto aos direitos territoriais sobre o Mar Egeu e quanto a invasão turca do norte de Chipre, em 1974.

«Eu espero que ambas as partes façam esforços para melhorar o clima» — frisou Papandreu, numa conferência de Imprensa, em Atenas. «Mas, os problemas existem e não podem ser ignorados».

Papandreu relembrou que um tratado de defesa grego norte-americano, assinado em 1983, prevê o encerramento de bases dos Estados Unidos na Grécia até 1990.

Os Estados Unidos, que têm mantido na Grécia quatro grandes bases e cerca de 20 menores, desde os anos 50, interpretam o acordo como permitindo um presença norte-americana depois de 1990.

Papandreu, que tem inspirado um sentimento patriótico entre os gregos pelo que consideram a sua defesa vigorosa dos interesses nacionais, observou que vai tentar mostrar a Washington que as acções da Grécia não têm o objectivo de ser ofensivas para os EUA.

Ele disse que o governo grego defende interesses nacionais e que é errado julgar-se as suas acções como pró ou anti-norte-americanas.

O líder grego sublinhou que recebeu um telegrama de felicitações calorosas do presidente Ronald Reagan e que lhe respondeu no mesmo tom.

Quanto à Turquia, que Papandreu considera a principal ameaça externa da Grécia, ele exclui conversações bilaterais, enquanto Ancara não reconhecer tratados internacionais sobre o mar Egeu e não retirar as suas tropas de Chipre.

«Não temos intenções agressivas para com a Turquia» — assegurou Papandreu e «dizendo sim ao diálogo, mas só se as tropas (turcas) se forem embora (de Chipre) e não discutamos o estatuto legal do Egeu».

O primeiro-ministro disse que a Grécia continuará a desempenhar um papel activo no movimento de paz internacional e continuará a lutar pela criação de uma zona nuclear livre nos Balcãs.

Afirmou ainda que a Grécia não deixará de defender os interesses dos países do sul da Europa dentro da CEE.

Entretanto, a embaixada britânica em Atenas informou que o Foreign Office está a estudar o texto de uma declarações de Papandreu, onde considerou GrãBretanha seria considerado um «estado policial».

Papandreu, que subiu ao poder com a promessa de retirar a Grécia do Mercado Comum, disse que o seu país se manterá na Comunidade, mas que «continuará a lutar» pelos seus interesses.

Papandreu e o seu governo de 18 membros tomam posse perante o arcebispo ortodoxo grego Seraphim e do presidente da República Christos Sartzetakis.

Numa cerimónia religiosa no palácio presidencial, no centro de Atenas, Papandreu e os seus ministros prometeram, jurando sobre a Bíblia, servir a Grécia.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros, Yannis Haralambopoulos, da Economia, Yerasimos Arsenis e da Cultura, Melina Mercouri mantiveram os seus cargos no novo governo.

UNITA recebe rebeldes no Sul de Angola

A UNITA e três outros movimentos que lutam no Laos, Afeganistão e Nicarágua contra os respectivos governos formaram uma aliança para combater o «imperialismo soviético».

A informação veiculada pela agência Reuter vem datada de Joanesburgo e refere-se a uma reunião que ocorreu entre 31 de Maio e 2 de Junho no «quartel-general» da UNITA em Jamba (Sul de Angola).

A reunião teve o patrocínio da associação «Cidadãos pela América» liderada por Lewis Lehrman, candidato a governador pelos republicanos ao estado de Nova Iorque em 1982.

A associação «Cidadãos pela América» é um «lobbic» de apoio à política económica e militar do presidente Ronald Regan.

Lewis Lehrman disse no seu regresso quarta-feira à África do Sul que, embora não tenha sido um enviado da Casa Branca, levou para Jamba uma carta do presidente Regan onde este apela aos povos do mundo para que se unam no sentido de ajudarem as nações representadas a livrarem-se da dominação e das ideologias estranhas.

O líder da «Oposição Unida» da Nicaráguas, Adolfo Calero, disse na mesma oportunidade que a aliança criada no encontro de três dias não significava trocas de tropas ou de material de guerra.

Calero não deu mais detalhes sobre o que foi assinado em Jamba.

A UNITA, a «Oposição Unida» da Nicarágua, a «Organização Laociana de Libertação Étnica» e «União Islâmica dos Mujahedins do Afeganistão» subscreveram no domingo a declaração da «internacional democrática», tendo Savimbi, como anfitrião, referido «ser natural» que o acto se realizasse em Jamba por «a UNITA estar na linha mais à frente do combate».

«Nos povos livres em luta pelas nossas independências nacionais e direitos humanos... declaramos a nossa solidariedade para com todos os movimentos de libertação do mundo e declaramos o nosso empenho em cooperar para a libertação das nossas nações do imperialismo soviético» — lê-se na declaração que cria a «internacional democrática».

A UNITA tinha já revelado no passado dia 3, que os grupos reunidos haviam «concertado uma estratégia e criado bases de uma solidariedade comum».

Cadáver exumado em

Polícia acre "caçadores

Abertura da campa onde a Polícia l sido enterrado Josef Mengele

O ALGARVE AO ALCANCE DOS PORTUGUESES

APARTAMENTOS COMPLETAMENTE EQUIPADOS

PREÇOS EXCEPCIONAIS

NAU ALGARVE

PISCINA

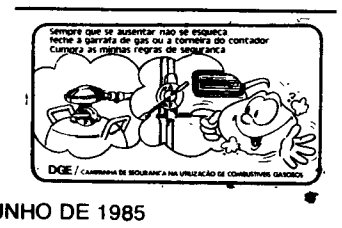
TÉNIS

MINI GOLF

Seisul

RUA S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 100-4.º – 1000 LISBOA

TELS. 52 29 53 - 52 31 19 – TLX 62062



icanas contra a África do Sul?

ções contraditórias
ís do "apartheid"

fase inicial, mas disse-se contra qualquer tipo de sanções.

Lupke disse que as sanções «não serão de qualquer vantagem para empresas e são contraproducentes quanto ao objectivo declarado de que se reflicta no governo sul-africano».

O jornal sul-africano para a comunidade negra, «Sowetan», comenta que muitos negros sul-africanos «são de opinião de que pressões económicas não tornarão as suas vidas mais miseráveis do que já são... receamos contudo que, quando o processo começar a assumir forma mais vigorosa, os brancos passem a sofrer na mesma medida».

As medidas decididas pela Câmara dos Representantes proibirão novos investimentos por firmas norte-americanas na África do Sul e ilegalizam a compra de moedas de ouro «krugerrand» por americanos. As sanções seriam atrasadas por um ano se o presidente e o Congresso considerassem que a África do Sul tinha progredido quanto a acabar com o «apartheid».

A Câmara recusou uma proposta de proibição de exportação de produtos alimentares para a África do Sul. Contudo, o consenso contra a África do Sul, tanto na Câmara como no Senado, leva a crer que haverá a aprovação de uma qualquer forma de sanção comercial a Pretória, durante esta legislatura.

A Administração Reagan opõe-se a sanções, com base em que levarão os «falcões» de Pretória a ganhar maiores apoios e farão com que os Estados Unidos percam capacidade de influenciar os acontecimentos no país.

Agitação continua

O corpo de um polícia negro sul-africano foi encontrado numa municipalidade da província do Cabo, depois da sua casa ter sido queimada e destruída, informou a Polícia.

O agente da Polícia foi apedrejado até à morte e o seu corpo deixado abandonado em Graaff-Reinet, 200 quilómetros a norte do Port Elizabeth.

Durante a noite de violência registada naquela municipalidade, um jovem negro foi ferido, quando um polícia disparou a sua pistola contra um grupo de pessoas que estavam a deitar fogo a sua casa.

Na mesma municipalidade, a casa de um jornalista negro foi também destruída por fogo posto. A Polícia indicou ainda terem-se registado outros incidentes em que ficaram feridas duas pessoas.

Entretanto, o relatório de um inquérito sobre a morte de 20 negros sul-africanos pela Polícia, em 21 de Março, em Uitenhage, na Província do Cabo, foi entregue ao governo, informou o ministro da Justiça, Kobie Coetsee.

O juiz Donald kannemeyer levou um mês a investigar o incidente em que a Polícia abriu fogo sobre uma multidão de manifestantes.

O ministro da Justiça indicou que o relatório será agora submetido ao presidente do Estado, Pieter Botha, após o que o governo decidirá sobre as medidas que vierem a ser tomadas.

Paralelamente, a Áustrália anunciou que a partir de agora não serão feitos mais contratos de construção civil com empresas sul-africanas.

Mais 38 milhões de dólaras para os "contras" da Nicarágua

O Senado norte-americano aprovou hoje de madrugada um auxílio «não militar» de 38 milhões de dólares aos rebeldes anti-sandinistas da Nicarágua.

Os senadores decidiram por 55 votos contra 42 que esta quantia seja entregue ao longo de um período de dois anos.

A primeira prestação, de cerca de 14 milhões de dólares, destina-se a alimentos, medicamentos e roupas referentes ao ano fiscal de 1985.

Os restantes 24 milhões de dólares serão entregues em Outubro, mês em que tem início o ano fiscal de 1986.

Uma coligação de republicanos e democratas considerou o auxílio útil para ajudar os «combatentes da liberdade», que é como Reagan chama aos grupos contra-revolucionários que mantêm há quatro anos uma luta armada contra o governo sandinista.

Os seus adversários, como o democrata Edward Kennedy, consideram que a assistência dos Estados Unidos aos «contras» serve apenas para apoiar um exército que combate um governo legítimo.

Kennedy afirmou que a decisão do Senado levará finalmente à invasão da Nicarágua pelas tropas norte-americanas.

A proposta aprovada inclui um apelo à administração Reagan para que tenha conversações directas com o governo da Nicarágua a fim de pôr termo ao conflito na América Central.

Kennedy disse ainda que o voto do Senado a favor deste auxílio é «um voto para mais mortes».

«Esta administração está a preparar-se para a guerra na Nicarágua. Estamos a colocar sistematicamente barcos, aviões, e tropas no caminho do perigo. Não gostaria que o pesadelo do Vietname se repetisse na Nicarágua» — disse ainda Kennedy.

A aprovação da ajuda dos Estados Unidos para os «contras» constitui uma vitória do presidente Reagan, que continua a insistir «na obrigação moral» que os Estados Unidos têm de auxiliar «aqueles que lutam pela democracia» na Nicarágua.

A Câmara dos Representantes tinha rejeitado, em Abril, a entrega de 14 milhões de dólares para os rebeldes anti-sandinistas, o que foi na altura considerado a primeira derrota em política externa da administração de Ronald Reagan.

Apoio de Gandhi à OLP

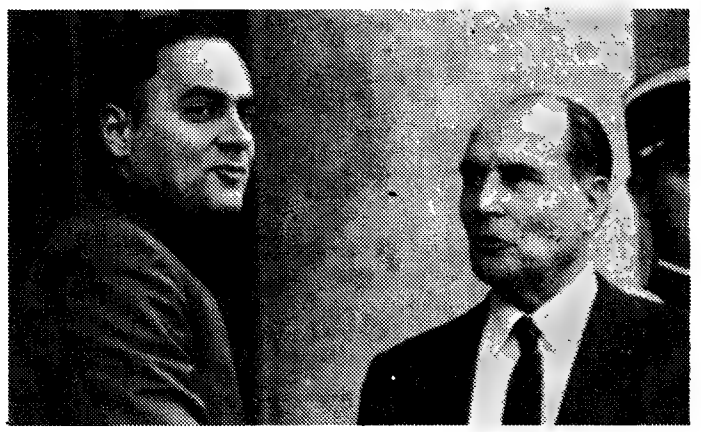
O primeiro-ministro indiano, Rajiv Gandhi, afirmou ontem no Cairo que o seu país «apoia a luta do povo palestiniano sob a direcção da OLP, seu único represetante legítimo».

O chefe do governo indiano fez estas afirmações durante o «Ifatar» (primeira refeição depois do jejum do Ramadão), que foi oferecido pelo presidente egípcio, Hosni Mubarak, a convite de quem visitou oicialmente o Egipto.

Gandhi também se referiu à guerra Irão-Iraque, no Golfo Pérsico, e declarou que a Índia, juntamente com outros países, «esforça-se por conseguir o fim das hostilidades».

Por se lado, o presidente egípicio declarou que nas conversações que manteve com o primeiro-ministro indiano foram postos em evidência pontos de vista comuns no que se refere a uma grande variedade de temas».

Além das questões de índole puramente bilateral,o porta-voz egípcio sublinhou que as conversações entre ambos os líderes trataram principalmente o papel dos países Não-Alinhados na solução do conflito do Médio Oriente e da guerra Irão-Iraque.



Rajiv Gandhi, em Paris, recebido por Mitterrand

No aspecto, económico, mubarak afirmou que tratou com Gandhi «a necessidade de instaurar uma nova ordem económica internacional» que ajude a superar as diferenças do Terceiro Mundo em relação aos países desenvolvidos.

Visita Paris

O primeiro-ministro indiano chegou hoje a Paris, entre apertadas medidas de segurança, na sua primeira visita de Estado à uma nação ocidental avistando-se pouco depois com o seu homólogo François Mitterrand.

Gandhi, de 40 anos, foi recebido no Palácio do Eliseu pouco depois da sua chegada ao aeroporto de Orly.

O porta-voz presidencial, Michel Vauzelle, descreveu mais tarde as conversções como «muito amistosas» e disse que testam «as especiais relações» entre Pais e Nova Deli.

Gandhi também visitará a Argélia, Estados Unidos e Suíça. Recentemente visitou Moscovo, onde se avistou com o dirigente soviético Mikhqil Gorbachev.

ado em São Paulo

acredita que é de Mengele
ores de nazis" duvidam

de a Polícia brasileira suspeita ter ngele

A Polícia brasileira procedeu hoje à exumação do corpo daquele que acredita ser Josef Mengele, o «anjo da morte» de Auschwitz, mas os caçadores de criminosos nazis manifestaram-se cépticos.
O chefe da Polícia de São Paulo, Romeu Tuma disse estar «90 por cento convencido» de que o homem que foi enterrado em Embu, arredores de São Paulo, sob o nome de Wolfgang Gerhard, austríaco, é Josef Mengele, o médico de Auschwitz, responsável pela morte de 400 mil judeus e um dos homens mais procurados pelas Polícias de todo o mundo.

«Dentro de 15 dias podemos fazer uma identificação completa, depois de compararmos com relatórios médicos (dentes, estrutura óssea, altura e peso) que chegam hoje da Alemanha Federal», disse Tuma.

Em contraste com a quase certeza das autoridades brasileiras verifica-se um cepticismo generalizado entre os caçadores de criminosos de guerra.

Simon Wiesenthal, entrevistado em Nova Iorque disse haver «99 por cento de probabilidades» de que o corpo não seja o que Mengele, e em Paris, Serge Klarsfled também se mostrou com dúvidas, referindo que «se Mengele morreu, a família já o teria anunciado».

«Não é a primeira vez que surgem notícias falsas», disse Wiesenthal.

De acordo com os registos, o corpo foi enterrado em 1975 como sendo Wolfgando Gerhard, mas o verdadeiro Gerhard morreu depois de regressar à Áustria.

A confirmar as certezas das autoridades brasileiras, um casal austríaco a viver no Brasil há 30 anos disse que o homem enterrado em Embu é Josef Mengele.

«Ele confessou ser Josef Mengele, mas nós não o denunciamos à Polícia, porque ele quase que fazia parte da nossa família», disse Wolfgran Bossert, que juntamente com sua mulher, Lisolette, foi apresentado ao criminoso nazi pelo verdadeiro Gerhard.

O casal referiu que Mengele foi apresentado como sendo «Pedro» — um fugitivo da guerra — e, que depois de dois anos de convivência confessou ser o «anjo da morte» dos campos de concentração de Hitler.

Lisolette e Wolfran Bossert assistiram à exumação do corpo e negaram prestar declarações aos jornalistas, mas Tuma revelou que o casal austríaco reconheceu os documentos e o diário de Mengele.

Rádio Pró-FRETILIN

Os operadores de um emissor-receptor para comunicar com a FRETILIN em Timor Leste pediram ao Governo australiano para legalizar o seu transmissor.

Brian Manning, porta-voz da Coligação australiana para Timor Leste (ACET), disse aos jornalistas em Darwin, cidade do extremo-norte da Austrália, que o grupo tinha pedido uma licença para transmitir para os guerrilheiros da FRETILIN na colónia portuguesa anexada pela Indonésia em 1976.

Acrescentou que os contactos via rádio com a FRETILIN recomeçaram em Janeiro último, quando os guerrilheiros adquiriram equipamento para o efeito, depois de um silêncio de seis anos.

«Uma vez que os jornalistas e outros observadores independentes estão impedidos de irem livremente a Timor Leste, o contacto por Rádio permite-lhes pelo menos obter o ponto de vista da situação por parte da FRETILIN», argumentou a ACET no seu pedido para obter a licença.

A Indonésia anunciou na semana passada esperar que Camberra encerre a ligação.

ANDARES — VENDEM-SE

Aproveite a Campanha de Lançamento com preços especiais

100 andares de luxo, com 4 assoalhadas, c/ou sem garagem. Acabamentos à escolha do comprador ou prontos a habitar. Localizados em Odivelas, mais baratos que habitação social. Venda e empréstimo tratados pelo construtor.

Informa pelos telefs. 981 16 53 – 758 00 03

A partir dos 18 anos

Jovens vão reivindicar salário mínimo

No Encontro Nacional da Juventude, que se realiza no próxiomo dia 22, vai ser exigido o estabelecimento da obrigatoriedade do pagamento de salário mínimo nacional a partir dos 18 anos.

Esta reivindicação resulta da constatação de que, do total dos jovens trabalhadores portugueses, cerca de 60 por cento auferem um salário inferior a 15 mil escudos, de que acordo com um estudo que vai ser presente na reunião.

Integrado no Ano Internacional da Juventude, este encontro vai discutir uma Carta Reivindicativa dos Jovens Trabalhadores que, entre outros pontos, exigirá a elaboração de uma lei quadro de formação profissional e a garantia de emprego aos aprendizes que frequentam cursos de formação profissional, sendo atribuída uma remuneração suficiente de modo a permitir-lhes satisfazer as necessidades fundamentais.

Números divulgados pela organização deste encontro (CGTP/IN) a juventude portuguesa constitui uma parte significativa da população portuguesa (entre 15 e 24 anos) ou seja 16 por cento da população total. Dos 1.663 jovens 41 por cento trabalham, 39 por cento estudam, quatro por cento são domésticas e 2 por cento estão a cumprir o serviço militar.

Um documento citado pela ANOP diz que dos jovens que trabalham 79 por cento fazem-no por conta de outrém e só 25 por cento têm contrato definitivo e cerca de 60 por cento auferem vencimento inferior a 15 mil escudos.

Metalúrgica Duarte Ferreira

O Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Afins (SIMA-UGT) afirma que na Metalúrgica Duarte Ferreira a administração da empresa está a empurrar os trabalhadores para uma situação desesperada através do não pagamento de salários.

Segundo o SIMA, a administração da empresa está a fazer chantagem junto dos trabalhadores com o encerramento da fábrica para impôr condições miseráveis para a rescisão do contrato de trabalho por mútuo acordo.

Comportel

Também o Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas denunciou que a administração da empresa Comportel enviou cartas a mais de 100 trabalhadores pressionando-os a rescindir os respectivos contratos de trabalho.

O sindicato indicou que a empresa está a oferecer indemnizações que oscilam entre os 450 e os 750 contos e a ameaçar que passará ao regime de disponibilidade, sem garantia de pagamento dos salários aos trabalhadores que recusem rescindir os contratos.

Acção de protesto da Messa

Os trabalhadores da Messa vão realizar uma acção de protesto pela situação que vivem na empresa, junto ao Mosteiro dos Jerónimos, durante a cerimónia de assinatura do tratado de adesão de Portugal à CEE.

Victor de Sousa, d comissão de trabalhadores da empresa, disse que os trabalhadores exigem a garantia dos seus postos de trabalho e o pagamento de seis meses de salários em atraso.

Novo Governo deverá repor direitos dos trabalhadores

— considera a CGTP-IN

«A solução política a encontrar face à ruptura da coligação PS-PSD terá de passar pelo termo dos ataques contra os direitos dos trabalhadores e a sua imediata reposição» — sublinha o comunicado final da reunião da Comissão Executiva da CGTP-IN, onde foi feito o balanço da acção nacional de protesto do passado dia 4 e analisada a nova situação política criada pela ruptura do Governo.

O documento adianta ser necessário «inviabilizar definitivamente o pacote laboral, a lei Anti-Reforma Agrária, as leis das rendas de casa e da segurança interna e todos os projectos do Governo PS-PSD que vão no sentido de agravar as condições de vida dos portugueses».

A CGTP-IN considera que a acção nacional de protesto «constituiu a mais importante jornada dos trabalhadores portugueses depois das greves gerais de 1982».

«As paralisações e greves realizaram-se praticamente em todos os sectores de actividade, abrangeram mais de mil empresas e locais de trabalho e envolveram mais de meio milhão de trabalhadores», refere-se no comunicado final, que adianta que «nas cinco empresas de transportes de Lisboa e da sua Cintura Industrial, que empregam cerca de 60 mil trabalhadores, a maioria aderiu às greves convocadas com especial destaque para os sectores das oficinas».

Em muitas localidades e empresas, diz o comunicado, houve paralisação completa dos meios de transporte bem como outros serviços das empresas, como no caso das ligações Lisboa, Margem Sul e as carreiras da RN, nos distritos de Braga, Setúbal, Alentejo e Algarve.

Noutras empresas, cujo número ronda as centenas, a adesão «foi maciça nos sectores metalúrgico, agrícola, químico, cerâmica, hotelaria, CTT's, indústrias eléctricas, corticeiro, têxteis, gráfico, administração local, alimentação e bebidas e em algumas empresas do sector do comércio e serviços» para além da realização de «milhares de plenários de empresa», refere o documento da CGTP-IN.

Entretanto, em declarações à ANOP, Álvaro Rana, da CGTP-IN, disse que a central sindical «exige a demissão imediata» do Governo e defende que se encontre «uma alternativa governativa que recupere os caminhos de Abril, respeite a Constituição e o regime democrático».

O dirigente sindical afirmou ainda que compete agora ao Presidente da República, «no uso dos seus poderes, tomar as medidas necessárias para demitir o actual Governo».

Direito de resposta

A CGTP-IN anunciou que vai exigir à RTP o direito de resposta à posição que o Governo, através do porta-voz do Conselho de Ministros, tomou sobre a acção nacional de protesto de terça-feira.

A central sindical protestou também pela cobertura noticiosa que o telejornal das 20 horas do mesmo dia fez da sua jornada de luta.

Jardim contra pacote laboral

O presidente do Governo Regional da Madeira manifestou-se contra a inclusão no «pacote laboral» de disposições que possibilitem os despedimentos verbais e a utilização abasiva dos contratos a prazo.

A afirmação de Alberto João Jardim foi proferida na Assembleia Regional, na sequência de uma interpelação a propósito das repercussões para a região autónoma, em matéria laboral, da adesão à CEE.

O presidente do Governo madeirense disse que o os contratos a prazo não podem ser utilizados abusivamente, «porquanto após dois ou três anos as entidades patronais ficam perfeitamente habilitadas a terem uma opinião sobre determinado trabalhador e sobretudo acerca da sua rentabilidade e empenho».

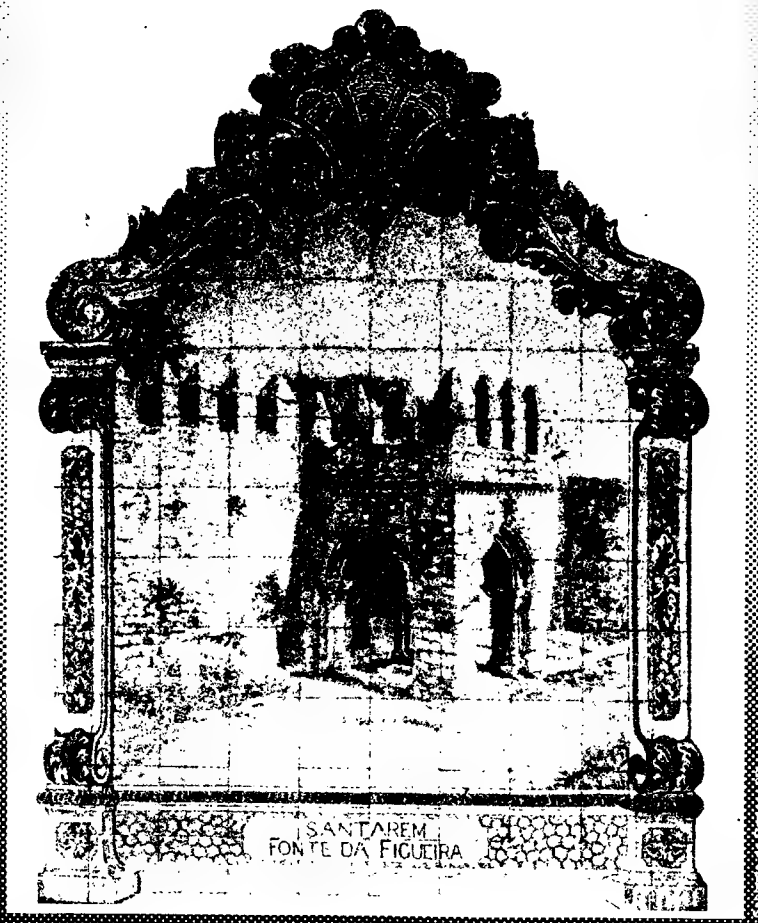
Manifestando-se contrário aos despedimentos verbais sem o imprescindível levantamento de processo disciplinar, o dirigente madeirense recordou que «existem direitos humanos que devem ser salvaguardados e respeitados».

«Esta minha posição seria a mesma quer se tratasse de um pacote laboral oriundo de Moscovo, Washington, Lisboa ou mesmo do Vaticano, pois entendemos que os direitos humanos e os direitos daqueles que trabalham não podem ser ignorados», disse.

VISITE SANTARÉM

Feira Nacional de Agricultura 6 a 16 de Junho

e aproveite os 50% de desconto que a CP lhe confere nos bilhetes de ida e volta



Consulte o calendário Bicolor
Esta oferta é válida nos dias verdes

Comboio, a opção dinâmica.

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 55/85

«HASTA PÚBLICA PARA ATRIBUIÇÃO DO DIREITO DE OCUPAR ESPAÇOS PÚBLICOS DESTINADOS À EXPLORAÇÃO DE UMA ESPLANADA NO CAMPO MÁRTIRES DA PÁTRIA».

Faz-se saber que no dia 24 de Junho de 1981, pelas 10.00 horas, terá lugar na 1.ªRepartição – Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171/C, a Hasta Pública acima referida, cujo processo é o 5/85/HP.

O programa da hasta pública e respectivas condições, serão publicados em «Diário Municipal» e o processo encontra-se patente em todos os dias úteis na Repartição citada no parágrafo anterior bem como na Direcção dos Serviços de Tráfego – Divisão de Viação e Trânsito, 5.ª Repartição – Viação e Ocupação da Via Pública, sita na Rua 1.º de Dezembro, 120, 5.º andar, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Paços do Concelho de Lisboa, 20 de Maio de 1985

O PRESIDENTE,
POR DELEGAÇÃO
O VEREADOR,
Alberto Seguro Dias

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE PAREDES DE COURA

ANÚNCIO

Faz saber que na acção especial de divisão de coisa comum n.º 59/84 pendente na Secretaria Judicial desta comarca, movida pela Autora Azáles dos Anjos Palmeirão Martins, viúva, residente em Gávea, Reboreda, da comarca de Vila Nova de Cerveira, contra os Réus João Luís Gonçalves Martins e mulher, Maria da Luz da Silva Martins, residentes em Lisboa; e Maria Luísa Gonçalves Martins Alves e marido, Albano dos Anjos Alves, residentes em parte incerta e com última residência conhecida na Rua do Sol-A-Cheias, n.º 25, B, Porta 31, da cidade e comarca de Lisboa, são os referidos réus Maria Luísa e marido Albano citados para, querendo, contestar, apresentando a sua defesa no prazo de dez dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da segunda e última publicação do anúncio, sob pena de se proceder à adjudicação ou à venda dos prédios a seguir identificados, sitos na freguesia de Coura, desta comarca:

A) – «Casa de morada, corte de gado e rossios», inscrita na matriz urbana sob o art.º 197.º e na matriz rústica sob o art.º 2 048.º;

B) – «Leiras do lugar», inscritas na matriz rústica sob o art.º 2 047.º;

C) – «Campo e Bouça da Cachada», inscritos na matriz rústica sob o art.º 2 983.º;

D) – «Campo de Fonteias», inscrito na matriz rústica, sob o art.º 2 975.º.

P. Coura, 22-Maio-1985

O Juiz de Direito,
a) Tibério Nunes da Silva

O Escrivão Judicial,
a) Carlos Jorge Calheiros Lages

D.L. 7/6/85 – 1.ª Pub.

Seremos seis biliões no ano dois mil

As implicações do aumento demográfico no próximo século constituirão o tema central do 20.º Congresso Internacional sobre População que decorre em Florença, na Itália.

Organizado pela União Internacional de Estudos Científicos da População (UIESP), o congresso servirá para que os 1.500 especialistas analisem, igualmente, as conclusões políticas da conferência internacional sobre população, realizada em Agosto passado.

Os participantes no congresso — promovido também pelo Fundo da ONU para a população (FNUAP) e pelo departamento de cooperação ao desenvolvimento do Ministério italiano dos Negócios Estrangeiros — centrarão a sua atenção no facto de que, não obstante uma redução registada recentemente na taxa de aumento demográfico mundial, o planeta terá 85 milhões de novos habitantes anualmente, ao longo dos próximos 15 anos, segundo previsões das Nações Unidas.

Actualmente estimada em 4.800 milhões de habitantes, a população mundial aumentará no ano 2000, para 6.100 milhões de pessoas, segundo aqueles cálculos.

Uma interrogação comum aos participantes no Congresso é saber quanto tempo durará essa diminuição do ritmo de aumento demográfico anual que, a nível mundial, passou de 1,77 por cento em 1980 para 1,67 por cento este ano.

Tal preocupação dirá respeito, principalmente, aos países em vias de desenvolvimento, onde vivem 3.600 milhões dos 4.800 milhões de habitantes do planeta, indicaram as mesmas fontes.

De acordo com cálculos das Nações Unidas divulgados este ano, a população dos países em desenvolvimento será, no ano 2000, de 4800 milhões de habitantes, face aos 1.200 milhões que nessa altura habitarão nos países desenvolvidos, cujas taxas de aumento serão, respectivamente, de 1,79 e 1,52 por cento.

«Indícios de uma redução da natalidade provêm de grandes países do Terceiro Mundo... em parte atribuíveis a efeitos das políticas de planificação familiar e, por outro lado, a mudanças espontâneas de comportamentos familiares relacionadas com o progresso económico e social», segundo um documento da UIESP, divulgado antes da inauguração do congresso internacional sobre população.

Cerca de 500 lugares bem remunerados

Funcionários para a CEE: corrida começa no dia 14

Cerca de quinhentos portugueses poderão vir a ser admitidos nos próximos dois anos como funcionários das várias instituiçõesda Comunidade Europeia. Vários concursos públicos nesse sentido serão anunciados no jornal oficial no próximo dia 14 de Junho, dois dias depois da assinatura do tratado de adesão.

Entre as instituições que maior número de efectivos portugueses vão necessitar contam-se a Comissão Europeia, o Parlamento Europeu e o Conselho.

As remunerações pagas pelas instituições da Comunidade aos seus funcionários são extremamente tentadoras, razão pela qual se aguardam concursos altamente concorridos.

Diga-se, a título de exemplo, que um operário não qualificado, no nível inferior da escala, portanto, pode aspirar a um vencimento um pouco superior a 40 mil francos belgas (115 mil escudos), enquanto que uma dactilografa pode ultrapassar os 70 mil francos belgas e um director-geral pode chegar a 300 mil francos belgas.

A isso se juntam os abonos de família, uma assistência social impecável, indemnizações e viagens pagas àqueles que se encontram deslocados dos respectivos países...

Na hierarquia os funcionários são classificados de acordo com a natureza e o nível das funções a que correspondem, em quatro categorias designada em ordem alfabética decrescente pelas letras A, B, C e D.

Essas letras, que por sua vez se subdividem em vários níveis correspondem respectivamente a conhecimentos de grau universitário, secundário e primário.

O procedimento de admissão passa pela organização de concursos públicos ao qual podem escapar os funcionários dos níveis A1 e A2 em relação a cuja admissão o Governo do país em causa tem uma palavra a dizer.

A partir do nível portanto, são organizados concursos anunciados no jornal oficial e publicitados na Imprensa, especificando as condições de admissão: diploma, experiência, idade e conhecimentos linguísticos.

Para já, admite-se que os próximos concursos cubram os domínios seguintes: ao nível A6, e A7 e A8 (Direito, Economia, Estatística, Agronomia, Informática, Pesca, Administração Geral, Relações Externas, Orçamento, Alfândegas, Imprensa e Técnicas de Informação), ao nível B3 e B4 (Gestão Administrativa, Cálculos Aplicados à Estatística, Contabilidade e Finanças Públicas, Arquivos, Documentação e Biblioteca, Informtica e Alfândegas) e ao nível C (Secretariado e Contínuos).

Para os candidatos aos níveis A6, A7 e A8, por exemplo, são exigidas as seguintes provas: uma prova eliminatória para avaliar conhecimentos gerais e específicos, uma prova sobre temas alternativos e estudo de casos, uma prova de carácter prático e uma prova oral para testar conhecimentos específicos e linguísticos.

Empréstimo à Quimigal bem recebido em Londres

A revista internacional «Finance Rewiw» num artigo sobre economia portuguesa diz hoje que a empresa Quimigal pediu a três entidades bancárias britânicas uma facilidade de crédito de 65 milhões de libras (13 milhões de contos).

De acordo com a IFR os termos devem ser de 0,625 por cento para os primeiros cinco anos e 0,55 por cento para os restantes três, já que o prazo é de oito anos. Mais pormenores devem surgir em breve, mas até à data, as respostas dos banqueiros ao crédito pedido pela Quimigal têm sido favoráveis.

A IFR diz que a Quimigal está a emergir como um dos principais beneficiários da próxima entrada de Portugal para a CEE.

A ênfase que será ao sector agrícola, tradicional mas relativamente pouco produtivo, deverá com a participação de Portugal, na CEE resultar num aumento significativo de fundos disponíveis para a Quimigal visto os seus produtos serem dirigidos para a agricultura.

Além disso, citando Mário Cristina de Sousa, secretário de Estado do Planeamento, a revista diz que o Banco Mundial está a estudar activamente a possibilidade de um grande empréstimo à Quimigal reconhecendo também a necessidade do seu desenvolvimento, que é de grande prioridade para a agricultura.

Outro crédito que também está a ser aguardado em Londres, e o empréstimo de 100 milhões de dólares (17 milhões de contos) à Electricidade de Portugal (EDP), anunciado no fim de Maio e concedido por um grupo de cinco bancos: o City Bank, o Mitsubishi, o Dresdener, o BNP e o BESCL.

Fontes bem informadas dizem que os termos deste crédito ainda não foram estabelecidos, visto aguardar-se a recepção no mercado da facilidade de crédito à Quimigal e também da aceitação do Banco de Portugal.

O IFR diz que observadores da economia portuguesa notam também que a situação das divisas externas de Portugal está em boa posição com o início de uma excelente época turística e com as grandes remessas dos emigrantes.

Finalmente, diz o IFR, Portugal pode olhar com satisfação para a entrada na CEE em 1986 e não se espera que venha a ter grande necessidade de fundos estrangeiros no futuro próximo.

Três milhões para reparar estradas

A Junta Autónoma de Estradas vai despender, este ano, mais de três milhões de contos em obras de reparação das vias de trânsito, foi anunciado pelo presidente da Junta, Almeida Freire.

A verba para estas reparações, que fazem parte de um plano de emergência para a conservação da rede secundária nacional, virá da emissão de obrigações por parte da JAE, até ao montante de 3100 mil contos. A emissão foi autorizada em Maio, por despacho dos Ministérios das Finanças e do Plano e do Equipamento Social, como forma de obtenção de fundos para fazer face aos encargos do plano de emergência.

O plano de emergência, no seu todo, desenvolve-se em 1985-1986, beneficiando cerca de 1300 quilómetros de estradas com especial incidência para a rede secundária.

Revelou ainda o presidente da JAE que as suas direcções distritais já foram autorizadas a executar, por administração directa, pequenas obras de reforço de pavimentos das estradas mais carecidas.

Da verba destinada aos trabalhos a realizar em 1985, 350 mil contos são para «conservação corrente por administração directa», 50 mil contos para «conservação corrente por contrato», 200 mil para «equipamento de segurança e eliminação de pontos negros», 2300 mil contos para «obras individualizadas» em cerca de 800 quilómetros de estrada e 200 mil para outras despesas — revelou o presidente da JAE.

Durante a conferência de Imprensa em que foi divulgado este plano de emergência o presidente da JAE sublinhou as sucessivas dificuldades financeiras com que o organismo se tem debatido e considerou «perturbante o estado de ruptura em que se encontra grande parte da rede nacional».

Referiu ainda que o sector dos transportes na CEE representa cerca de seis por cento do Produto Interno Bruto da Comunidade onde, desde 1976, as despesas com estradas correspondem a 47 por cento das despesas referentes a infra-estruturas de transportes.

A média das despesas da JAE em relação ao produto interno bruto, entre 1970 e 1981 foi de 2,1.

UBP aumenta capital social

A UBP (União de Bancos Portugueses) foi autorizada a aumentar o seu capital social para 5,5 milhões de contos, numa operação que deverá ser desencadeada ainda este ano.

O Banco justificou este pedido de aumento de capital aprovado já pelo Governo,com o desejo de ajustar a estrutura dos recursos próprios às exigências financeiras de modernização e expansão. Isto no convencimento de que, segundo nota difundida à Imprensa, a actividade bancária do futuro vai ser consideravelmente diferente da que predomina em Portugal, com a atribuição aos bancos de um papel decisivo na criação de condições para o ressurgimento económico».

O exercício de 84 revela uma situação promissora na UBP pois os depósitos à ordem cresceram a um ritmo superior ao dos depósitos a prazo e o montante de crédito concedido registou maior taxa de expansão que os depósitos.

Efacec emite obrigações

A EFACEC — Empresa Fabril de Máquinas Eléctricas foi autorizada a emitir obrigações no montante de um milhão de contos por portaria hoje publicada no «Diário da República».

A emissão será representada por títulos ao portador de 5, 10 e 20 obrigações ou por certificados, e serão subscritas prioritariamente pelos accionistas, na proporção das acções que possuem.

O pessoal da EFACEC e da sua associada RABOR — Construções Eléctricas, poderão subscrever as obrigações, caso não sejam integralmente subscritas pelos accionistas da empresa.

A taxa de juro nominal do primeiro cupão é de 28,5

SOPETE: meio milhão

Tambem a SOPETE a Sociedade Poveira de Empreendimentos Turísticos, foi autorizada a emitir obrigações no valor de 500 000 contos por portaria hoje publicada.

As obrigações, no valor nominal de 1000 escudos, cada, serão representadas por títulos de 5, 10, 30 ou 50 obrigações ou em certificados e destinam-se à subscrição pública.

Os juros que serão contados semestralmente, a partir da data da subscrição, foram fixados em 27,5 por cento, para o primeiro copão, e para os cupões seguintes igual à taxa dos depósitos a prazo a mais de 180 dias e inferiores a um ano, acrescidos de pontos percentuais fixados na portaria para os cinco anos de duração das obrigações.

Mais uma seguradora privada

O processo relativo à constituição de uma nova companhia seguradora, a Atlântica foi entregue no Ministério das Finanças — informou a Comissão Instaladora da nova empresa.

A Companhia Seguradora Atlântica que terá sede no Porto e sucursal em Lisboa é constituída com capitais privados exclusivamente portugueses.

Depois do pedido, já autorizado, da companhia norte-americana American Life (ALICO) para se instalar em Portugal para explorar o ramo «vida», a Atlântica, por sua vez, vai dedicar-se a 27 ramos de seguros (todos com excepção do ramo vida).

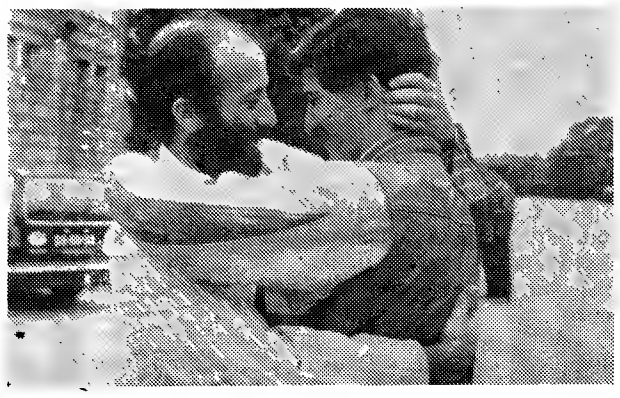
COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	68$95	74$95
ALEMANHA FED (marco)	56$20	57$30
ÁUSTRIA (xelim)	7$95	8$15
BÉLGICA (franco)	2$632	2$831
BRASIL (cruzeiro)	$010	$020
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$00	128$00
(notas de 5 a 1000)	126$50	128$50
DINAMARCA (coroa)	15$65	16$05
ESPANHA (peseta)	$939	1$050
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	172$75	174$75
(notas de 5 a 1000)	173$25	175$25
FINLÂNDIA (marka)	27$00	27$60
FRANÇA (franco)	18$40	19$10
HOLANDA (florim)	49$85	50$85
IRLANDA (libra)	176$85	180$85
ITÁLIA (lira)	$080	$090
JAPÃO (iene)	$665	$700
NORUEGA (coroa)	19$50	20$00
REINO UNIDO (libra)	218$90	222$90
SUÉCIA (coroa)	19$40	20$00
SUÍÇA (franco)	66$75	67$85
VENEZUELA (bolívar)	12$25	13$25

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Passagem do testemunho

Quinito que vai partir para terras dos petrodólares cedeu o seu lugar de responsável pelo futebol bracarense ao seu colega Calisto e, num gesto de sã camaradagem faz questão de estar presente no acto de posse e dar um abraço de companheirismo ao seu sucessor.

Manuel José na "casa do leão"

Manuel José assumiu ontem o comando do futebol sportinguista e imediatamente começou o trabalho. Antes, porém, o presidente João Rocha deu-lhe as boas vindas e ambos trocaram as tradicionais palavras de circunstância. A confiança é recíproca, naturalmente.

"Capitão" oferece o petisco

Manuel Fernandes tem marcado a sua carreira de profissional de futebol, pela constância de atitudes reveladoras de excelente espírito de companheirismo Ao comemorar mais um aniversário, o admirado «Manel, de Sarilhos» fez questão de se reunir com os colegas da «faina» diária. Um gesto que se realça.

Ciclismo: Volta ao Alentejo

Adelino: primeiro no pódio

Trinta segundos de vantagem sobre o seu companheiro de equipa Manuel Cunha, foram suficientes ao lousanense Adelino Teixeira, para vencer a terceira Volta ao Alentejo em Bicicleta, que ontem terminou em Évora.

O ciclista do Lousa, bem auxiliado pelos seus colegas de equipa, arrebatou a camisola amarela na quarta etapa (contra-relógio individual Redondo-Estremoz), ao tavirense Fernando Ventura, para não mais a largar até final da prova.

A luta por equipas travou-se ao longo das oito etapas entre o Sporting e o Lousa, acabando os «leões» por vencer colectivamente com uma vantagem de 24 segundos. A última etapa no percurso Évora-Évora, com 12 voltas à cidade num total de 52 quilómetros, e a que assistiu numeroso público, foi vencida ao «sprint» por António Fernades do Bombarralense.

Para percorrer aquela distância, António Fernandes demorou uma hora, 14 minutos e 23 segundos, a uma média horária de 41,944 quilómetros, tempo igualmente creditado aos 37 ciclistas que se classificaram a seguir.

Classificação geral individual após as oito etapas da prova, em que foram percorridos um total de 940 quilómetros ao longo de seis dias, nos distritos de Évora, Beja e Portalegre:

1.º **Adelino Teixeira,** Lousa, 25h 09m 27s; 2.º Manuel Cunha, Lousa, 25.09,57; 3.º José Xavier, Sporting, 25.10,06; 4.º Eduardo Correia, Sporting, 25.10,08; 5.º António Pinto, Sporting, 25.10,28.

Classificação final por equipas:

1.ª Sporting, 75h 41m 04s; 2.ª Lousa, 75.41,28; 3.ª Bombarralense, 75.42,07; 4.ª Ajacto, 75.46,46; 5.ª Boavista, 75.50,21; 6.ª Tavira, 75.52,52; 7.ª Olhanense/Algarve, 77.23,16.

«Giro» de Itália: Acácio é 30.º

Francesco Moser reduziu para um minuto e 15 segundos a diferença que o separa para o francês Bernard Hinault ao vencer a 19.ª etapa da Volta à Itália.

Moser (34 anos) que defende a vitória no «Giro» ganha a longa maratona de 247 quilómetros vencendo ao «sprint» no tempo de seis horas 28 minutos e 28 segundos, beneficiando de uma bonificação de 20 segundos.

A três etapas do fim do «Giro» assume particular interesse a luta que Moser irá travar com Hinault podendo tudo ficar decidido na última etapa um contra-relógio individual em Lucca. Florença, na distância de 48 quilómetros. «Ainda tenho um minuto de vantagem e há tempo para defender a camisola rosa», disse Hinault. Vou ser um espectador na etapa de sexta-feira e só depois decidirei o que fazer», acrescentou.

Acácio da Silva integrou o grosso do pelotão terminando com o mesmo tempo do vencedor e subiu dois lugares na geral ocupando agora a 30.ª posição a 26.09 minutos de Hinault.

Basquetebol

Benfica "encesta" no Maputo

O Benfica venceu em Maputo a equipa moçambicana do Maxaquene, por 106-70 (41-39 ao intervalo), na segunda jornada do segundo torneio internacional de basquetebol das Linhas Aéreas de Moçambique.

O FC Porto venceu igualmente o seu adversário, a turma norte-americana do Maryland All Stars, por 90-87.

A segunda jornada do torneio concluiu-se com o jogo entre as equipas moçambicanas do Desportivo de Maputo e o Primeiro de Agosto, com o resultado de 39-70.

O Benfica subiu isolado ao primeiro lugar da classificação, com quatro pontos, seguido na segunda posição por um grupo de quatro equipas com três pontos (Maxaquene, FC Porto, Maryland All Stars e Primeiro de Agosto), sendo a última posição ocupada pelo Desportivo (actual campeão de Moçambique) com apenas dois pontos.

Resultados das duas primeiras jornadas:

Primeira jornada: Desportivo, 65 - Maryland All Stars, 81; Benfica, 92 - FC Porto, 76; Maxaquene, 79 - Primeiro de Agosto, 68.

Segunda jornada: Desportivo, 39 - Primeiro de Agosto, 70; Maryland All Stars, 87 - FC Porto, 90.

Taça de Portugal

O Barreirense afastou o Olivais da Taça de Portugal ao vencer por 91-87 em encontro dos oitavos-de-final disputado em Coimbra.

O encontro Queluz - Conimbricense relativo aos quartos-de-final foi adiado.

Europeu

A União Soviética derrotou a Roménia, por 100-85, na partida do Grupo A do campeonato Europeu de Basquetebol, segunda jornada, a decorrer em Karlsruhe, na Alemanha Federal.

Ainda na segunda jornada do Grupo A, a Jugoslávia venceu a França por 110-89; e a Espanha derrotou a Polónia, por 99-97.

Para o Grupo B, a decorrer na cidade alemã de Leverkusen, igualmente a contar para a segunda jornada: a Itália venceu a Alemanha Federal por 94-79, e a Checoslováquia derrotou Israel por 93-92.

Na sua agenda

Taekwon-Do no Sporting

O Sporting Clube de Portugal vai levar a efeito, no Pavilhão José Alvalade, o I Troféu Cidade de Lisboa de Taekwon-Do com a participação do Clube Vilafranquense, Associação dos Pupilos do Exército, selecção do Seixal e clube organizador. O torneio terá lugar no dia 10 (segunda-feira) com início às 9 horas.

GINÁSTICA: a 8 e 9 do corrente, em Setúbal, «Festa da Ginástica-85», integrada nas comemorações do Ano Internacional da Juventude, a realizar no pavilhão do Clube Naval Setubalense.

Atletismo na Carvoeira

Decorrerá no domingo (pelas 10 horas) a 3.ª Volta à Freguesia da Carvoeira em atletismo organizada pelo Grupo Desp. da Casa do Povo de Carvoeira com o apoio da Junta de Freguesia local e da Câmara Municipal de Torres Vedras. A prova terá uma extensão de cerca de 10 mil metros e participarão atletas do diversos escalões etários.

NATAÇÃO: «Torneio Dia de Camões», pelas 16 horas de 10 de Junho, na piscina da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
12.º JUÍZO
ANÚNCIO
PROC. 8.653
2.ª SECÇÃO

FAZ-SE SABER que pela 2.ª Secção do 12.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e Autos de Acção Especial do Código da Estrada que Casimira da Vizitação Água-Mel e Vera Zorina Água-Mel Pinto de Brito Gonçalves movem contra JOÃO ANTÓNIO CARVALHO VALVERDE e Mulher LÍDIA MARIA PEREIRA CASQUINHA VALVERDE, correm éditos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando o chamado LUÍS MARQUES, actualmente ausente em parte incerta e com última residência conhecida em Aguiar da Beira, para, no prazo de 10 dias decorrido o dos éditos, contestar, querendo, aquela acção, ou oferecer o seu articulado ou declarar que faz seus os dos réus ou ainda se intervier no processo passado o prazo referido, tem de aceitar os articulados da parte a que se associa e todos os actos e termos já processados.

Os duplicados da petição inicial, da contestação e do requerimento da intervenção encontram-se arquivados na Secretaria deste Juízo à ordem do citando.

Lisboa, 19 de Março de 1985

O Juiz de Direito,
António Manuel Martins Lopes

O Escrivão-Adjunto,
António Fernando Cardoso de Freitas

D.L. 7/6/85 – 1.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
17.º JUÍZO

PROCESSO N.º 2338 – 1.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

FAZ SABER que pela Secção e Juízo acima indicados correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando o Réu abaixo indicado, para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, contestar, querendo, o pedido feito pelo Autor, nos autos com processo Especial do Art.º 68.º do Código da Estrada, n.º 2338, sob pena de ser condenado no pedido, conforme melhor consta do duplicado da petição inicial, que se encontra ao seu dispor na Secretaria deste Tribunal.

AUTOR: JOSÉ JOÃO MENDES SANTANA, residente na Praça Aniceto do Rosário, n.º 9-3.º Esq.º em Lisboa.

RÉU A CITAR: – VICTOR JOSÉ TEIXEIRA PRATES, ausente em parte incerta, e com última residência conhecida na Rua A, Lote 73 Loja H na Quinta da Fidalga, Aguaiva Cacém.

Lisboa, 10 de Maio de 1985

O JUIZ DE DIREITO
António Costa Marques

A ESCRITURÁRIA
Joaquina da Assunção F. de Matos

D.L. 7/6/85 – 1.º PUB.

ANÚNCIO

O Doutor ANTÓNIO MANUEL PEREIRA, Juiz de Direito do 9.º Juízo Cível de Lisboa da 2.ª Secção.

Faço saber que pelo Juízo de Direito desta Comarca e segunda secção correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos do executado VESSÓNIA – PRODUTOS ALIMENTARES, LD.ª – Com sede no Sítio das Pontes em Setúbal, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Venda de Penhor movida por Banco Pinto &Sotto Mayor, EP, com sede em Lisboa, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Para constar se passou o presente que vai ser legalmente afixado.

Lisboa, 30 de Maio de 1985.

O JUIZ
António Manuel Pereira

O ESCRIVÃO DE DIREITO
ADJUNTO,
Maria Alice Ramos

«DL» 7/6/85 — 1.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SETÚBAL

ANÚNCIO

Pelo 4.º Juízo 2.ª Secção dá comarca de Setúbal correm éditos de seis meses, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando JOSÉ JOAQUIM FERREIRA MOURÃO, com última residência conhecida em freguesia de S. Maria Madalena de Lordelo, concelho de Vila Real, e agora ausente em parte incerta, para no prazo de vinte dias, posterior àquele dos éditos, impugnar, na acção especial de curadoria definitiva dos seus bens, requerida por Emília Augusta Miranda Mourão, casada, residente na Rua Fernando Santos n.º 9-1.º em Setúbal, a sua alegada ausência em parte incerta.

No mesmo processo são citados por éditos de sessenta dias igualmente contados da segunda e última publicação deste, os interessados incertos para no prazo de vinte dias, depois de decorridos o dos éditos, impugnarem a aludida ausência daquele José Joaquim Ferreira Mourão. Processo n.º 863/84 – 2.º Secção.

Setúbal 13 de Maio de 1985.

JUIZ DE DIREITO
Luís António Reininho

O ESCRIVÃO DE DIREITO
Armando da Silva Moreira Pinto

D.L. 7/6/85 — 1.ª PUB.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução de sentença n.º 1640-BC 1.º secção.

Exequentes — Eduardo Ângelo Jardim de Gouveia.

Executado — Alberto Ayres Braga Sousa e mulher Maria Amélia da Saúde Vilar de Sousa, residentes na Av. Sidónio Pais, 18-3.º Dt.º em Lisboa.

Cascais, 19 de Abril de 1985

O Juiz de Direito
António Manuel de Almeida Semedo
O Escrivão de Direito
Mário Henrique Martins Crespo Lopes

D.L. 7/6/85 — 1.ª Pub.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R Tenente Raul Cascais, 1 A
1200 Lisboa
Tel 661515 • 669205

teatro do bairro alto

RICARDO III

de

SHAKESPEARE

3.ª feira a sábado às 21 h.
Domingo às 16 h.

Futebol: Taça de Portugal

Benfica e Porto: obviamente!...

Superioridade confirmada. Benfica e FC Porto estão apurados para na próxima segunda-feira disputarem no Estádio Nacional a posse da Taça de Portugal, depoios de terem dificilmente vencido, respectivamente, o promovido Covilhã e o despromovido Varzim. Dois encontros em que a teórica vantagem dos «poderosos» e visitados não se tornou evidente, por força da briosa e abnegada oposição revelada por covilhanenses e varzinistas nada impressionados pelo valor das vedetas em confronto como pelo cenário dos palcos da Luz e das Antas.

Na Luz, esteve um Benfica irreconhecível valendo pela inspiração de José Luís e essencialmente pelo inconformismo do cada vez mais discutido Carlos Manuel e também uma arbitragem medíocre do candidato à internacional Francisco Silva que muito fez para proporcionar o triunfo ao Benfica. Uma tarde desastrosa dum «juiz» que se considera entre os melhores. Acontece.

Nas Antas, os portistas situaram a exibição em plano bastante modesto e bem longe das portentosas exibições realizadas em tempo recente. Um solitário golo foi no entanto bastante para marcar mais uma vez presença na final.

Os três golos dos encontros couberam a Manniche (2) e Eurico e para a história aqui ficam os intérpretes:

Na Luz:

Árbitro: Francisco Silva, de Faro, as equipas:

Benfica: Bento; Pietra, Bastos Lopes, Álvaro e Oliveira; Carlos Manuel (Jorge Silva, 72), Nené, Manniche, José Luís, Nunes e Diamantino (Vando, 64).

Sporting da Covilhã: Martins; Margaça, Pereira (Real, 71), Juanito e Quim Brito; Ruberio, Rui Barros, Escurinho (Tuninho, 66) e Amauri; Nelinho e César Brito.

Nas Antas: Árbitro: Vítor Correia, de Lisboa, as equipas:

Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco, Quim, Mito, (Quinito 30, depois Walsh 55) e Semedo; Vermelhinho e Futre.

Varzim: Lúcio; Paulo Pires, Lima Pereira, Lito e Rudolfo Coutinho; Fonseca (Magalão 75), Augusto, Miranda e Bobó; Manuelzinho e Folha.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Rodolfo Coutinho.

Nas Antas, o Varzim lutou bravamente

Divisão 3

Académico de Viseu e Sacavenense ganharam os seus encontros para o Torneio de Apuramento do Campeão da Terceira Divisão Nacional de Futebol. O Académico de Viseu derrotou, fora, o Vianense, por 1-0 (Zona Norte) e o Sacavenense venceu, em casa, o Silves, por 1-0 (Zona Sul).

Na segunda jornada do torneio, a disputar domingo, defrontam-se o Vianense e o Amarante (Zona Norte) e o Sacavenense - União de Santarém (Zona Sul).

Juvenis

Resultados dos encontros da segunda jornada da segunda fase da Taça Nacional de Juvenis:

Zona A: Vianense - Vila Real, 8-1; e Porto - Braga, 2-2.

Classificação: 1.ºs, Porto e Braga, 3 pontos; 3.º, Vianense, 2; 4.º, Vila Real, 0.

Zona B: Académica - Bombeiros Voluntários de Almeida, 1-2; e Marrazes - Sanjoanense, 3-1.

Classificação: 1.ºs, Marrazes e Bombeiros Voluntários de Almeida, 3 pontos; e 3.ºs, Académica e Sanjoanense, 1.

Zona C: Sporting - Vilafranquense, 11-0; e Nazarenos - Portalegrense, 2-0.

Classificação: 1.º, Sporting, 4 pontos; 2.ºs, Vilafranquense e Nazarenos, 2; 4.º, Portalegrense, 0.

Série D: Seixal - Benfica, 2-0; e Setúbal - Farense, 7-0.

Classificação: Benfica, Farense, Seixal e Setúbal, todos com 2 pontos.

Académica: reforços

O jogador do Porto Mitó, assinou um compromisso de uma época com a Académica —

Ele (alto e loiro) marcou os dois golos

disse à ANOP o chefe do departamento de futebol academista, António Augusto. Aquele dirigente adiantou que a Académica contratou já também Orlando ex-União de Coimbra, que vai firmar acordos com Jorge Paixão, ex-Amora, na próxima semana, bem como outros jogadores com quem mantem negociações.

A Académica poderá ter na sua equipa na próxima época alguns jogadores do Benfica, caso o seu jogador Flávio se transfira para o clube da Luz, tendo também interesse em adquirir o passe de Jorge, ex-guarda-redes do Vitória de Setúbal.

Entretanto, foi já divulgada lista de dispensas que engloba os jogadores Tozé, Jorge, Ângelo, Reis e Álvaro, estando a decorrer negociações para a renovação dos contratos de Nelsson Dias, Barry Wellings e Robert Sciascia, sendo este último quem tem mais hipóteses de ficar no clube de Coimbra.

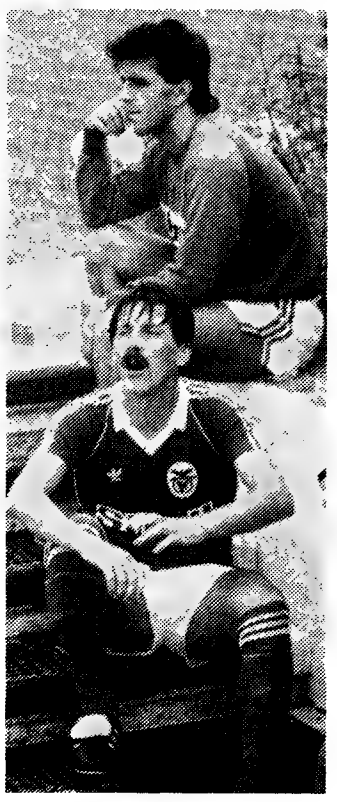
A orientação da equipa ficará a cargo de Vítor Manuel, que vai ser coadjuvado por Camilo e Martinho, dois antigos jogadores do clube.

U. Coimbra: Gervásio rende Andrade

Vasco Gervásio é o novo treinador do União de Coimbra em substituição de Francisco Andrade, que se transferiu para o Boavista, onde vai exercer as funções de secretário técnico.

Júlio Ramos anunciou também a saída de Vítor Duarte para o Benfica e informou que decorrem negociações com vários jogadores do actual plantel para a renovação dos contratos e com outros que podem vir a ingressar no clube.

As únicas certezas quanto a reforços são as de Edilson, ex-Quiaios, Alcino, ex-Luso, e Bala, ex-Marialvas.



Carlos Manuel e Diamantino: grito e... pensamento

Boniek: um gesto de nobreza

O futebolista polaco Boniek da equipa italiana Juventus decidiu doar o prémio que ganhou pela vitória da equipa na Taça dos Campeões Europeus de futebol aos familiares das vítimas do jogo.

O avançado polaco, que provocou a grande penalidade que proporcionou o único golo do desafio para a sua equipa frente ao Liverpool, vai doar 50 milhões de liras (cerca de 4 mil e 500 contos), valor do prémio atribuído pelo clube a cada jogador.

Maradona: o "mais" de Itália

O argentino Diego Maradona, ao serviço do Nápoles, foi considerado «melhor futebolista do ano» em Itália, numa sondagem ora publicada.

Maradona recebeu 124 votos na sondagem organizada por duas estações privadas de televisão junto de comentadores desportivos, treinadores e outros especialistas, ligados ao futebol.

Hans Peter Briegel, o defesa alemão-federal que este ano joga no Verona, campeão de Itália, ficou em segundo lugar, com 81 votos, seguindo-se o francês Michel Platini (Juventus), o brasileiro Júnior (Torino) e o britânico Mark Hateley (Milão).

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGAOS DE INFORMAÇAO PARA O CONCURSO N.º 23 DE 9 DE JUNHO DE 1985

assim vai o totobola

Jornal 1X2: 111 XX1 1XX X111; O Diário: 2X1 221 1X1 2122; Diário de Lisboa: 2X1 1X1 11X 2222; Notícias de Guimarães: X21 X21 111 2X11; Ecos do Cacia: 211 2X1 122 X111; RR-Diário do Desporto: 11X 222 11X 12X1; RR-Desporto: X11 2X1 111 1X22; RR-Bola Branca: 1XX 111 11X 21XX; Jornal de Sintra: 221 21X 111 2122; Folha do Domingo: 111 111 111 1111; Jornal Linhas de Elvas: 111 X11 121 XX21; Jornal «A Defesa»: 1X2 X11 1XX 211X; A voz do Domingo: 1X1 11X 11X X1XX; Jornal a Voz das Beiras: 2X2 211 1X1 2111; Correio de Coimbra: 1X1 211 11X 1111; Reconquista: 1X1 XX1 111 X211; Jornal da Beira: 211 111 111 X1X1; O Mensageiro: XX1 211 X11 X121; Rádio Totobola: 22X X11 X2X 2121; O Jornal de Felgueiras: 111 21X 112 X1X2; Notícias de Felgueiras: X11 212 X1X 1X2X; RDP/Clube da Manhã: 1X1 X11 112 2X2X; RDP/Manhã Manhã: 2X1 211 X22 1111; RDP/Tempo de Desporto: 21X 2X1 1X2 1X11; RDP/Secção Desportiva: 211 X1X 122 X11X; Voz de Lamego: 111 XX1 111 X1X1; Correio do Vouga: 111 111 111 21X1; Maria da Fonte: 1X1 21X 111 21X1; RDP/Norte Noticiário 17.00: 111 2X1 11X X22X; Sintonia Desportiva: 211 111 1X1 1X11; Fotogramas: 11X 11X 111 1112; Grande Sábado: 1X1 1X1 11X X111; Jornal Gazeta dos Caldas: X11 211 111 X1XX; Jornal de Santo Tirso: 1X1 111 X1X X11X; Voz do Ave: 1X1 211 111 X121; O Jornal de Amarante: 111 111 111 2121; Jornal «A Ordem»: 21X 211 1XX 2112; Jornal do Fundão; 211 X11 11X 1XXX; Jornal Defesa de Espinho: 121 X11 111 1111; Litoral: 2X1 11X 11X 2X2X; O Jornal da Lixa: 111 X11 111 X11X; Penalty: 211 211 11X 2X21; Rádio Sports: 111 211 211 1111; No Estúdio e no Estádio: X1X 1X1 1XX X111; Jornal Notícias de Gouveia: 1X 1 121 11X X11X; Fora de Jogo: 111 X11 1XX X2X1; Boomerangue: 111 211 111 X11X; Dicas da Bica: XX1 XX1 111 X11X; Ponto de Mira: 111 111 2XX 1XX1; Fora de Jogo: 11X XX1 11X XX11; Cantar de Galo: X11 211 1XX X11X; Diário de Viseu: 1X1 11X 1XX 21X1; Notícias de Viseu: 1XX 111 12X 21XX; Gazeta de Felgueiras: 1X1 21X 111 X12X; Cardeal Saraiva: 1X1 112 11X 2111; A Comarca de Arganil: X1X 111 1X2 X111; A Arte de Bem Madrugar: X11 X11 11X 21X1; Alvo Desportivo: 111 111 111 1111; Alvo: 111 111 111 2111; O Comércio de Leixões: 21X 2X1 122 2111; Jornal da Graça: 21X 121 222 X211; Jornal de Notícias; 221 X11 1XX 11XX; O Primeiro de Janeiro: 21X 111 1X2 1111; Rádio Alvo: X21 X11 X2X 1XXX; Repórter do Dia: 211 211 12X X1X1; A voz dos Ridículos: X11 211 1X1 1X11; Alvo Suplemento: X11 111 1XX X111; De Tudo um Pouco: 2X1 X11 1X2 1111; O Emigrante: 211 X11 1X1 1X2X.

CONCURSO Nº 23/85

9.JUNHO.85

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS 1	BOLAS X	BOLAS 2	(a)
1. B.DORTMUND - W.BREMEN	34	13	22	6	2	4	
2. BOCHUM - F.DUSSELDORF	40	23	6	7	4	1	
3. LEVERKUSEN - W.MANNHEIM	54	13	2	9	2	1	
4. CHAUX-DE-FONDS - GRASSHOPPER	24	22	25	4	4	4	
5. ZURIQUE - NEUCHATEL	51	13	5	9	2	1	
6. SERVETTE - ST.GALLEN	57	9	3	10	1	1	
7. LUCERNA - VEVEY	60	6	3	10	1	1	
8. CATÂNIA - BARI	40	13	10	7	3	2	
9. EMBOLI - PISA	28	30	11	5	5	2	
10. PESCARA - GÊNOA	20	28	21	3	5	4	
11. CESENA - PARMA	48	15	6	8	3	1	
12. LECCE - CAGLIARI	35	18	16	6	3	3	
13. TRIESTINA - MONZA	41	21	7	8	3	1	

a)Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "chave" lógica será :

111 211 11X X111

António Fonseca e António Cruz ensaiam «A espera de Godot»

"Godot" no Porto

O TEAR leva brevemente à cena «À Espera de Godot» de Samuel Beckett, enquanto Paris revê a mesma peça com grande entusiasmo 32 anos após a sua estreia. Entre nós o conhecido texto teatral foi estreado em 58, no Teatro da Trindade.

Polémico, profundo e verdadeira pedra de toque da dramaturgia contemporânea, o texto do que foi Prémio Nobel da Literatura em 1969 conta nesta versão com encenação de Castro Guedes e a interpretação de um jovem elenco que promete vir a dar que falar, «tal é o nível das interpretações atingido nesta proposta muito «sui generis» de leitura cénica».

Em ensaio há dois meses, «Godot» sofre os últimos retoques, para se exibir, de terça a domingo, às 21.30h, no novo espaço teatral da cidade do Porto: o Teatro — Casa de Teatro do TEAR.

Acompanhado musicalmente pelos percussionistas Jacob de Oliveira e Luís Filipe, com partituras originais de José Prata, no cenário desenhado por Moura Pinheiro, pisam o palco António Fonseca, António Cruz, Jorge Paupério, Luís Duarte e Fátima Castro.

"Album, Album", de Jack Dejohnette

Uma música de estilo

Rui Eduardo Paes

Desde 79 que Jack Dejohnette mantém esta aventura, exclusiva como a fórmula com que a apresentou: Special Edition, colectivo de que é expoente definidor e que ao longo de quatro discos teve versões instrumentais levemente alteradas, num constante processo de renovação expressiva. Acompanham-no agora neste «Álbum, Álbum» John Purcell, saxofonista alto e soprano, o tenor de David Murray, a tuba e o sax-barítono de Howard Johnson e ainda Rufus Reid e os seus contrabaixo e baixo eléctrico.

E se indicamos estes músicos a razão não decorre simplesmente de considerar que no jazz não há os líderes e os operários, não interessando a sujectividade participativa destes — é que, na realidade, a súmula que neste LP podemos ouvir vem em muito da especificidade que cada um destes instrumentistas garante, todos eles da primeiríssima linha do jazz contemporâneo.

Seja como for, os méritos maiores vão para Dejohnette, que brilha aqui sob vários aspectos. Acima de tudo como compositor e arranjador, sendo o Special Edition, um trabalho fundamentalmente orquestral, explanado com muita felicidade pelo trio de sopros, fazendo lembrar por diversas vezes, e não por acaso, o nome de Duke Ellington, o grande arquétipo de sempre da orquestração de jazz. Depois como actualidade, instrumento de que é um dos maiores avançados na actualidade e um dos praticantes de estilo mais pessoal. E finalmente como teclista, faceta que tem vindo a desenvolver nos últimos anos: demonstram-no em «Álbum, Álbum» um conseguido solo de piano e mais adiante a agradável utilização de sintetizadores.

Ao longo destas faixas, composição e improvisação avançam sempre intimamente articuladas, mas está perfeitamente claro que esta é uma música «de estilo», mais do que de perícia expositiva — os temas melódicos não são meras plataformas sugestivas de «viagens» solistas, mas verdadeiros determinantes de sentido, em que o que realmente importa é a criação de conjunto, vindo os solos acrescentar a individualização dos subsídios de cada músico.

Tais características expressam uma outra, e basilar na música de Dejohnette, o inteligente entrecruzamento entre tradição e inovação, entre o legado do jazz e a irreverência extrafronteiras. Assim, este «Álbum, Álbum», sendo arreigadamente jazzístico, tem igualmente as características do estilismo musical contemporâneo. De facto, a música que os Special Edition estão a tocar, integra-se por inteiro nas tendências do jazz que se faz um pouco por todo o lado neste momento, e que se têm marcado pelo derrubar da antiga separação do que em música é popular — origem sociológica do jazz — e do que é erudito (não sendo acidental que a música dita «séria» tenha estado desde princípios do século a absorver a cultura musical jazz — um pioneiro terá sido Gershwin, mais uma comprovação o trabalho actual de Philip Glass). Nesse sentido, como classificar a música que hoje anda a criar Anthony Davis? Jazz? Erudita?

Em meio a esta questão, a editora deste disco tem tido um papel crucial no baralhar e tornar a dar as cartas. O que a ECM tem feito é agarrar nos músicos de jazz com novas perspectivações e novas concepções da sua música, para assim confluir num produto musical outro, sem demarcações, num verdadeiro processo de universalização. O purismo jazzístico não tem gostado disso, e é verdade que muitos resultados do esforço renovador da ECM têm sido bizarras mediocridades, mas sem dúvida alguma que veio acrescentar ao mundo da música propostas válidas, como esta de Jack Dejohnette e dos Special Edition, que nos refazem plenamente de algumas desilusões que os títulos ECM nos possam causar.

(FICHA: «Álbum, Álbum», Jack Dejohnette/Special Edition, ECM)

Special Edition: A partir da esquerda, David Murray,, Howard Johnsson, Rufus Reid, Jack Dejhonette e John Purcell

Concurso para subsídios ao teatro aberto até 15 de Junho

O Ministério da Cultura anunciou a abertura até 15 de Junho do concurso para a atribuição de subsídios regulares e de montagem ao teatro profissional, para o período entre 1 de Setembro 1985 e 31 de Agosto de 1986.

Os processos de candidatura e o regulamento da atribuição dos subsídios, indicam uma nota do Ministério, estão à disposição dos interessados no Fundo de Teatro e nas delegações regionais do Ministério da Cultura.

A mesma nota refere que o concurso se realiza «na sequência de uma análise, feita no âmbito do Conselho de Teatro, do condicionalismo a que está sujeita a actividade teatral» em Portugal e «da resposta ou precariedade da resposta que encontra por parte do público».

Em vista dessa análise, o ministério recomendou, através de circular, aos grupos e companhias concorrentes a adopção de medidas tendentes a conseguir «uma melhoria da situação e do rendimento do teatro».

Entre outras medidas, o Ministério propõe a aglutinação, cuja «necessidade» realça, de «várias entidades em torno de projectos comuns» e a «contratação, por parte das companhias estabelecidas de encenadores e actores qualificados», embora sem a consequente integração destes nos respectivos elencos permanentes.

No caso concreto dos encenadores, a circular enviada augura que a sua contratação «possa contribuir para o enriquecimento do projecto de origem» dos grupos.

Quanto aos actores, a sua contratação poderá, na óptica do MMinistério, contribuir para «melhorar a composição e o nível» do elenco.

Outra das propostas do ministério às companhias aponta para o recurso por estas a «salas de espectáculos com uma corrente de público, em que as despesas de aquisição de material e outros encargos de manutenção se apresentem reduzidos».

Quanto ao reportório, prescreve a circular que «a escolha das peças seja susceptível, para além do mais, de interessar outras entidades nacionais e estrangeiras, com vista a diversificação das fontes de financiamento do espectáculo».

É ainda recomendado «um melhor aproveitamento dos profissionais de teatro actualmente disponíveis, que por variadas razões não se têm visto devidamente enquadrados na actividade teatral».

Informação

«PORTUGAL 85»

Feira Internacional de Lisboa
7 a 16 de Junho de 1985

Desconto de 50% nos bilhetes de ida e volta

O certame «PORTUGAL 85» — a realizar em Lisboa nos pavilhões da FIL, de 7 a 16 de Junho próximo — constitui uma feira das Regiões com apresentação pública dos aspectos culturais, económicos e sociais de todas as Zonas do nosso País.
No sentido de facilitar as deslocações das pessoas que pretendam visitar a «PORTUGAL 85», os Caminhos de Ferro Portugueses concedem um desconto de 50% nos bilhetes de ida e volta, de qualquer ponto do País para as estações de LISBOA (Santa Apolónia, Rossio e Terreiro do Paço), nos comboios directos, regionais e rápidos.
Este bilhete de ida e volta pode ser adquirido durante os dias daquele período e a validação para a viagem de regresso implica obrigatoriamente que o bilhete seja carimbado no «stand» da CP, na FIL, acrescendo — para o caso dos comboios com reserva de lugar — o cumprimento dessa formalidade nas estações.

Lisboa, 24 de Maio de 1985.

Caminhos de Ferro Portugueses

Concerto do Grupo da Oficina Musical no Centro de Arte Moderna (26/5/85). Intérpretes: Eduardo Lucena, Maurício Dias Noites (flautas), Américo Aguiar (clarinete), Carlos Voss (percussão), Jorge Martins (piano, instrumentos de tecla), Carlos Fontes, José Manuel da Costa Santos (violinos), José Luís Duarte (viola), Gizela Neves (violoncelo), Adriano Aguiar (contrabaixo). Direcção: Álvaro Salazar

Concerto da Oficina Musical com direcção de Álvaro Salazar

Mário Vieira de Carvalho

Com origem na América do Norte e dadas a conhecer entre nós nos finais da década de 70, as chamadas «músicas repetitivas» baseiam-se em módulos rítmicos, harmónicos, melódicos, que se repetem para assim dizer indefinidamente, no âmbito de uma dinâmica estável, ao mesmo tempo que vão mudando quase imperceptivelmente de feição. A «repetição» é mera aparência, é ponto de referência de uma constante mudança. Por um lado, não há «princípio» nem «fim», não há roturas, conflitos, afrontamento de ideias contraditórias, não há contrastes, não há desenvolvimento, não há «drama»: só um fluir imperturbável, tranquilo, encantatório, um rio que segue o seu curso... Por outro lado, se o rio é sempre o mesmo, certo é que a água **corre,** ou seja, é sempre **outra...**

Na sua obra **Monólogos** (1983), em que pela primeira vez adere ao enunciado repetitivo, Filipe Pires criou algo de verdadeiramente pessoal, não se limitou a experimentar uma receita.

Monólogos são fio ininterrupto da memória, cadeia de pensamentos ou talvez interrogações, unidade de discurso interior, serena contemplação de uma experiência íntima que se desenrola. Sobre a figuração rítmica uniforme de Carlos Voss no vibrafone — percutido com aquele pleno domínio da matéria sonora que exclui toda e qualquer impressão de dureza — o entretecer dos diferentes percursos instrumentais, independentes mas sincrónicos: música interiorizada pelos executantes ou realizada com a seriedade e o rigor que nos sugere essa leitura e nos permite, a nós, auditores, interiorizá-la; soberano domínio da linguagem (no plano da composição e da execução), afirmação de múltiplas potencialidades criadoras a produzirem um todo orgânico, uma síntese, como normalmente só ocorre em contextos socioculturais onde se verifica um desenvolvimento global planificado, integrado, da cultura musical ou onde esta assenta em sólidas raízes tradicionais. Normalmente entre nós há sempre algo ou alguém que «falha», mesmo no meio de resultados já considerados excelentes para a nossa bitola. Aqui não: o trabalho do compositor e o trabalho de cada um dos intérpretes, a consistência da obra e a consistência do grupo que a interpretou, o rendimento de cada uma das partes e o rendimento do todo potenciaram-se mutuamente numa acção coordenada, perfeita, eficaz, de autêntica criação cultural.

Tais resultados ao nível da interpretação/recriação reproduziram-se na obra de Luc Ferrari. **Tautologues** é estruturalmente percurso do individual para o colectivo (di-lo o seu autor). Concebida como «obra aberta», cabe a cada um dos seus dez instrumentistas assumir-se livremente como entidade autónoma, com as suas coordenadas específicas (incluindo um **tempo** próprio). O desenvolvimento do todo resulta da convergência e interacção das evoluções individuais: a tarefa do chefe de orquestra consiste aí em assinalar pontos de viragem para cada um e assegurar a coesão global. A direcção de Álvaro Salazar foi, naturalmente, de uma grande economia, mas o mais difícil — e aí residiu o seu grande mérito — era favorecer a reacção do conjunto aos estímulos individuais, garantir em cada momento as condições para que a obra se criasse. A concentração dos músicos e do maestro transmitiu-se ao público, que acompanhou a fase final dir-se-ia de respiração suspensa.

Do individual para o colectivo

Com numerosas obras explicitamente ligadas a uma temática política, e que são testemunho da sua militância de homem de esquerda, não seria de estranhar que Luc Ferrari tivesse pensado **Tautologues** como alegoria a um dos princípios consagrados no Manifesto Comunista: o de que na sociedade do futuro o livre desenvolvimento de cada um é condição do livre desenvolvimento de todos. Este princípio, muitas vezes «lido» ou «compreendido» ao contrário (ocorrem-me a este respeito pertinentes considerações de um escritor contemporâneo da RDA, Stephan Hermlin), ou seja, como se lá estivesse escrito que o desenvolvimento de todos é que é condição para o livre desenvolvimento de cada um, é, na música, uma aquisição relativamente recente e situa-se nos antípodas do dodecafonismo de Schoenberg e do subsequente serialismo integral teorizado por Boulez em **Penser la musique aujourd'hui** (1963). Neste sentido, ambos — Schoenberg e Boulez — representam não a ruptura com o conceito tradicional de **composição** musical, mas a sua recuperação moderna: os módulos seriais (para as alturas, em Schoenberg, e para todas as variáveis, em Boulez) **pré-determinam** estritamente a configuração do todo e, sobretudo, a marcha de cada uma das «vozes» ou «partes», como já as regras da harmonia funcional a pré-determinavam em Bach. Assim, as sombras tutelares que pairam sobre esta obra de Luc Ferrari e sobre a já referida de Filipe Pires seriam as de Mahler, Debussy ou Stravinsky: estes, mais do que Schoenberg, estariam agora, nos anos 80, a «apadrinhar» algumas das tendências mais representativas da música contemporânea.

A consciência disto terá ditado a organização do programa do concerto, que abria precisamente com uma obra de Stravinsky: **Três peças para quarteto de cordas** (1914). A primeira destas peças é, aliás, um exemplo de construção por **sobreposição** que reencontramos nas obras de Filipe Pires e Luc Ferrari. No caso de Stravinsky o elemento estocástico (o «acaso» das coincidências desfasadas de diferentes «vozes» autónomas sobrepostas) é, para assim dizer, simulado, uma vez que o compositor **fixou** o resultado final na partitura. Na obra de Filipe Pires e, mais essencialmente ainda, na de Luc Ferrari, esse elemento estocástico é consubstancial à própria execução: a obra vai-se fazendo à medida que é tocada, as constelações produzidas pela sobreposição dos discursos instrumentais podem ser sempre diferentes...

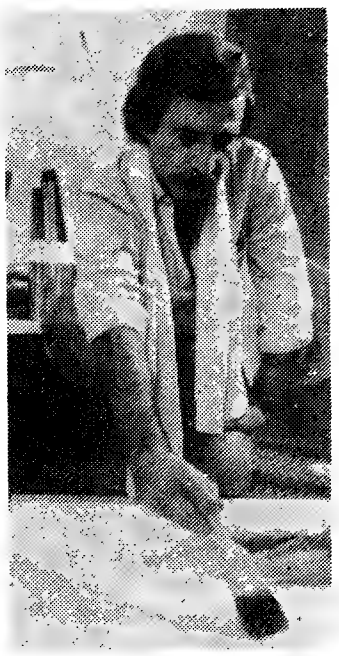
A obra de Stravinsky foi interpretada pelo Quarteto do Porto — continuemos a chamar-lhe assim — que renasceu no âmbito da Oficina Musical, graças ao empenhamento artístico de Carlos Fontes (primeiro violino) e José Luís Duarte (viola), duas «traves mestras» da formação original, compreendendo Cunha e Silva (segundo violino) e o saudoso Carlos Figueiredo (violoncelo). Sucedem a estes, agora, respectivamente José Manuel da Costa Santos e Gisela Neves, e o menos que se pode dizer é que o Quarteto do Porto continua, e mostra estar preparado para retomar em força a sua missão.

Uma das suas coroas de glória, que reeditou agora como Quarteto da Oficina Musical, é a **Suite Rústica n.º 2** de Lopes-Graça, uma obra que, nas palavras de Constança Capdeville, «testemunha e reafirma até que ponto Lopes-Graça sabe, como ninguém, captar a música do seu povo, e, como ninguém, sabe transmiti-la e sublimá-la». Em oposição às obras de Filipe Pires e Luc Ferrari abundam aqui os contrastes, os conflitos, as contradições. A ideia de processo em marcha a breve trecho interrompido, para não dizer **reprimido,** a catarse que não se dá (porque se abre um parêntesis súbito para reflectir) são característicos de Lopes Graça, mormente nas obras em que se faz porta-voz musical do seu povo ou, melhor ainda, em que se debate com o devir histórico e a idiossincrasia desse mesmo povo. **A Suite Rústica n.º 2** é simultaneamente amor, reflexão e protesto, talvez também esperança e desengano.

O programa compreendia ainda uma primeira audição: **Momentos-Memórias I** de Cândido Lima. Trata-se de uma recapitulação do trabalho de dez anos, disperso sobretudo em música de teatro, composta pelo autor para diferentes peças. Domina nela a agressividade, a inquietação, por sobre uma certa teatralidade. A obra, aliás encomenda da Oficina Musical, foi realizada aparentemente com a mesma segurança das restantes.

Atingida a sua maturidade artística, o Grupo da Oficina Musical prova que os princípios de honestidade, rigor, trabalho em profundidade e em pormenor frutificaram. Num país em degradação e sem projecto, no qual o oportunismo, a incompetência e a irresponsabilidade alastram, esta experiência tem o valor de um símbolo que se projecta para além da música (de resto, a música só é importante em função do resto e não como fim em si): é assim que se trabalha, é assim que se produz, é assim que se cria.

Pintura e desenho na Varandinha d'Alfama



Joaquim Baltazar

«Cortinas-Aqui» é a exposição de desenho e pintura de Joaquim Baltasar que está patente, na Varandinha D'Alfama, situada no Beco da Corvinha naquele bairro típico de Lisboa. Segundo palavras do artista «a linha apetecida, quase silenciosa, será sempre o traço real do meu querer»

«Será o grito no campo do inexplicável ou a estrada lírica onde se desenvolvem as grandes paixões românticas. Dos grandes espaços abertos perdurarão para sempre a linha azul indelével, os horizontes largos da suprema alegria, a expressão eterna, poética e gestual de imagens fulgurantes e regeneradoras».

Joaquim Baltasar nasceu em Atouguia da Baleia, em 1945. Estudou pintura e escultura na ESBAL, onde se licenciou em arquitectura. A partir de 1971 passou a dedicar-se a trablhos de concepção, «design» gráfico e decoração. Trabalhou como artista gráfico, capista e catagista na então Secretaria de Estado da Informação e Turismo, depois de 1974, na Direcção-Geral de Divulgação e na Direcção-Geral de Comunicação Social.

Colabora com trabalho gráfico em diversos jornais, revistas empresas, e executa capas e ilustrações para várias editoras portuguesas. Dedica-se à pintura a partir de 1969, estando as suas obras, trabalhos de desenho, aguarela, guache, óleo e acrílico, representados em colecções privadas.

Sociedade Goethe reuniu em Weimer especialistas de 16 países

Realizou-se, nos finais de Maio, em Weimar (RDA), a Assembleia Geral da Sociedade de Goethe. A reunião, registou a presença de 1300 membros, durou 3 dias, e nela participaram estudiosos e admiradores de Goethe provenientes de 16 países. As reuniões da Assembleia Geral da Sociedade de Goethe converteram-se num foro internacional para a investigação, conservação e divulgação do legado humanista de Johann Wolfang Goethe. Os participantes, distribuídos por 12 grupos de trabalho analisaram e discutiram a influência de Goethe na filosofia e na poesia do século XX.

Informação

FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL EM FUTEBOL — 10 de Junho

Respondendo ao interesse que aquele acontecimento está despertando, a C.P. porá, para além das circulações normais, à disposição dos Senhores passageiros duas circulações especiais..

Uma com partida de Porto (Campanhã) às 7.35 h e chegada a Lisboa (Santa Apolónia) às 11.20 h, respeitando as mesmas paragens do c.º22.

A outra circulação especial, com partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 21.22 h e paragens em Pombal, Alfarelos, Coimbra, Pampilhosa, Aveiro, Estarreja, Ovar, Espinho, Gaia e Porto (Campanhã).

Caminhos de Ferro Portugueses

O Bando representa Almada

OS CÁGADOS, de **Almada Negreiros.** Versão cénica, Encenação e Cenografia: **João Brites.** Colaboração na cenografia: **Isabel Carretas.** Técnica vocal: **Luís Pedro Faro.** Interpretação: **Antónia Terrinha, Cândido Ferreira** e **Paula Só.** Músico: **Jorge Laurentino.** Grupo **O Bando.** Estreia: Comuna, 18.5.1985.

Carlos Porto

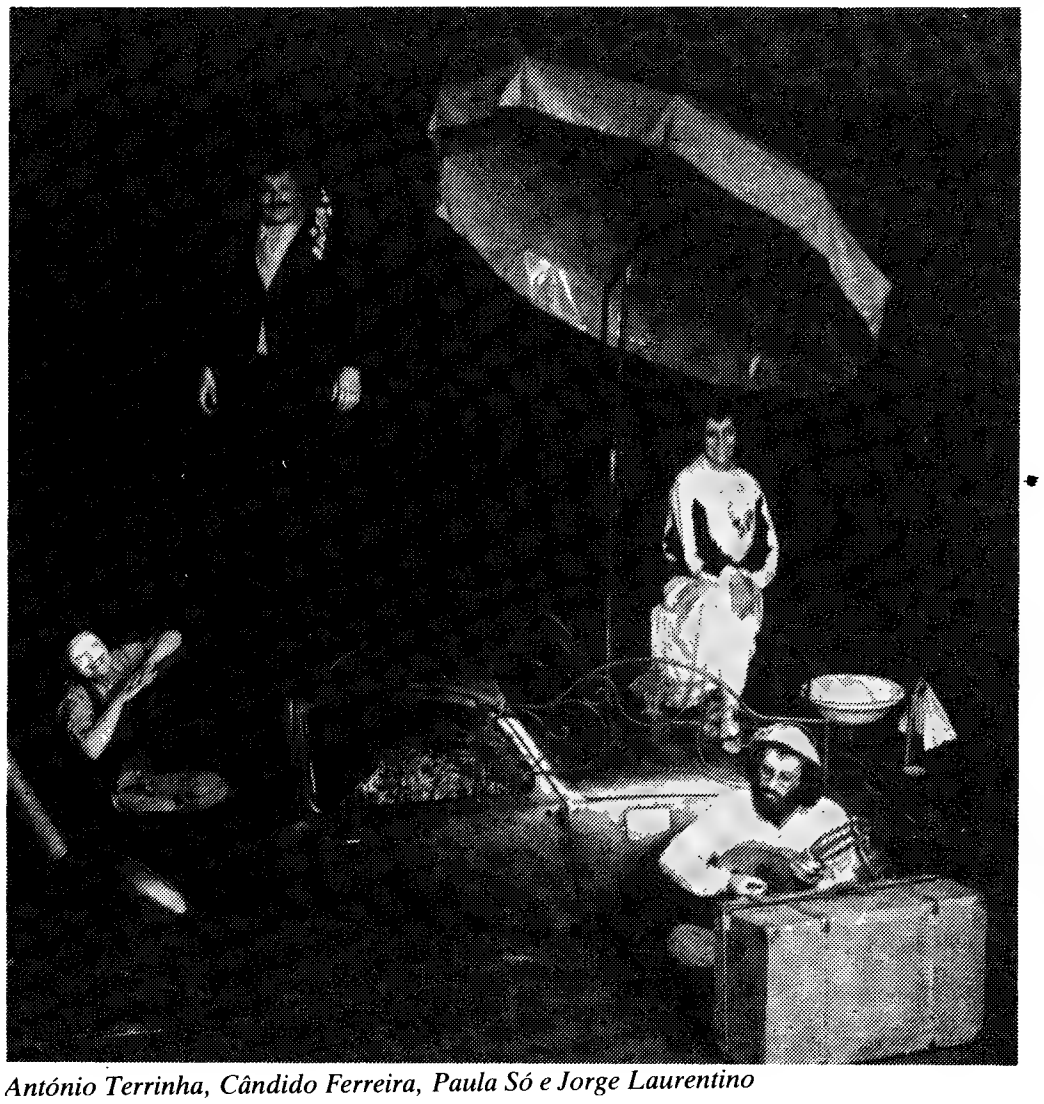
«O Cágado» é uma história de Almada Negreiros publicada na revista ABC em 1921 e incluída no 1.º vol. das Obras Completas da Estampa. Em cinco páginas, Almada conta a história de um «homem que era muito senhor da sua vontade» e que um dia encontrou um cágado. Era a primeira vez que via semelhante animal e por isso pensou que tinha uma boa história para contar em casa. A meio do caminho lembrou-se de que se calhar não iam acreditar nele. Resolveu por isso voltar para trás a ver se descobria o dito. Este é que não foi na história e enfiou-se no primeiro buraco que estava à mão, ou à pata. O homem que era muito senhor da sua vontade resolveu ir atrás do bicho. Pegou numa pá e fartou-se de tirar terra até que descobriu estar do outro lado do planeta num país muito esquisito onde as pessoas andavam ao contrário, ou seja, de pernas para o ar. Por isso resolveu meter-se outra vez no buraco e regressar a casa. Mas como a terra que ele retirara para fazer o buraco cobrira a cidade, a casa, a família ele teve que pegar outra vez na pá para pôr tudo como estava. Ao tirar a última pàzada o que havia ele de descobrir? O cágado, é claro.

Foi desta história que O Bando fez o seu último espectáculo utilizando um «Wolkeswagen» semienterrado no solo. O jogo com o carro, as pàzadas não de terra, mas de desperdício, outro símbolo da nossa civilização, o guarda-sol que se abre cheio de luzinhas, são o melhor do espectáculo, para além do texto que, no entanto, não surgiu tão clarificado como talvez fosse desejável sobretudo tendo em atenção os espectadores mais pequenos, aos quais o espectáculo prioritariamente se dirige.

No entanto, o que menos me agradou foi o facto de a encenação não ter sabido aproveitar uma das principais ideias do texto: fazer com que o mundo fosse visto de pernas para o ar. Creio que o truque teria sido possível e daria logo uma outra graça ao espectáculo. Por outro lado, mas concomitantemente, voltámos a observar aqui o sacrifício do elemento lúdico que o teatro deve ter, e em especial o teatro para crianças. O próprio humor do texto, que é um humor de absurdo, não chega a ter uma relação cenicamente forte, comunicante, com o público, pelo que me pareceu.

Não deixando de ser um espectáculo que possui um nível pouco vulgar, não revela todavia uma riqueza de imaginário, de satírico, de crítico, de cómico, que os espectáculos anteriores levantavam. Isto tendo em conta o alto nível desses espectáculos e que torna ociosa a referência de que também este é um espectáculo para ver e dar a ver.

Antónia Terrinha, Cândido Ferreira e Paula Só são, como de costume, os cúmplices de João Brites agora na recriação deste Almada atravessado pelo non-sense de um cágado indiferente apesar de vivo.



António Terrinha, Cândido Ferreira, Paula Só e Jorge Laurentino

"O dia em que Alfredo virou de mão"

FININHO MAS JEITOSINHO, de **João Bettencourt.** Adaptação: **César de Oliveira e Raul Solnado.** Encenação: **Carlos César.** Cenografia: **Octávio Clérigo.** Interpretação: **Carlos Miguel, Simone de Oliveira, Carlos César, Filipe Ferrer, David Silva, Paulo César, Lio Senna, Cristina Oliveira, Isabel Ribas e António Cordeiro.** Produção: **Carlos Santos.** Estreia: **Teatro ABC —** 10.5.1985.

Este espectáculo parece ser um bom exemplo de teatro comercial à portuguesa (a expressão teatro comercial continua a fazer engulhos: usemo-la para darmos os nomes aos bois). É evidente que «Fininho mas Jeitosinho» nasceu não apenas de uma outra forma de comunicação, a televisão, mas de um segmento dela, o programa «1, 2, 3», e, neste, da participação de um actor, Carlos Miguel. Foi do êxito que este obteve ao longo do programa, êxito que tem à primeira vista muito de pre-fabricado, que nasceu o espectáculo do «ABC». A começar pelo título, que não tem nada a ver com o da peça brasileira, que dei a esta crónica, mas sim com a alcunha que deram ao intérprete do programa de Carlos Cruz. Aliás, junto da bilheteira do «ABC» está fixado um painel com fotos da participação de Carlos Miguel no programa da RTP o que é bem significativo do aproveitamento pelo teatro de um sucesso da televisão.

Portanto, era preciso arranjar um texto para este actor que se transformara numa personagem popular. Este texto veio do Brasil de um autor já representado em Portugal, João Bettencourt. Claro que foi necessário fazer uma adaptação, e de tal maneira que da peça brasileira, quero crê-lo, pouco terá ficado além do esquema dramático. Essa adaptação vai de resto ao ponto de se coadunar com as características não só do actor-chave como de outros intérpretes, caso de Simone de Oliveira, pondo em confronto a altura dos dois intérpretes. Um actor, uma companhia, um texto — era preciso arranjar um encenador. Carlos Avilez foi o escolhido. No entanto, houve problemas, naturais nestas circunstâncias, e o director do TEC desistiu a meio sendo substituído por Carlos César (outro artista a quem a imagem televisiva tem ajudado). Este, em declarações à Imprensa, disse ter aceite o trabalho já feito, especialmente, em relação ao cenário, por razões económicas, o que justifica algumas dúvidas no que se refere à paternidade deste trabalho, pelos vistos divisível. Não tem importância: o espectáculo dispensava requintes de encenação bastando-lhe uma ajuda no sentido de tornar o produto atraente, quer dizer, rendível. A julgar pelos resultados obtidos na estreia, a tarefa foi bem cumprida.

Das relações do actor com o espectáculo comercial parece-me sobretudo significativo o que é dito no programa a propósito de Carlos Miguel: «Ao público, aos empresários, à crítica, já se tinha revelado como um actor inteligente, sensível (...) mas o seu «momento», o seu «número», a altura em que a audiência **descobre** o actor tardou a chegar. Levou exactamente 26 anos a chegar! e, curiosamente, não foi o palco mas a televisão que o revelou através de um popular programa da RTP.»

Então não é curioso que alguns responsáveis venham confessar que durante 26 anos não foram capazes de aproveitar (no melhor ou no pior sentido) as virtualidades de um actor e que foi preciso a televisão fazê-lo para que esse actor tivesse as honras do **«podium» do espectáculo.** Aliás, esta linguagem de recordes desportivos também é bem sintomática dos tempos que vivemos. Ainda em relação ao programa, tenha-se em conta que nele não figura qualquer nota sobre o autor da peça, outro aspecto interessante desta operação.

Estes aspectos, laterais ao espectáculo, dão-lhe já alguma importância sob o ponto de vista de produção teatral, mas há nele outras hipóteses de leitura, estas mais de carácter sociológico. Não se deve pensar que só a revista exprime tensões, desoculta linhas de força, abre pistas do nosso quotidiano; fá-lo a maior parte do nosso teatro e em especial o teatro caracterizado, como este, por uma apetência de comunicação imediata com um grande número de espectadores.

«Fininho mas Jeitosinho» levanta a seguinte situação: o sócio de uma empresa é vítima da tendência de se deixar levar pelos outros. Um psicanalista dá-lhe um conselho para ultrapassar esse problema que ele concretiza com surpreendentes (sê-lo-ão?) resultados. Bastar-lhe-á fingir que é homossexual para que os maçadores batam em retirada. Como se calcula esta táctica conduz à desocultação de situações de recalcamento das quais a mais curiosa é a que diz respeito à do contabilista da empresa que manifesta, quase imediatamente, as suas tendências homossexuais que ninguém conhecia, nem ele sequer. E isto é curioso porque esta personagem era um recalcado por razões de classe: só quando o chefe, o patrão, parece manifestar o que seria o seu autêntico «eu sexual» é que o subalterno tem coragem de se revelar tal como é. Outro aspecto curioso desta trama tem a ver com o facto de um negócio importante da empresa com uma outra, depender de um conjunto de situações de homossexualidade, aspecto que levanta um véu em relação a uma problemática que está ainda por estudar mas que talvez não seja tão insignificante como se possa pensar. Mas o que no espectáculo é mais importante, em termos genéricos, foi o acolhimento que o público lhe deu apesar das constantes transgressões das normas vigentes, todas vivamente aplaudidas. Mesmo descontando a camada especial do público de estreia que enchia o «ABC», não há dúvida ter havido uma receptividade sem peias por parte da imensa maioria do público. E, no entanto, quantos daqueles espectadores não apoiaram (ou não justificaram), por exemplo, as pressões feitas para que a televisão não apresentasse o filme programado para o dia 12, «O carteiro toca sempre duas vezes»? Quantos daqueles espectadores não protestaram por causa dos inocentes «palavrões» ditos em «Chuva na Areia»? Dir-se-ia haver, na nossa sociedade, uma moral paralela como há uma economia paralela e que, ao fim e ao cabo, é essa moral que prevalece. De certo modo, este espectáculo não deixa de constituir um sintoma das transformações profundas por que está a passar a sociedade portuguesa. Não se entenderia, de outro modo, que o público risse e aplaudisse situações e expressões deste jaez: «Vai para a p. que te pariu» — isto dito por uma personagem da classe média interpretada por Simone de Oliveira (o que não é indiferente ao facto) pelo telefone à sua própria mãe, facto de que ela só teve conhecimento depois da frase dita mas que foi o que provocou maior hilaridade; e esta outra frase, dita por Carlos Miguel: «Cá em casa, antes de se comer a filha, come-se o pai», o que parece o cúmulo de expressão libertina, isto sob o ponto de vista da moral tradicional que é suposto ser aquela que os portugueses, incluem os lisboetas do Parque Mayer, frequentam e defendem. De resto, e apesar disso, um ponto existe que, com estas transformações, parece inamovível: o machismo. Há dúvidas sobre qual seria a reacção do público se em vez de situações de homossexualismo masculino se se tratasse de homossexualismo feminino? Há dúvidas porque é do primeiro que o teatro, este teatro, se atreve a tratar (é claro que um espectáculo intelectual como a peça de Fassbinder se situa a outro nível de repercussão pública)?

De resto, o espectáculo é aquilo que se calcula, já que foi feito para ser um êxito que pode atingir os números de «Super-Silva». A adaptação pareceu-me boa na linha escolhida (com um ou outro pormenor a mais: helénico-rosático, por exemplo); há um ritmo que se mantém e que é ajudado pelas soluções simples e eficazes encontradas para as alterações das cenas; há sobretudo um naipe de actores que dominam a técnica da comunicação teatral que aqui funciona em pleno. É o caso, claro, de Carlos Miguel que talvez não seja capaz de fazer mais do que isto mas faz isto bastante bem, utilizando todo o corpo como fonte permanente, embora repetitiva, de expressões. É pena que por vezes os registos utilizados sejam demasiado elementares, como o de pegarem no actor ao colo ou fazê-lo dar voltas como se fosse um bebé. Mas o público continua a gostar disto e é para ele que o espectáculo é feito.

Carlos Miguel está bem acompanhado por Carlos César, David Silva e Paulo César. Simone de Oliveira e Filipe Ferrer utilizam registos mais discretos, mais expressivos por parte do actor, embora por vezes Ferrer se deixe contaminar pelo ambiente utilizando tiques que não se coadunam com a sua habitual discreção. Isabel Ribas acompanha bem este conjunto de actores, completado por Lia Senna, Cristina de Oliveira e António Cordeiro.

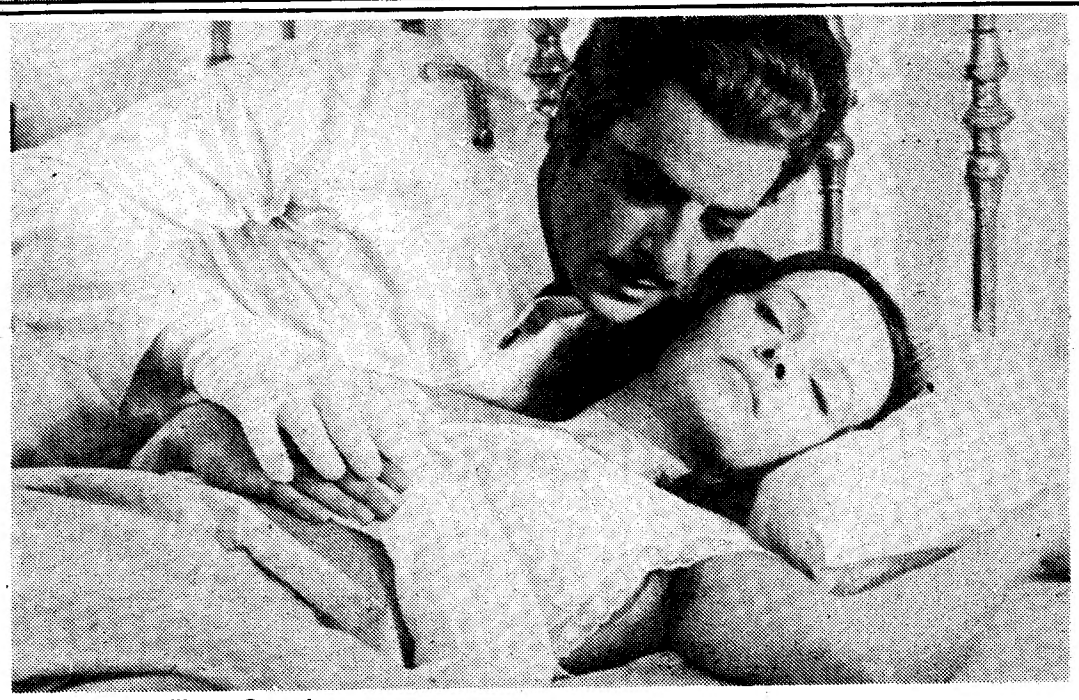
O cenário de Octávio Clérico funcional como o exigia a encenação mas com tendências para a facilidade no que diz respeito aos fundos pintados com paisagens de Lisboa. Chamo a atenção para dois bancos que estão colocados de tal maneira que por vezes cortam as pernas das personagens, o que é bastante feio.

Enfim um espectáculo para os admiradores de Carlos Miguel, para os que gostam de bulevar bem representado, para os que gostam de estudar no teatro algumas das linhas com que nos cosemos.

CARLOS PORTO

Caminhos de Ferro Portugueses

DL CINEMAS



Uma cena do filme «Sexo Louco».
Realização de DINO RISI, com LAURA ANTONELLI e GIANCARLO GIANNINI.
Em exibição no Estúdio 444

Ⓟ

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffe
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 3

JERRY, TU ÉS LOUCO
de Jerry Lewis
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa Club

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
de B.W.L. Norton
(para maiores de 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Apolo 70

— T. 763319

HOTEL NEW HAMPSHIRE
de Tony Richardson
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 e 24 h

Avila

— T. 539930

O FIO DA NAVALHA
de John Byrum
(para maiores de 12 anos)
14.30, 17, 19.15, 21.45 e 24 h

Avis

— T. 547163

COLCHÃO EM DELÍRIO
de Jacques Lem
(para maiores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

ANNIE HALL
de Woody Allen
(não acons. men. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitólio

— T. 372358

AS FANÁTICAS DO SEXO
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

A RAPARIGA DO TAMBOR
de George Roy Hill
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

O MENINO SELVAGEM
de François Truffaut
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
FIM-DE-SEMANA ESCALDANTE
de Larry Spiegel
(n. ac. a men. de 18 anos)
24 h

Cine Camões

— T. 324194

UMA LUZ NAS TREVAS
(n. acons. men. de 13 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

RUAS SELVAGENS
de Daniel Steinmann
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

A CONSPIRAÇAO DE LONDRES
de James Hill e David Greene
(para maiores de 12 anos)
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Amnistia

OS TARADOS DO RIO LOUCO
de Robert Butler
(para maiores de 12 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O MARGINAL
de Jacques Deray
(para maiores de 12 anos)
15.30, 21.30 e 24 h

City Cine

— T. 549999

UM CADÁVER NA SOBREMESA
de Robert Moore
(n. ac. a men. de 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O UIVO DA FERA
de Joe Dante
(para maiores de 18 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O GRANDE MESTRE DO KUNG-FU
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

CIDADE ARDENTE
de Richard Benjamin
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
15.30 e 21.30 h
AS IRMÃS 18.30 h
de Margarethe Von Trotta
(para maiores de 13 anos)

Estúdio 444

— T. 779095

SEXO LOUCO
de Dino Risi
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21.30 e 24 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

NA SENDA DO VÍCIO
de Henry Hathaway
(para maiores de 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 3

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

Auditório 1

ANA
de António Reis e Margarida Cordeiro
(para maiores de 12 anos)
14.30 e 18 h

Auditório 2

FÉRIAS TENTADORAS
de Annelisc Meineche
(n. ac. a men. de 18 anos)
19 e 22 h

Gemini

— T. 734009

JERRY, TU ÉS LOUCO
de Jerry Lewis
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A MULHER PUBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

CIDADE ARDENTE
de Richard Benjamin
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

AMÁDEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Montecarlo

— T. 681117

VIVA A MÚSICA
(não acon. men. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
de B. W. L. Norton
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

RELAÇÕES ESCALDANTES
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olímpia

— T. 325309

TAXI GIRLS
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas

Pathé

— T. 821933

O MAIS DURO DO TEXAS
de Richard Fleischer
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
A ÁGUIA INVENCÍVEL
(para maiores de 18 anos)
24 h

Politeama

— T. 326305

AS MOTOS DIABÓLICAS
de Richard Rush
(não acons. men. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora

— T. 637180

AS SUPERMULHERES
de Robert O'Neil
(para maiores de 18 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

Sala 1

O BAILE
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
O REGRESSO DO AVENTUREIRO
de Herbert Ross
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 2

O TERCEIRO TIRO
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 12 anos)
15, 17 e 19 h
O HOMEM QUE SABIA DE MAIS 21.15 h
(para maiores de 12 anos)
DRÁCULA, O PRÍNCIPE DAS TREVAS
(para maiores de 18 anos)
21.30 h

Sala 3

UM AMOR NA ALEMANHA
de Andrzej Wajda
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O COMPANHEIRO
de Peter Yates
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 4

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
O REGRESSO À BEM-AMADA
de Jean-François Adam
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Quinteto

— T. 573407

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
OS CAVALEIROS DO ASFALTO
de Martin Scorsese
(n. ac. a men. de 18 anos)
24 h

Restelo

— T. 610375

SOLTEIROS.. E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
15.30 e 21.30 h

Roma

— T. 889192

HOTEL NEW HAMPSHIRE
de Tony Richardson
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

PICANTE... MAS NÃO MUITO
de Sergio Martino
(n. ac. a men. de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

CIDADE ARDENTE
de Richard Benjamin
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21 h

Sala 3

ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

ASAS DA LIBERDADE
de Alan Parker
(para maiores de 18 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

A RAPARIGA DO TAMBOR
de George Roy Hill
(para maiores de 16 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

ESCOLA PARTICULAR
de Noel Black
(para maiores de 12 anos)
15, 17.30, 21.45 e 24 h

Vox

— T. 880808

OS SELVAGENS DA NOITE
(não acons. men. 18 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480

RUAS SELVAGENS
de Daniel Steinmann
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

INFIELMENTE TUA
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
COLÉGIO DE JOVENS
de André Farwagi
(para maiores de 13 anos)
24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «Baby — O Segredo da Floresta Perdida», às 15.30 e 21.30 (maiores de 6 anos)
AMADORA — Cine-Tetro Lido — «A Mulher Pública», às 15.30 e 21.30 (maiores de 18 anos)
AMADORA — Cine Plaza — «Passagem para a Índia», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «A Esfinge», às 24 h (n. ac. a men. 13 anos)
AMADORA — Babilónia — «O Maior Espião da História», às 15.15, 18.15 e 21.30 (n. ac. a men. de 13 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Arthur, o Alegre Conquistador», às 15 e 21.30 (n. ac. a men. de 13 anos) — «Sexta-Feira 13» às 23 (maiores de 18 anos)
MEM MARTINS — Cine Chaby — «As Deportadas no Campo Nazi», às 21.30 (maiores de 18 anos).
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «A Mulher de Vermelho», às 21.30 (maiores de 12 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — 2000 — «2010 — O Ano do Contacto», às 15.30 e 21.30 (maiores de 6 anos) — «Três Homens a Abater», às 23.45 (n. ac. a men. de 18 anos)
ALGÉS — Stadium — «O Inspector Martelada», às 21.30 (não acons. men. 13 anos)
PAÇO D'ARCOS — Cine Chaplin — «Os Implacáveis Exterminadores», 21.15 (maiores de 12 anos) — «Impacto Súbito», às 24 (maiores de 16 anos)
OEIRAS — Oeiras Cine — «Gente Gira», às 21.15 (maiores de 12 anos) — «A Ferro e Fogo», às 24 (n. ac. a men. de 18 anos)
CARCAVELOS — Atlântida — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «João Broncas e os Malucos da Bola», às 24 (maiores de 12 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL — São João — «Solteiros... e Tarados», às 15.30 e 21.30 (maiores de 16 anos)
ESTORIL — Casino — «Encontro com o Amor», às 17 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CASCAIS — Impala — «Momento da Verdade», às 16 e 21.30 (maiores de 12 anos) — **«Como Dormem os Bravos», às 24 h (maiores de 18 anos).**
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Encontro Com o Amor», às 15.15 e 21.30 (maiores de 12 anos) — Sala 2 — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.45 (maiores de 12 anos)
CASCAIS — Oxford — «Comando Especial: Homem a Abater», às 16 e 21.30 (maiores de 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «O Jogo dos Abutres», às 24 (n. ac. a men. 18 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «O Caça-Polícias», às 15.30, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «A Esfinge», às 24 h (não ac. a men. de 13 anos)
ALMADA — Incrível — «Terra Sangrenta», às 15.30 e 21.15 (maiores de 16 anos) — «Um Casal de... Três», às 24 h (maiores de 16 anos)
COSTA DE CAPARICA — Silcine — «Paris, Texas», às 15.30 e 21.45 (maiores de 12 anos) — «O Monstro», às 24 (maiores de 18 anos)
COSTA DA CAPARICA — Caparica Oceano — Sala 1 — «A Melhor Casa de Prazer do Texas», às 15.45 e 21.30 (maiores de 13 anos) — Sala 2 — «Aos Nossos Amores», às 16.15 e 21.45 (maiores de 12 anos)

Farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES: Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (T. 882868); **ALCÂNTARA: Bairrão**, R. Prior do Crato, 27 (T. 661321); **ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra**, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel**, P. Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA: Morão**, R. da Assunção, 17-19 (T. 878269); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA: Central da Lapa**, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: R. J. Ribeiro**, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres**, Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **BRANDOA -AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A.

REFORÇO

ALFAMA: Costa, R. Escolas Gerais, 88-A; **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO: Dilena**, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE: Sanex**, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO: Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Benfica**, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE: Almeida**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: Berna**, Av. de Berna, 44-A (T. 773568); **MADRE DE DEUS: Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA: Carrondo**, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **PRÍNCIPE REAL - SÃO BENTO: Confiança**, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernades, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional 10, bloco A, loja A (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Mira**, P. Jorge Af. (T. 20427). Permanente; **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Soromenho**, R. Machado Santos, 24 (T. 22691). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, B. das Caixas de Previdência, bloco A (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Romeiro, Urbanização Casal de São Brás, lote 116. Permanente; **São Jorge**, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 938703). Até às 22 horas; **Soares Correia**, E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 965566). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias

MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

DL TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — — Tel. 89 70 17
(De quarta a sábado, às 21.45).
«CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL».

Teatro Nacional D. Maria II

Praça D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

(De segunda a sábado às 21.30. Sábados e domingos, às 16.00).

«O GEBO E A SOMBRA». De Raul Brandão. Cenários de JOÃO HOGAN, figurinos de TERESA PAULO e música e execução de CARLOS PAREDES — 12 anos.

Sala Garret
às 18.30

ELA NÃO SABIA SONHAR de Denise CHALEN. Encenação de Jacinto Ramos.

Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75
(Hoje, às 21.30, e depois de 15 de Junho).

«O CAPOTE», de Gogol.
Encenação Joaquim Benite.
Interpretação: António Mota, Canto e Castro, Carlos Gonçalves, João Teodósio e Luís Vicente.

Teatro do Nosso Tempo

R. José Fontana — Tel. 57 40 37

(Às quintas, sextas e sábados, às 21.45).
«CANDIDATURA ZERO», interpretada por Adélia Loureiro, António Vasco, Elisa Lisboa e Maria José Pascoal.

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).
«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM.**

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).
«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 32 00

(De terça a sábado, às 21.30.)

«A NOITE DAS TRÍBADES», de Per Olov Enqvist. Encenação de Fernanda Lapa. Cenários e figurinos de Jasmim com Françoise Ariel, António Capeto, Alexandre Sousa e Margarida Carpinteiro.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).
«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. **(12 anos).**

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

(De terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00).
«O BEIJO DA MULHER ARANHA».

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 14 (ao Bairro Alto) — Tel. 66 15 15/66 92 05

(De terça a sábado, às 21.00; domingos às 16.00.)

«RICARDO III», de Shakespeare.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão Oliveira — Tel. 63 99 74

(Todos os sábados, domingos e feriados, às 16.00).
«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE D'EL-REI TADINHO».

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

(De terça a sexta, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.45).
«BOEING! BOEING!», de Marc Camoletti. Adapt.: César de Oliveira e Raul Solnado.

Teatro do Século

R. Século 41

De terça a sábado às 21.30

«ARTIMANHAS DE SCAPIN» de MOLIÉRE. Encenação de Rogério Carvalho. Cenografia de José Manuel Castanheira. Figurinos de Michel Ribó.

Teatro Experimental de Cascais

Espaço TEC — Tel. 286 79 33

Sextas e sábados, às 21.30; domingos às 17.00.)

«ARRAIA MIÚDA», de Jaime Gralheiro.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 720818

(Quintas, sextas e sábados, às 21.15. Domingos, às 17)
«QUATRO PARA QUATRO»

(Sábados e Domingos, ás 15.00)
«HISTÓRIA DE UMA COZINHA»

Teatro da Graça

Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)

«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00
(Sábados e domingos, às 11.00)

«O CAMINHO DO COMBOIO». Criação colectiva de Celina Afonso, Eurico Pires e Victor Pi. Grupo **Fio d'Água.**

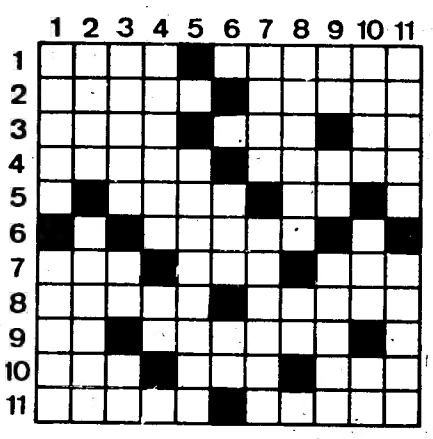
Ultimas sessões com este espectáculo para crianças.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 450

HORIZONTAIS:

1 No lugar em que. Lastimam.
2 Costumara. Inutiliza.
3 Moeda de Diu. Título de uma das mais belas tragédias de Corneille. Ondas curtas.
4 Leito de viagem. Gemera.
5 Freguesia do concelho de Barcelos. Nosso Senhor.
6 Rogava.
7 Vai para fora. Cidade da Alemanha. Recusa.
8 Padiola onde se transportam as imagens dos santos nas procissões. Torna a atar.
9 Item. Minguas.
10 Conceder. Camareira. Vai ao chão.
11 Restos mortais. Triturais.



VERTICAIS:

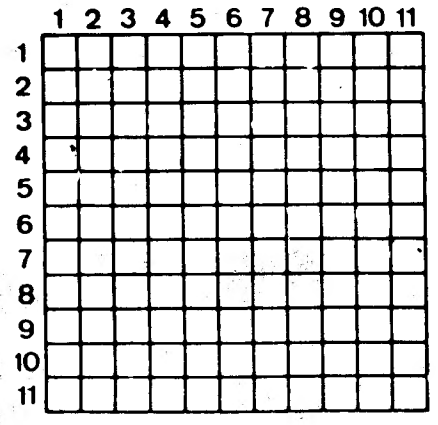
1 Cidade do Japão. Saliente.
2 Comentário. Retruques (pop).
3 Mete na cama. Idem. Reis.
4 Tesouro público. Grande ribeira da Ásia Russa.
5 Vaguearias.
6 Ilha da Polinésia. Niquel (s.q).
7 Cidade da Holanda. Humilham.
8 Nome de mulher. Duas vogais desiguais.
9 Ruténio (s.q). Carta de jogar. Aparece.
10 Impulso. Catálogo (abrev). Nesse lugar.
11 Aborrecer. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 290

HORIZONTAIS:

1 Antigo peso de Malaca. Curas.
2 Género de crustáceos. Pronome pessoal. Cidade dos Países Baixos.
3 Caruma. Agarrar.
4 Senhor. Reis. Progénie que abrange várias famílias (ind).
5 Que é do ar. Tempo do verbo ir.
6 Disfarçaras.
7 Apelido.
8 Ouro (s.q). Pesquisar. Lantânio (s.q).
9 Suspiro. Nesse lugar. Prata (s.q).
10 Equipar. Livre.
11 Costumaras. Camareiras.



VERTICAIS:

1 Atravessa. Guardas segredo.
2 Aguces. Letra grega.
3 Caminha para cá. Víscera dupla. Estime.
4 Lavrem. Remar para trás.
5 Vé. Ave da família dos cotíngidas. Rádio (s.q).
6 O lado do vento. Folha de ferro estanhada.
7 Apelido, Aguentais (pop).
8 Preposição e artigo. Grande quantidade. Autores.
9 Feixe de luz do Sol (pl). Cinquenta e um em romano.
10 Acrescentaras. Limpa com água.
11 Tempo do verbo ser. Feiticeiros.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 449

HORIZONTAIS:

1 Saram. Moçar.
2 Atei. O. Urrô.
3 BEM. Goa. Irá.
4 Aiora. Jesus.
5 Aru. Uta.
6 Pui.
7 Niari. NUNCA.
8 Fases. Alais.
9 Ao. Anti.
10 Bar. Otava.
11 Acamássemos.

VERTICAIS:

1 Sabá. ENFADA.
2 Ateia. Ião.
3 Remordas. Ba.
4 Aí. Ru. Re. Am.
5 Ga. Pisara.
6 Oó. Nu.
7 Já. Inatos.
8 Ou. Eu. Ulite.
9 Cristina. Am.
10 Arrua. Ci. V.º
11 Roas. Castas.

PROVÉRBIO: O bem nunca enfada.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 289

HORIZONTAIS:

1 Sanar. Sopas.
2 Adoro. Adega.
3 Tom. Ricas.
4 Agem. Leoas.
5 Amara. Ur.
6 Remo. Az.
7 Marau. Calim.
8 Lia. Nuas. Ri.
9 Arcai. Redor.
10 Deã. Au. Lãs.
11 As. Im. Morar.

VERTICAIS:

1 Sapa. Calada.
2 Ad. Ga. Aires.
3 Notem. Raça.
4 Aromara.
5 Mor. Reuniam.
6 Mal.
7 Sare. Ocar.
8 Odiou. Aselo.
9 Pecar. Dar.
10 Agás. Airosa.
11 Sãs. Izmir.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Informação regional; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: Automobilismo; **21.00**: Movimento; **21.30**: Livre e directo; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: A música de piano na era romântica; **16.00**: Música do século XX; **16.33**: Solos de viola dedilhada; **16.45**: Árias de óperas, de Donizetti; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.30**: Música de todos os quadrantes; **18.00**: Poesia; **18.05**: Música vocal; **18.40**: Música de tecla; **19.00**: Música, de Chopin; **19.30**: As palavras dos músicos; **20.00**: Ciclo barroco; **20.40**: Antologia dos músicos portugueses; **21.30**: Discurso do feminino; **22.30**: Música de viola dedilhada; **23.00**: Música sinfónica; **00.00**: 5 canções, de Schubert; **00.25**: Suite n.º 3, em dó maior, BWV 1009, de Bach; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Automóvel Clube de Portugal; **20.00**: Conta corrente; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Passatempo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé de vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Musonautas; **22.00**: Blues index; **23.00**: Musical; **24.00**: Só congelo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Opção; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entre-Campos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Porto belo; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

SÁBADO TELEVISÃO

RTP 1

18,00 — «Tempo dos Mais Novos»

Apresentação de segmentos de «Pequenos Automóveis», «Trajectórias» e «O Mágico», integrados na série «A Ilha das Crianças». Exibição de «A a Z» desenho animado de Charles Jones. Na qualidade de convidado, Nuno Pires comenta os perigos que representa para as crianças conduzir veículos com velocidade excessiva.

18.35 — «Notícias»

Primeira síntese informativa da tarde.

18,55 — «Ténis»

Transmissão da meia-final singular homens dos Campeonatos Internacionais de França, de Roland Garros.

20,00 — «Telejornal»

É o principal serviço noticioso da RTP.

20,30 — «Boletim Meteorológico»

20,35 — «Direito de Antena»

Vamos ouvir o que têm para nos dizer o PSD e a Associação Portuguesa dos Armadores da Marinha Mercante.

20,50 — «A Sucessora»

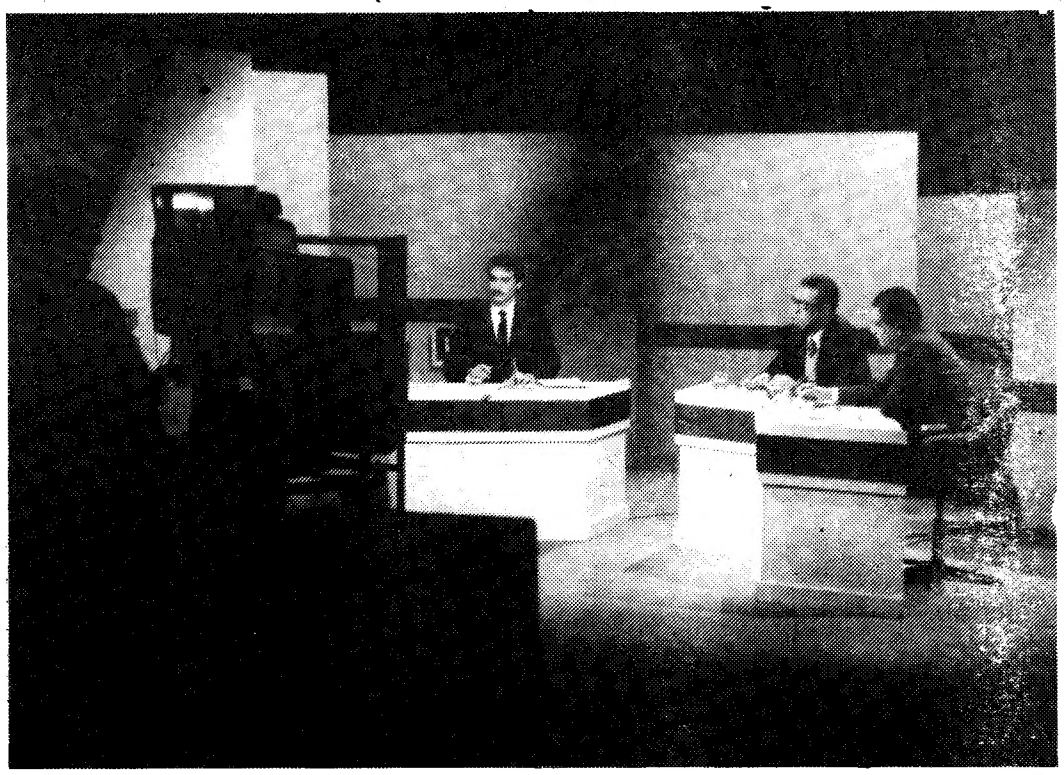
Logo pela manhã, Juliana procura o dr. Moretti no seu consultório. E também ela não quer acreditar no que ouve quando o médico lhe diz que Marina está grávida. Na mansão, Vasco resolve ter uma conversa com Germana. E diz-lhe que já não quer ir aos Estados Unidos, que prefere ficar no Rio a tratar dos seus negócios. Ao princípio ela suspeita de que é por causa de alguma das suas amigas que afinal resolveu não ir ao torneio de ténis. Mas quando ele lhe garante que não, ela fica toda satisfeita e acha que obteve uma vitória. Marina já se sente bem. Só não se levanta poruqe a não deixam, porque o médico lhe recomendou muito repouso. No consultório, o médico pede a Juliana que lhe entregue as páginas que faltam no diário de Alice. E só acredita que não foi ela que as arrancou quando a governanta jura pela alma da falecida senhora Stein. Consequentemente, só pode ter sido Lúcia ou Roberto, e o médico inclina-se para esta última hipótese. Mas Juliana nega veementemente tal possibilidade. E o dr. Moretti acaba por admitir: a menos que... para nos fazer sofrer, a própria Alice, antes de morrer, tenha arrancado as páginas — e com isto lançado a discórdia e desconfiança entre nós. Seria realmente um jogo diabólico, muito a seu gosto... Miguel vai ter Marina e leva Luísa consigo. Os dois acabam por encontrar-se com Adélia e Pedro Montes e o clima que se gera é tudo menos agradável! Quando Adélia arrasta Pedro para longe da sua «rival», esta comenta para Miguel, com simulada ingenuidade. É ciúme. Ela é igualzinha a você. Só que ela não disfarça e você faz questão de não demonstrar...

Quando os dois voltam a casa, ele mal fala com D. Guilhermina e escapa-se logo para o quarto. Ela quer saber o que se passa e Luísa conta-lhe a rir a cena que houve lá na mansão. No entanto, mais tarde vai ao quarto dele para lhe levar um marcador de livros que cortou e decorou com as suas próprias mãos. Miguel fica enternecido. E, mais manso, conta a D. Guilhermina o que se passa com Marina. Diz-lhe da gravidez, que não tem coragem para ser ela a falar disso à prima, e pede-lhe que tenha uma conversa com ela. A boa senhora diz logo que sim. Mas antes de partir vai para a cozinha fazer um bolo, pois nem numa emergência concebe ir a casa de alguém com as mãos a abanar...

21,30 — «50 Anos do Pato Donald»

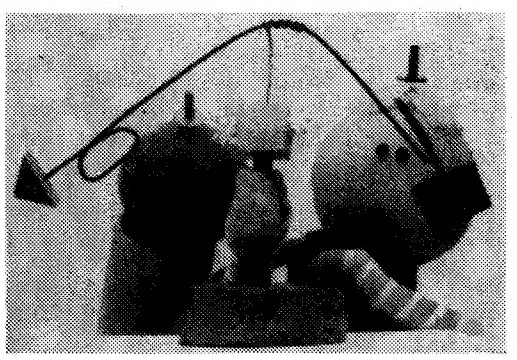
Ao longo deste programa desfilam várias figuras criadas por Walt Disney. Ainda a presença de diversos artistas portugueses: Paco Bandeira, Grupo «Os Campinos» do Vale de Santarém, Susy Paula, Rão Kyao, Coro Infatil-TAP, Carlos Mendes, Maria da Fé, Tonicha, Heróis do Mar, Michell, Nuno e Henrique.

23,05 — «Último Jornal»



Hoje há «Directo/2»

«50 anos do Pato Donald»: homenagem da RTP-1



«A Ilha das Crianças» é exibida no tempo dos mais novos

RTP 2

19.30 — Desenhos animados

«Os Filhos da Pantera Cor-de-Rosa»

20.05 — A minha vida no Klondike

Frank e Laura continuam o namoro, apesar dos amigos serem da opinião que o seu casamento será um fracasso, pois não acreditam no «amor e uma cabana.»

21.00 — DIRECTO/2

22.30 — Jornal da noite

AMANHÃ

RTP-1

11,00 — «Tempo dos Mais Novos»
14,05 — «O Pai Murphy»
14,50 — «Revista de Touros»
15,20 — «Você e o seu Coração»
15,55 — «Memória da Fundação da Nacionalidade — 10 de Junho»
16,35 — «XII Prémio Lausanne»
17,10 — «História das Invenções»
18,05 — «A Semana que Vem»
19,10 — «Aquele Bar»
19,45 — «Totoloto»
20,35 — «Ventos de Guerra»
21,30 — «Homenagem a D. Afonso Henriques»
23,50 — «Última Sessão — Até ao Amanhecer»

RTP-2

13,00 — «Troféu»
20,00 — «RTP/Brasil»
20,25 — «D. Quixote»
21,15 — «O Renascimento»

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B ● R. de Macau, 8-1.º LISBOA

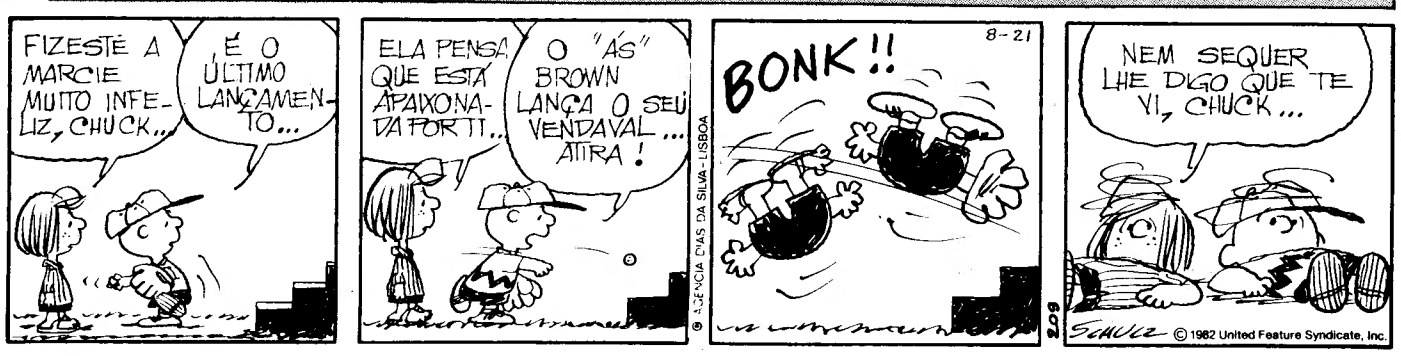
SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU
Se quer parar de beber o problema é nosso.
Venha falar connosco, venha a uma reunião dos
ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
2.as 4.as 6.as às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 — 21.30 «50 Anos do Pato Dnald»
RTP 2 — 20.05 A minha vida no Klondike
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

PORTE PAGO
Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 / 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21). Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPOSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
06.07 **3,50 m**	11.31 **1,30 m**
18.24 **3,80 m**	

Dia 8

06.57 **3,30 m**	00.16 **1,30 m**
19.26 **3,60 m**	12.33 **1,50 m**

Arquitecto António Serrano morre atropelado em Lisboa

O jovem arquitecto António Pires Lisboa Serrano, de 28 anos, autor do projecto de monumento ao 25 de Abril que foi escolhido para a Rotunda das Olaias, morreu ontem à noite, atropelado, numa rua de Lisboa.

António Serrano, nascido em Penha Garcia em 1957, concluiu o seu curso na ESBAL em 1981, distinguindo-se desde o início da sua carreira profissonal. Em colaboração com Maria José Jacinto, ganhou o 1.º prémio do concurso de **design** de jogos e brinquedos, da Direcção-Geral de Qualidade, em 1983, e viria depois a ganhar mais dois 1.ºs prémios: o do concurso de Sistemas de Quiosques — tipo (Equipamentos Urbanos) para a Câmara Municipal de Lagos (também em 1983) e, no ano passado, do monumento ao 25 de Abril. Como então noticiámos, o presidente da CML, Krus Abecasis, não terá gostado do projecto, e, apesar de o concurso se ter realizado e de o prémio ter sido atribuído, a Câmara acabou por não ceder o terreno necessário à implantação do monumento.

A morte inesperada do jovem arquitecto causou a mais profunda consternação na sua terra natal, e entre familiares e amigos. Ele trabalhava, desde 1978, no atelier de Daciano da Costa, tendo estado associado aos seus principais projectos.

O funeral sai amanhã, às 10 e 30 da manhã, da Igreja de N. S. de Fátima.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO – 65 687 – 78 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 55 358 – 24 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 15 102 – 9 000 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a proxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA – BRAGA – PORTO – AVEIRO – COIMBRA – SETÚBAL – FARO

APROXIMAÇÕES AO 1º PREMIO

65.686 -837.600$00
65.688 -837.600$00

PREMIOS DE 300 CONTOS

292; 944; 1.700; 2.560; 8.152; 8.545; 13.925; 14.857; 15.005; 15.352; 17.726; 19.676; 20.019; 23.496; 24.621; 25.288 25.938; 29.493; 30.991; 31.487; 32.096; 32.603; 33.028; 33.935; 38.920; 39.587; 48.045; 48.958; 49.177; 49.481; 50.963; 52.976; 54.474; 55.689; 57.588; 57.905; 66.682; 68.693; 73.571; 73.681; 75.168; 75.487; 75.902; 76.294; 81.054; 83.410 e 84.606.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

30.000$00 - 201; 207; 308; 332; 502; 585; 672; 675; 689; 735; 765 e 995
24.000$00 - 102; 358 e 687.
15.000$00 - 13; 34; 45 e 48.
7.200$00 - 7 (terminação)

PREMIOS DE 24.000$00 CENTENAS)

15.101 a 15.200; 55.301 a 55.400; 65.601 a 65.700.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 9 / 12 / 85

ESTA INFORMAÇAO NAO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PREMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 7 / 6 / 85

DIA 14. – Pagam-se os 54.000 contos

do 1.º Prémio da Lotaria na Casa Viola

CASA VIOLA — "A SORTE QUE TOCA"
Lisboa – Braga – Estoril – Viseu
Correio para: Av. Central, 87 – 4700 Braga

DECLARAS

ALMEIDA SANTOS reafirmou hoje a disposição do Partido Socialista em «assegurar a normalidade do governo». Num artigo publicado no «Diário de Notícias», o ministro de Estado acusou a nova direcção do PSD de «suspender unilateralmente os anteriores acordos» e recorda que as catorze medidas apresentadas pelo PS foram aceites pelos sociais-democratas, com «uma curiosa excepção: esta consiste na recusa em confirmar a validade, em todas as suas consequências, do acordo firmado entre os dois partidos em 4 de Junho de 1983». Para Almeida Santos, isto deve-se ao facto de uma cláusula desse acordo vincular o seu partido «a não apoiar um candidato presidencial que pusesse em causa os compromissos dos dois partidos resultantes do mesmo acordo».

MARGARET THATCHER apresentou já, ao Parlamento, uma série de medidas destinadas a pôr cobro aos incidentes nos campos de futebol, os quais se têm vindo a multiplicar na Grã-Bretanha e que atingiram a sua expressão máxima em Bruxelas, no jogo Liverpool - Juventus. Entre as medidas apresentadas pela primeira-ministra contam-se a proibição de bebidas alcoólicas nos recintos de futebol e nas vias de acesso a estes, a instalação de um circuito fechado de televisão e a atribuição de poderes à Polícia para limitar o número de portões de entrada. Thatcher tem, ainda, vindo a discutir com os responsáveis pelo futebol britânico a possibilidade da criação de um cartão de espectador.

STEVIE WONDER é a «vedeta» actual da segurança rodoviária espanhola. Com efeito, uma canção do conhecido compositor e cantor — «Don't Drive Drunk» (Não Conduzas Bêbado) — serve de base à campanha desencadeada pela direcção espanhola de Viação para convencer os automobilistas a reduzirem o consumo do álcool. «Don't Drive Drunk» é apresentada em vídeo gravado com Stevie Wonder em Los Angeles. Wonder, que não cobrou dinheiro pela gravação do anúncio, não pode estar presente na cerimónia de lançamento, por se encontrar nas Bahamas a gravar um disco com Julio Iglesias.

VLADIMIR DJANIBEKOV é o comandante da nave «Soyuz T-13» ontem lançada para o espaço e de cujo programa fazem parte trabalhos conjuntos com a plataforma científica orbital «Saliut-7» que se encontra em estado de conservação. O coronel Djanibekov, de 43 anos, nasceu no Uzbequistão, uma República soviética da Ásia Central, tendo, em 1970, entrado para um destacamento de cosmonautas que, entre 1978 e 1984, efectuou quatro voos espaciais. Djanibekov é duas vezes herói da URSS e comandou as duas expedições internacionais que contaram com a participação de cosmonautas da Mongólia e da França.

MIGUEL TORGA pode vir a ser o candidato dos países de língua portuguesa ao Prémio Nobel da Literatura. Pelo menos assim o afirmou Diogo Pires Aurélio numa conferência realizada na Universidade Eduardo Mondlane, no Maputo. O jornalista e professor da Universidade Nova de Lisboa, precisou, a propósito, que a candidatura de Torga é apoiada por aqueles países. Pires Aurélio deslocou-se a Moçambique para apresentar a «nova gramática do português contemporâneo», tendo, na sua conferência, em Maputo, citado os principais escritores portugueses contemporâneos. Uma das conclusões do debate então travado foi a de que o livro português é praticamente desconhecido em Moçambique.

MOTA PINTO foi ontem homenageado numa sessão solene realizada por iniciativa da Câmara de Pombal. A homenagem contou com a presença de Carlos Melancia, ministro do Equipamento Social, em representação de Mário Soares, de Barbosa de Melo, dos familiares mais próximos de Mota Pinto e de todo o elenco camarário. Durante a sessão foi descerrada uma lápide na casa onde viveu o antigo vice-primeiro-ministro, na antiga Rua de Coimbra que, a partir de ontem, se passou a chamar Rua Professor Mota Pinto.

Sacerdotes portuguees visitam a União Soviética

A convite da Associação Portugal-URSS, no dia 4 de Junho partiu, para a União Soviética, uma delegação de sacerdotes portugueses, constituída pelos seguintes padres: dr. António Fontes, de Montalegre, Trás-os-Montes; dr. Manuel Ribeiro, assistente nacional da LOC; dr. Constantino Alves, de Setúbal, dirigente sindical; e pelo pastor protestante da Figueira da Foz, vice-presidente do Conselho Mundial das Igrejas, dr. José Manuel Leite.

Na sua estadia terão oportunidade de contactar com a realidade social e religiosa da União Soviética. Estão previstos encontros com responsáveis da Igreja Ortodoxa, Católica, Evangelista, Baptista e outras. Terão encontros com a Comissão dos Assuntos Religiosos do Conselho de Ministros, Patriarcado de Moscovo, Conselho da Paz, vice-ministro da Cultura, União das Associações Soviéticas de Amizade, etc.

Acampamento do MDP

Organizado pelo MDP/CDE está a decorrer até ao dia 10 o 3.º Acampamento Nacional, daquel partido, no Monte da Barca, em Coruche. O objectivo principal é o convívio próprio de uma iniciativa deste tipo, ou seja, «reunir companheiros e amigos e vários democratas sem partido», como nos referiu Jaime Carvalho, d[illegible] de Santarém daquele partido, e que tem a seu cargo a montagem das estruturas necessárias.

Mas um facto que supomos inédito marcará este 3.º Acampamento Nacional do MDP: é que ali reunirá — ao ar livre, portanto — o conselho nacional, órgão mais importante entre congressos, que integra 200 elementos de todo o País.

Claro que, se o tempo o não permitir, o MDP/CDE tem outras alternativas para reunir aquele órgão fora do alcance das intempéries.

A parte política assume este ano particular importância no programa desta iniciativa, não só pelo facto de se realizar a reunião do conselho nacional como, especialmente, pela situação política de instabilidade governativa que se está a gerar desde há alguns dias.